



Karina Xavier/Folha press

BRASILEIROS RECORREM A SOBRAS E CARCAÇAS PARA SE ALIMENTAREM DIANTE DE INFLAÇÃO E DESEMPREGO

Josefa da Silva em sua casa em Osasco (SP), onde todos da família estão sem trabalho e vivendo de Auxílio Brasil e de bicos; ela diz que depende de doações para comer restos Mercado A13

Benefícios de pacote devem chegar antes à classe média

Foco eleitoral de Jair Bolsonaro (PL), os mais pobres podem demorar mais para sentir o efeito dos pacotes de benefícios lançados pelo governo, apontam economistas. A classe média deve se favorecer antes de corte de preço da energia e de combustíveis. Impacto é incerto em alimentos, gasto principal na renda mais baixa. Mercado A12



Cena de 'Crimes do Futuro' Nilton Nilton/Divulgação

Vencer no 1º turno evitaria golpe, diz Lula a senadores

Líder nas pesquisas, petista busca apoio formal de MDB, PSD e União Brasil

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse a senadores que uma vitória sua no primeiro turno é crucial para estancar ameaças de ruptura democrática feitas pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) e seus apoiadores, segundo participantes do encontro.

A declaração feita ontem em almoço em Brasília do qual participou o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), foi um argumento para que mais partidos se endossassem. O petista afirmou buscar apoio formal de PSD, MDB e União Brasil.

Lula tinha 53% das intenções de voto válidas na pesquisa do Datafolha de 23 de junho — três pontos a mais do que os 50% necessários para selar a vitória na primeira etapa. A margem de erro do levantamento foi de dois pontos para mais ou menos.

Além do PSD de Pacheco e Gilberto Kassab e do União Brasil de Luciano Bivar, com quem diz ter pontes, Lula almeja que o MDB abra mão da candidatura de Simone Tebet, que tem 1% das preferências se considerados os votos válidos. Política A4

Congresso aprova PEC, e emergência é mantida no texto

Após passar no Senado, a PEC que libera R\$ 41,3 bilhões em gastos do governo foi aprovada em 2º turno na Câmara. Os deputados rejeitaram a expressão para suprimir a expressão "estado de emergência", que permitirá ao Executivo furar o teto. Mercado A14

Ilustrada C1 a C3
David Cronenberg choca e faz pensar com visceras à mostra em 'Crimes do Futuro'

Turismo C8
Rede Fasano lança roteiros focados em arte de museus em BH e seus arredores

Pros cita Flávio em áudio de possível compra de decisão

Áudios e mensagens que apontam negociação para compra de sentença favorável pelo grupo que dirige o Pros fazem menção a Flávio Bolsonaro (PL) e Karina Kufu, advogada dos Bolsonaros. Flávio não se manifestou, e Kufu nega irregularidade. Política A7

Bolsonaro busca agora tirar foco de caso de petista morto

Aliados de Jair Bolsonaro (PL) buscam afastá-lo da repercussão da morte do petista Marcelo de Arruda, assassinado pelo bolsonarista Jorge Guarani. Eles avaliam que o telefonema a irmãos de Marcelo foi positivo, mas que este deveria ser seu último gesto no caso.

Uma das irmãs de Marcelo, Luziana de Arruda, aponta uso político da conversa dos irmãos como o presidente, que antes tentou minimizar o episódio. "Depois que bate ele resolve consolar". A família de Guarani nega ter havido motivação política no crime. Política A5 e A6

Anvisa libera vacina Coronavac para faixa de 3 a 5 anos

A Anvisa aprovou por unanimidade e sem restrições o uso emergencial da Coronavac para crianças de 3 a 5 anos. O imunizante já era aplicado na faixa de 6 a 17 anos. O pedido do Instituto Butantan para extensão da idade era analisado desde 11 de março. Saúde B1

Inflação nos EUA vai a maior nível em 40 anos

Puxada por gasolina e alimentos, alta de preços foi de 1,3% em junho, e taxa em 12 meses chegou a 9,1%, maior desde novembro de 1978. O mercado espera nova elevação de juros. A15

EDITORIAIS A2

A PEC da reeleição
Sobre a aprovação de novos gastos de R\$ 41,2 bi
Descrença na segurança
Acerta da opinião da população sobre a polícia

ATMOSFERA

São Paulo hoje
26° 13°
0h 6h 12h 18h 24h

Amanhã 13° 27°
Sábado 15° 28°
Domingo 13° 23°

Fonte: www.climatempo.com.br



Diranka Ljapavac/Reuters

PRESIDENTE FOGE, E SRI LANKA DECRETA TOQUE DE RECOLHER ANTE PROTESTOS

Manifestantes comemoram ao invadirem gabinete de premiê, que assumiu interinamente após o presidente, Ranil Wickremesinghe, fugir para as Maldivas; país asiático decretou toque de recolher para tentar conter onda de atos Mundo A10

Anestesiologista pode ser criminoso em série, diz delegada

A delegada Barbara Lomba afirmou que apura cinco outros possíveis abusos cometidos pelo anestesiologista Giovanni Quintela Bezerra no Rio, dois deles no mesmo dia do estupro de uma gestante pelo qual foi preso em flagrante na segunda (11). Cotidiano B2

Ruy Castro Brasileiro precisa ser estudado

Bolsonaro tem razão: o brasileiro precisa ser estudado. Deve ser o único povo que assiste à demolição de seu país, horária, descarada, em todos os níveis, e fica quieto em casa, se tiver uma. Opinião A2



FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Fria

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hédio Schwartzman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Fria e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (financeiro, planejamento e novos negócios), Marcelo Benez (comercial), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais) e Everton Fonseca (tecnologia)

EDITORIAIS

editoriais@grupo.folha.com.br

A PEC da reeleição

Congresso aprova gastos de R\$ 41,2 bilhões para tentar turbinar as chances de Jair Bolsonaro

O Congresso aprovou na noite de quarta (13) mais um ataque descarado às leis de controle do gasto público, à moralidade da disputa política e a princípios da administração. Comandada por Arthur Lira (PP-AL), a Câmara atropelou regras regimentais e votou em segundo turno a Proposta de Emenda à Constituição 15, a PEC "Kamikaze" ou "dos Bilhões".

Na terça (12), o ministro da Economia, Paulo Guedes, disse no Senado que se tratava de uma PEC "virtuosa das bondades". A emenda eleva o valor do Auxílio Brasil de R\$ 400 para R\$ 600 e prevê ajudas para caminhoneiros autônomos, taxistas, consumidores pobres de gás, transporte público e agricultura familiar. O gasto previsto é de até menos R\$ 41,2 bilhões. Os benefícios expiram em dezembro.

Para tais despesas, não se aplicam as leis de controle de gasto público, casuismo em tese fundamentado em outro cambalacho, um "estado de emergência" devido à crise mundial de energia — a alta da inflação, que causa mais miséria, está aí faz anos e meio.

Tal artimanha terá a virtude de desmoralizar ainda mais as normas de limitação do endividamento federal, descredito que começou em fins do ano passado, com a alteração do teto de gastos.

Ainda que se recrie um sistema drível de controle de gasto e dívida, a credibilidade política de uma

nova norma fiscal será, ao menos de início, mais baixa, dada a facilidade oportunista com que se altera mesmo a Constituição. Assim, haverá mais pressão sobre taxas de juros e de câmbio, outro empecilho à retomada do crescimento.

A desmoralização vai além. Mais e mais se normaliza o vale-tudo no mundo da política, tendência muito agravada pela razia institucional promovida por Jair Bolsonaro, abraçada pelo Congresso. A oposição, sem estratégia ou coragem para lidar com o estelionato eleitoral, embarcou no trem para a terra do descabro republicano.

Apesar de ter prazo de validade, a PEC cria mais dificuldades para o próximo governo, que dificilmente cancelará os benefícios assim que tomar posse, o que aumentará a lista de gastos extras agendas para 2023.

Mais do que isso, amplia um programa social de má qualidade: o Auxílio Brasil distribui valores iguais para famílias de tamanhos e condições diferentes, sendo, pois, injusto, entre outros problemas.

A única virtude da PEC foi a de evitar a criação de mais e iníquos subsídios para combustíveis. Até o governo percebeu que era do seu interesse eleitoral aprovar uma PEC menos inepta e injusta. O remendo, contudo, não salva o soneto, mais uma grande obra da arquitetura da destruição bolsonarista da República.

Descrença na segurança

Nos estados mais populosos do país, maioria teme a polícia e apoia o uso de câmara pelos agentes

Pesquisas recentes do Datafolha revelam que a população dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro pensa sobre a segurança pública e a atuação da polícia: ela teme o crime, mas também aqueles que deveriam protegê-la. Deu mal, o levantamento mostra que os moradores estão com medo, mas por razões diferentes. Em São Paulo, temem mais os crimes contra o patrimônio (87% da população); no Rio e em Minas, prevalece o pavor de ser atingido ou ter parentes vítimas de bala perdida (91% e 83%, respectivamente).

O alto índice de sensação de insegurança, comum nos três estados, revela o quanto está espalhada na sociedade o medo de ser vítima de crimes. Em si, isto já é uma falha da política de segurança pública. É plausível supor, no entanto, que a percepção de insegurança, por ser multifatorial, não necessariamente corresponde de forma precisa à realidade em determinada região.

O fato de o medo de bala perdida ser elevado em Minas, apesar de esse tipo de ocorrências ser menos comum do que no Rio, ou o medo de ser assassinado em São Paulo, a despeito das quedas dos índices de homicídio no estado na última década, revelam o descompasso entre sensação e realidade.

Mas não é só o crime que causa apreensão. A maioria nos três estados tem medo de ser vítima de violência praticada pela Polícia Militar (74% no Rio, 68% em São Paulo e 64% em Minas). Entre os paulistas, quem mais teme a polícia são os pretos (77%) e aqueles que ganham até dois salários mínimos (73%) — grupos que costumam ser alvos da letalidade dos agentes.

Para funcionar, a polícia precisa da confiança da população. Mas os altos índices de mortes por agentes e a baixa elucidação de crimes formam um quadro desalentador. Há soluções possíveis, contudo. Mais de 90% da população dos três estados é a favor das câmeras nos uniformes policiais e, apesar de a experiência internacional revelar que não se trata de uma panaceia, resultados como a redução expressiva da letalidade policial em SP após a implantação destes dispositivos apontam caminhos.

Mesmo que às vezes a sensação de insegurança esteja em descompasso com a realidade, a própria amplitude deste temor não deve ser desprezada. Pois corre-se o risco de o medo ser capitaneado por um populismo punitivo, quando a própria população já aponta querer o caminho de melhores políticas de segurança — e não mais medo.



A verdade não nos libertará

Luiz Augusto Campos*

Historicamente, a consolidação das instituições científicas modernas avançou em sintonia com a democracia representativa. Para que a ciência pudesse validar suas teorias contra dogmas religiosos, foi necessária a difusão de liberdades civis básicas, como o direito à opinião e a livre associação. Analogamente, a legitimação dos parlamentos como espaços de discussão se nutriu dos avanços científicos, eles próprios frutos do diálogo e do livre pensar.

Esse compasso, porém, está longe de implicar que a convivência entre democracia e ciência seja sempre harmoniosa. Inúmeras descobertas científicas tiveram consequências antidemocráticas, mesmo que isso contrariasse os valores de seus patronos (a dinamite de Nobel ilustra isso muito bem). Por outro lado, foram muitos os políticos que, democraticamente escolhidos, quiseram submeter as descobertas científicas às razões de Estado (Hitler, por exemplo).

O que une a ciência e a democracia moderna não é a propriedade de

verdades últimas e definitivas, mas certo ceticismo organizado que autoriza e incita a busca por traços da verdade. A verdade não mora inteira e plena em algum lugar onde podemos encontrá-la. Logo, só nos resta buscar seus resquícios a partir de normas de experimentação e debate como as que regem as deliberações políticas e fomentam o desenvolvimento científico.

O que está em jogo nas próximas eleições é justamente a reconstrução dessas normas institucionais que nos permitirão recompor o debate público e reposicionar a ciência brasileira no interior dele. Diferentemente do slogan bíblico-governamental em voga, a verdade não nos libertará — pelo simples fato de que ela não está dada em definitivo. Mas a liberdade orientada por normas e princípios democráticos nos guiará em sua direção.

Esta coluna foi escrita para a campanha #Ciência nas eleições, que celebra o Mês da Ciência. Thiago Amparo cedeu seu espaço hoje. Luiz Augusto Campos é professor de sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ

A dívida com o centrão engordou

Bruno Boghossian

O Congresso entregou a Jair Bolsonaro um segundo tanque de oxigênio. Depois da ajuda para mexer no preço dos combustíveis, aliados do governo deram ao presidente acesso livre aos cofres públicos para pagar um pacote de benefícios sociais durante a campanha eleitoral. O presente aumenta ainda mais a dívida do Planalto com o centrão.

Sete de cada dez deputados votaram a favor de afrouxar regras eleitorais para ajudar Bolsonaro. O governo só conseguiu o placar confortável graças a uma operação coordenada pelos chefes do centrão, com bilhões de reais despejados em reduções políticas dos parlamentares.

O controle sobre a verba das emendas de relator deu ao presidente da Câmara, Arthur Lira, e ao ministro Ciro Nogueira (Casa Civil) uma influência sem precedentes sobre votações no Congresso. Lira ainda completou a jogada com manobras para garantir uma super maioria e evitar que a votação fosse adiada.

O centrão investe na reeleição porque acredita que um segundo

mandato de Bolsonaro garantiria ao bloco uma remuneração generosa. Quando fecharam a aliança com o presidente, esses políticos venderam o diagnóstico de que o governo estava paralisado e que só um grupo de profissionais seria capaz de criar alguma chance de vitória nas urnas. Se o pacote de bondades e outras medidas levarem a uma recuperação que mantenha Bolsonaro no Planalto, a cobrança do centrão virá à altura. Além de mandar no Orçamento e no coração político do governo, o bloco deve abocanhar uma fatia maior de ministérios e ter mais voz na agenda econômica.

Não à toa, Paulo Guedes passou a falar o idioma do centrão. O ministro era contra a driblel das regras do controle de gastos para pagar benefícios eleitorais e chamava o projeto de PEC Kamikaze. Agora, ele diz que o texto deve ser conhecido como "PEC virtuosa das bondades".

Uma vitória de Lula frustraria os planos dos líderes do centrão. Mas a maioria deles sabe como obter um bom retorno em tempos adversos.

O país de Bolsonaro

Ruy Castro

Em 2020, no auge da pandemia sem vacina, sem isolamento e sem controle em seu governo, Jair Bolsonaro declarou que o brasileiro precisava ser estudado. "Ele se joga no esgoto e não pega nada!", ejaculou. A frase nos custou milhares de vidas, mas não seria Bolsonaro a se importar com isso. E eu não diria que o brasileiro deva ser estudado, mas os seguidores dele, sim. Bolsonaro — o profissional, financeiro, sanitário, educacional, moral — ele não pega nada. Tanto que votaram nele.

Um homem é assassinado pelo ódio político insulso por Bolsonaro. Bolsonaro, coerente, culpa o assassinado e se solidariza com o assassino. E o irmão do assassinado, que é eleitor de Bolsonaro, não apenas aceita falar com ele de telefone como afirma que Bolsonaro é contra a violência e não tem nada com o crime. Em que país vive esse sujeito a quem não chegam os discursos de Bolsonaro pregando exatamente o que matou seu irmão?

Em que país vivem seus seguidores, insensíveis à inflação (nos dois dígitos), ao desemprego (11 milhões de pessoas neste momento), à fome (35 milhões) e à pobreza (63 milhões)? E que país é este, semcorrupção, em que todo o dinheiro roubado no passado virou moeda de troca diante dos R\$ 60 bilhões que Bolsonaro já desviou para se reeleger?

Este país é o Brasil, onde, por muitos menos, presidentes se mataram com um tiro no peito e foram depostos ou impichados. É o país que, outrora tão vigilante à menor suspeita de subversão, baderna e terrorismo por grupos clandestinos, assiste bovinamente à prática de tudo isso, só que agora pelo próprio Estado. E é o país em que, outro dia mesmo, milhões estavam gritando nas ruas.

Bolsonaro tem razão: o brasileiro precisa ser estudado. Deve ser hoje o único povo do mundo que assiste à demolição de seu país, horária, descarada, em todos os níveis, e fica quieto em casa, se tiver uma.

Conservar a feição da vida

Mercedes Bustamante

Bióloga, professora da Universidade de Brasília e membro da Academia Brasileira de Ciências

Em julho de 2022, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) abriu o Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), adotados pela ONU em 2015, englobam o combate à pobreza, a proteção do planeta e a garantia de paz e prosperidade para todos até 2030. Entre os 17 ODS, aqueles baseados na biologia sustentam metas sociais, econômicas e ambientais.

Os milhões de espécies da Terra influenciam uma ampla gama de processos ambientais. Ciência, tecnologia e inovação seguem desvendando os ecossistemas, seus componentes e seu funcionamento. Sensores no espaço coletam cada vez mais informações sobre o estado do planeta. Análises de DNA desbravam a diversidade de microrganismos, plantas e animais em todos os ambientes. Ainda assim, ecossistemas estão perdendo biodiversidade a taxas alarmantes pela apropriação humana de recursos naturais, contaminação, perda de habitat e mudança do clima.

A distribuição da biodiversidade global é desigual. Dos 17 países megadiversos (aqueles que abrigam os maiores índices de biodiversidade), 15 estão nos trópicos. Entre eles, o Brasil. É precisamente na faixa tropical onde a destruição ambiental ocorre mais rapidamente. Estimativas recentes indicam que até agora só descreveremos cerca de 10% das plantas e animais tropicais e, com os atuais índices de descoberta, a maioria provavelmente desaparecerá antes de termos consciência de sua existência.

O Brasil pode liderar a ciência tropical e contribuir para a sustentabilidade por meio de infraestrutura, educação e capacitação técnica para a identificação e conservação da biodiversidade e, em especial, pelo intercâmbio entre os sistemas de conhecimento científico e tradicional. Povos indígenas e comunidades locais protegem e cuidam de parte significativa da biodiversidade global. O Brasil conta com cerca de 300 povos originários, associados a pelo menos 274 línguas diferentes. Perder tal riqueza cultural é também perder conhecimentos únicos sobre a nossa riqueza biológica.

Quantas espécies nosso biomas abrigam? Como influenciam e influenciarão os ecossistemas e nossa qualidade de vida? Que interações podem revelar? Precisamos conhecê-las melhor e mais rapidamente para conservar a vida da vida.

Os estudos sobre biodiversidade e ecossistemas preparam o caminho para sociedades sustentáveis e representam um investimento crucial para o futuro.

Esta coluna foi escrita para a campanha #Ciência nas eleições, que celebra o Mês da Ciência. A colunista Maria Hermínia Tavares cedeu o seu espaço hoje.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O terrorismo bate em nossa porta

Bolsonaro estimula ódio e ações violentas com seus discursos inflamados

Luis Carlos Petry e Rudá Ricci

Doutor em comunicação e semiótica, psicanalista e professor aposentado pela PUC-SP

Doutor em ciências sociais e presidente do Instituto Cultiva. Ambos são autores do livro "O Fascismo de Massa" (Editora Kotter)

Os acontecimentos políticos nem sempre são capturados em sua extensão. Muitas vezes, acabam percebidos como eventos isolados. Somente em momentos especiais é possível capturar os nexos e o desenho que formam.

A dificuldade de percepção do todo é ainda mais acentuada em atos de violência política que aparentemente se apresentam desarticulados entre si, principalmente se a autoria é voluntária.

Este é o caso do momento político que vivemos no Brasil, e os eventos começam a se esboçar em cascata. Os assassinatos de Bruno Perreira e Dom Phillips impactaram a opinião pública, mas ainda não foram vinculados ao clima extremista instalado em nosso país.

Formou-se um caldo de cultura da violência e, assim, em 15 de junho, um drone despejou um produto químico em manifestantes que aguardavam a chegada de Lula na cidade mineira de Uberlândia.

Algumas semanas depois, em 6 de julho, um projétil atingiu e perfurou uma das janelas da Redação da Folha, no quarto andar do prédio. No dia seguinte, um fanático atirou uma bomba caseira em ato de Lula no Rio de Janeiro.

Também no dia 7, o carro do juiz federal que decretou a prisão do ex-ministro da Educação Milton Ribeiro foi atacado com fezes e ovos. E chegamos, então, ao assassinato de um dirigente petista que festejava, em lugar fechado, seu aniversário, com festa que tinha o PT como tema. Um pouco antes do crime, o assassino passou de carro em frente ao salão de festas dizendo "Aqui é Bolsonaro" ("Lula ladrão").

Os fatos parecem claramente interligados. O que se vê é o que se denomina de momento estocástico. São fanáticos alimentados por bolhas extremistas ou "câmaras de eco" que disseminam diariamente

o ódio, o racismo e a construção de um mundo paralelo onde a realidade é apresentada como algo nefasto a ser combatido.

O terrorismo estocástico se constrói pelo incentivo à ação direta, ao voluntarismo extremista para eliminar alvos claramente identificados. Ele se caracteriza pela ação pulverizada, autoral, não organizada, mas que apresenta uma lógica que combina radicalização ideológica e mecanismos de massa inconscientes.

No caso brasileiro, há um agravante: o incentivo às ações estocásticas tem a sua fonte nas reiteradas falas do presidente da República. Em meados de maio, Jair Bolsonaro incentivou a violência política afirmando que "um tiro só ou uma granadinha mata todo mundo". No final de maio, em Jataí (GO), simulou cortar o próprio pescoço com um facão.

E, assim, desde 2018, incentiva ações diretas contra seus opositores políticos em uma linha de incitamento ao ódio e a ações isoladas. De acordo com a psicanálise, as falas do líder extremista podem funcionar como disparadores psíquicos de comportamentos violentos por parte de seus liderados que se situam dentro das células autônomas e independentes.

A incitação à ação funciona como uma autorização para o comportamento violento, oferecendo um alvo para as pulsões agressivas de indivíduos isolados na massa. Nisso, a ação individual violenta realiza o desejo do líder.

Assim, ao adentrar na festa de aniversário privada do político petista, o adepto do bolsonarismo reifica a fala do líder, que na campanha eleitoral de 2018, em ato no Acre, exclamou: "Vamos fuzilar a petralhada toda".

O fascismo, lembremos, é mobilizador e popular. Atua sobre personalidades predispostas às quebras de convivência social e de tolerância, como no caso dos sádicos até mesmo daqueles fortemente entediados que procuram adrenalina ou alguma razão para viver.

A lógica fascista tem como método a ativação de elementos irracionais e a autorização psicológica a desastrosos e selvagens, a famosa "licença para torturar e matar". A sequência de atentados e assassinatos indica a urgência de atuação do Ministério Público Federal e das demais instituições brasileiras, no intuito de coibir os discursos de Bolsonaro incentivadores à violência política. É preciso desbaratar as redes de incentivo ao terrorismo estocástico em formação no Brasil.

Houve uma mudança de pata-mão na violência política brasileira na virada do primeiro para o segundo semestre. Não se pode ignorar um ovo da serpente.

[...]

Assim, ao adentrar na festa de aniversário privada do político petista, o adepto do bolsonarismo reifica a fala do líder, que na campanha eleitoral de 2018, em ato no Acre, exclamou: "Vamos fuzilar a petralhada toda".

Imposto alto afasta eleitor

Quanto antes tomarmos ações corretas sobre tributação, mais o país crescerá

Paulo Solmucci

Presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abraser)

Pesquisa de intenção de voto para as eleições deste ano, realizada pelo Instituto FSB Pesquisa para o banco BTG Pactual e divulgada em junho, traz um alerta muito importante para os candidatos que vierem a ser escolhidos em outubro.

Isso porque, além de indicar as preferências dos eleitores em relação aos diferentes nomes na disputa, o levantamento apresenta as maiores preocupações que unem os brasileiros em um momento de crise global, que exige respostas corajosas dos nossos governantes.

Reforo-me especificamente ao fato de que, conforme a pesquisa que ouviu 2.000 pessoas entre os dias 24 e 26 de junho, a carga tributária imposta aos contribuintes é o primeiro ou o segundo maior problema da economia brasileira para 29% dos entrevistados, independentemente dos candidatos nos quais eles pretendem votar. À frente dela aparecem apenas o desemprego e a inflação alta.

Ocorre que o excesso de impostos está diretamente ligado aos preços elevados e à falta de oportunidades de trabalho para a população, pois impõe pesados custos adicionais, reduz a competitividade e limita a capacidade de geração de empregos das empresas.

E, ainda, abre espaço para a con-

corrência desleal dos produtos contrabandeados ou piratados, que não pagam qualquer tributo nem respeitam leis trabalhistas.

Talvez o melhor exemplo dos prejuízos causados por esta distorção seja o cigarro ilícito, que representa quase metade dos produtos consumidos no Brasil, vindos na maioria da maioria do Paraguai, segundo o

[...]

Precisamos de mudanças estruturais e de um novo modelo tributário que efetivamente estimule o crescimento da economia, gere empregos e privilegie os empreendedores e a indústria nacional

Fórum Nacional Contra a Pirataria e a Illegalidade (FNCP).

Para se ter uma ideia, enquanto o produto fabricado legalmente em nosso país paga até 92% em impostos federais e estaduais, no Paraguai a taxa não passa de 20%.

Com isso, o cigarro ilegal custa aqui, em média, 65% menos do que o legal. Só que, em compensação, impede a criação de nada menos do que 173 mil postos de trabalho na cadeia produtiva do tabaco no país, de acordo com a consultoria Oxford Economics.

Além disso, é sempre bom lembrar que o contrabando geralmente está associado a vários outros tipos de crimes — como roubo de cargas e o tráfico internacional de drogas e até de armas —, deixando um rastro de insegurança e violência por onde passa.

Não é à toa, portanto, que a questão dos impostos seja uma das prioridades para os eleitores brasileiros e deva estar também entre os principais objetivos dos governantes. Precisamos de mudanças estruturais e de um novo modelo tributário que efetivamente estimule o crescimento da economia, gere empregos e privilegie os empreendedores e a indústria nacional.

Quanto antes tomarmos as medidas corretas em relação aos impostos, mais o país crescerá.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/painel-do-leitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para o PAINEL DO LEITOR, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



Imagem da nebulosa Carina, localizada a 7.600 anos-luz da Terra, feita pelo telescópio James Webb NASA/APP

Nebulosas

Em destaque na primeira página desta quarta-feira (13), a imagem da colossais nebulosa Carina, revelada pelo telescópio James Webb, que descortina o universo aos olhos humanos de forma inédita. Logo abaixo da portentosa imagem da nebulosa, uma manchete sobre a nebulosa negociada entre o Executivo e o Legislativo, com a cumplicidade do Judiciário, envolvendo a aprovação da PEC eleitoral. Uma nebulosa celestial e magnífica. E uma nebulosa negociada, bem terrenal e indecente.

Túlio Marco Soares Carvalho
(Belo Horizonte, MG)

*

Alguns inimigos do governo federal ou do presidente Bolsonaro chamam de Kamikaze a PEC de benefícios para o povo pobre. Famílias que não estão ganhando nada passarão a receber R\$ 600. Os deputados e senadores que votaram a favor da PEC estão votando a favor dos pobres. Votar "não" seria votar contra os pobres. Comida na mesa de quem tem fome é o que interessa, o resto não tem pressa.

Arcângelo Sforzin Filho (São Paulo, SP)

*

Assassinato no Paraná

"Assimilação de bolsonarista diz que crime em Foz não foi político e que vive pesadelo" (Política, 13/7). Marcelo, que foi covardemente assassinado na festa de seu aniversário, se ainda estivesse vivo, teria vergonha da reação de seus irmãos bolsonaristas. E está claro por que eles não estavam festejando com o irmão.

Ruy Humberto Godoy de Mesquita

(Jaboatão dos Guararapes, PE)

*

Ele vai fazer ronda no clube para invadir e matar quem aluga o salão de festas? Parece que covardia é uma característica notória dos bolsonaristas; os caras não têm coragem para assumir seus atos.

Valdir Teixeira da Silva (São Paulo, SP)

*

A "família" que a reportagem mencionou são bolsonaristas que nem sequer estavam no aniversário do irmão. A família que estava a mulher e filhos — pensa diferente. Realmente não foi crime político, foi atentado político terrorista fundamentalista.

Marcelo Guimarães Martins

(São Paulo, SP)

*

A família do bolsonarista, ou seja, do assassino, foi orientada a afirmar que o crime não foi motivado por razão política porque isso pode agravar a pena, simplesmente isso. Agiram assim para ajudar o seu familiar.

Maria José de Araújo Costa

(Santos, SP)

*

"Ligação de Bolsonaro a irmãos irrita vivas e outros familiares de petista assassinado" (Política, 13/7). Pura hipocrisia e oportunismo político. Bolsonarista, ao saber que parentes da vítima são bolsonaristas, liga para eles para, ao que parece, colher alguma coisa útil para sua campanha eleitoral. Entretanto, nada de solidariedade ou compaixão. Por que ele e o deputado Ottoni de Paula não prestaram condolências à esposa e aos filhos de Marcelo Arruda, que foi assassinado por um dos seus mais ferrenhos seguidores?

Wellington Moreira (Brasília, DF)

Os tradicionais laços de família de brasileiros estão rompidos como nunca antes. A notícia sobre o comportamento dos irmãos bolsonaristas é o exemplo claro disso. É o que está conseguindo a política diabólica de ódio e violência de Bolsonaro.

José Bueno (São Paulo, SP)

*

"O cara que morreu, que estava na festa, jogou pedra no vidro daquele cara". Vejam a fala do "cara" que está na Presidência. E o irmão do petista assassinado ainda está avaliando se vai ou não ao encontro desse "cara"?

Maria da Conceição Rocha

(Vila Velha, ES)

Militares

Tanto voluntarismo, tanta incompetência. Falham no cumprimento das suas atribuições e metem o nariz onde não devem. Bolsonaro e seus milicos amestrados estão transformando em verdade absoluta a piadinha do tempo da ditadura que diz que a expressão "inteligência militar" é uma contradição em termos.

Celso Ballotti (São Paulo, SP)

Fome

A fome no Brasil é estrutural. Somos o segundo maior produtor de alimentos do mundo. E inconcebível o nível de insegurança alimentar e de fome que temos aqui. Isso é o resultado das políticas públicas, é o resultado de um governo que não tem compromisso nenhum com os brasileiros.

Rubens Moreira da Costa Júnior

(São Paulo, SP)

*

Bolsonaro diz que podemos virar uma Venezuela; mas não percebeu ou fingiu não perceber que já viramos.

Gleison Lima (Belo Horizonte, MG)

*

Iludidos votaram neste governo para poder comprar uma pistola 9 mm, "prá botar morão". Hoje não conseguem comprar nem um pepino!

Carlos Artur Felipe (Uberlândia, MG)

*

Este Brasil da fome é o Brasil de Bolsonaro. E uns 20% da população acham o governo ótimo.

Régis Cava (Joinville, SC)

Eleições

Admitindo-se que os resultados das últimas pesquisas de intenção de voto sejam verdadeiros, mostrando uma larga vantagem de Lula sobre Bolsonaro, só se pode concluir que o suposto eleitor entrevistado desconhece por completo os últimos acontecimentos políticos ocorridos nestes pais e então é um total ignorante da realidade nacional.

Sara May (Florianópolis, SC)

Delicadeza

Delicadeza amorosa, contando uma história de vida sem ser piegas. Assim é o obitúrio escrito por Raul Juste Lores sobre sua mãe, Dolorés Lores Meira, a Lolita [Jeito fechado contrastava com a intimidade epistolar], Cotidiano, 13/7. Nestes momentos tão contrários, até um obitúrio bem escrito faz bem para a alma.

Cristina Reggiani

(Santana de Parnaíba, SP)

política

PAINEL

Fábio Zanini

painei@grupofolha.com.br

Costura

O PT avalia que o almoço entre Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e Lula (PT) sela o início de um entendimento de apoio à reeleição do mineiro ao comando do Senado em 2023. No encontro de quase três horas, ambos manifestaram preocupação com a escalada da violência e acertaram de voltar a se falar sempre que a ocasião demandar diálogo. "Pacheco tem se mostrado uma figura equilibrada. Isso o qualifica a ser o candidato apoiado pelo PT", diz o senador Jean Paul Prates (PT-RN).

SAIA JUSTA Antes do almoço, Lula e Geraldo Alckmin (PSB) tiveram encontro com deputados, com cenas inusitadas, como as presenças de Marília Arraes (Solidariedade) e Danilo Cabral (PSB), rivais para o governo pernambucano. Alesandro Molon (PSB), que quer disputar o Senado do Rio contra o PT, também apareceu.

PENSE MELHOR Frustrado por estar sendo preterido na indicação de vice de Fernando Haddad (PT) ao governo de São Paulo, o PSOL passou a considerar dar apoio a Marina Silva (Rede) para a vaga. Os dois partidos formam uma federação, mas os psolistas, por serem maiores, sempre reivindicaram ter a primazia.

TROCO Em reunião na semana passada, o PSDB decidiu fazer uma contribuição financeira "simbólica" à campanha presidencial de Simone Tebet (MDB). Destinará "até" 2,5% de seu fundo eleitoral para o esforço de eleger a emedebista, ou cerca de R\$ 8 milhões.

RIQUEZA Em comparação, campanhas de tucanos para governos estaduais e Senado receberam 40% do fundo de R\$ 320 milhões, enquanto 57,5% irrigarão as de deputados. O PSDB deverá indicar o candidato a vice de Tebet.

LISTA DE DESEJOS Federações de servidores de Judiciário e Ministério Público lançam documento com propostas em defesa do serviço público nesta quinta (14). Em Brasília e quem apresentará lascas candidatas. Entre os pontos estão oposição às ameaças à democracia, defesa da reforma política, revogação do teto e arquivamento da reforma administrativa.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elísios | (012) 02-900 | (11) 3224-3222

Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000

Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080

Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R\$ 1,90	R\$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R\$ 9,90	R\$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R\$ 29,90	R\$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa	Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.
MG, PR, RJ, SP	R\$ 5	R\$ 7
DF, SC	R\$ 5,50	R\$ 8
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6	R\$ 8,50
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 11
Outros estados	R\$ 10	R\$ 11,50
		R\$ 17,64

*A vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,63%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)

353.501 exemplares (maio de 2022)



O ex-presidente Lula, ao centro, com Rodrigo Pacheco (dir.) e líderes da oposição Pedro Ladeira/Folhapress

Lula diz a senadores que vitória em 1º turno é essencial contra golpismo

Em tentativa de atrair a terceira via, PT mira apoio formal de Simone Tebet (MDB), Luciano Bivar (União Brasil) e Kassab (PSD)

BRASÍLIA No almoço com parlamentares aliados e com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse nesta quarta (13) ser essencial uma vitória sua já no primeiro turno para que não prosperem ameaças de ruptura democrática estimuladas por Jair Bolsonaro (PL) e aliados.

Para isso, segundo relatos de pessoas que participaram da conversa, Lula disse que busca apoio formal no primeiro turno de quase toda a chamada terceira via — não só do PSD de Gilberto Kassab e do MDB de Simone Tebet, mas da União Brasil de Luciano Bivar.

Lula esteve terça (12) e quarta em Brasília e participou de diversos encontros políticos, sendo o principal um almoço com Pacheco e parlamentares aliados, na residência oficial da presidência do Senado.

A fala de Lula a senadores se deu após o almoço, em uma roda de conversa em que estavam presentes, além de Pacheco, os senadores Humberto Costa (PT-PE), Jean Paul Prates (PT-RN), Paulo Rocha (PT-PA), Randolfe Rodrigues (Rede-AP) e Alexandre Silveira (PSD-MG), e o deputado federal Reginaldo Lopes (MG), líder da bancada do PT na Câmara.

A Folha obteve o relato da fala de Lula com três dos participantes dessa conversa. Segundo eles, afirmou ter certeza de que obterá apoio de MDB — sob o argumento de que o PT cedeu ao partido em dez arranjos estaduais sem pedir nada em troca — e que tem mantido os pontes com Bivar, que, segundo ele, "odeia" Bolsonaro.

A União Brasil é fruto da fusão do DEM, adversário histórico do PT, e do PSL, que abrigou a eleição de Bolsonaro em 2018. Lula teria dito aos participantes da conversa que, no sentido de evitar arestas com os adversários históricos, não falou uma palavra crítica em relação a ACM Neto, ex-DEM e secretário-geral da União, na visita recente que fez à Bahia.

OMDB tentou emplacar a candidatura de Tebet, mas está rachado internamente.

Na pesquisa do Datafolha de

22 e 23 de junho, Lula tinha 53% dos votos válidos. Para ganhar no primeiro turno, é necessário que o candidato some 50% dos votos válidos mais um.

Tebet teve 1% das intenções de voto e Bivar não pontuou no cálculo político do PT, porém, parte de duas legiões, MDB e União Brasil têm razoável tempo de propaganda eleitoral na TV e rádio, o que tende a ampliar a fatia de votos de eventuais candidatos, seja quais forem.

Sem ser citado no almoço, o PT também tenta obter o apoio do Avante de André Janones, que teve 2% das intenções de voto no último Datafolha.

O PT também pressiona por uma adesão de Ciro Gomes (PDT), mas o candidato e o partido descartam existência. Estava também no almoço o pré-candidato a vice, Geraldo Alckmin (PSB), ex-tucano que representa o principal símbolo da movimentação de Lula no sentido de ampliar o seu arco de alianças para além da esquerda tradicional.

Ainda de acordo com relatos dos parlamentares que participaram da conversa com Lula, o petista disse que em um cenário normal ele até preferiria uma disputa com dois turnos, o que permite aos dois candidatos de debate e de discussão de seus programas. Dessa vez, porém, uma vitória no primeiro turno seria crucial.

A possibilidade de ameaça de ruptura democrática foi o tema central do almoço em si. O objetivo formal do encontro foi obter de Pacheco uma garantia política de que ele se colocaria na linha de frente da defesa de que as eleições serão realizadas sem percalços que os eleitores serão empobrecidos.

Bolsonaro tem feito reiterados ataques golpistas contra o sistema eleitoral e já deixou claro, assim como aliados, que pode questionar resultados que não seja a sua vitória.

Nos todos saímos daqui com a garantia de que o presidente do Congresso Nacional, que, como nós temos dito, é a última ratio [último recurso] de defesa da democracia, dará posse aos eleitos no

“Nós não podemos aceitar [uma ação de Bolsonaro semelhante à de Donald Trump, acusado de insular a invasão do Capitólio]. O Senado é uma instituição democrática, o presidente Rodrigo Pacheco disse que está totalmente comprometido, que é um valor inegociável da democracia o resultado dos votos”

Aloizio Mercadante (PT)
ex-ministro de Lula presente ao encontro

dia 1º de janeiro”, afirmou o líder da oposição no Senado, Randolfe Rodrigues.

Lula manifestou a Pacheco ter absoluta confiança de que o presidente do Senado é a pessoa ideal para conter eventuais avanços golpistas e garantir a normalidade democrática e cumprimento sem ressalvas do resultado eleitoral.

Pacheco prometeu que o Congresso Nacional atuará para garantir o respeito ao resultado, disseram senadores, segundo quem o senador afirmou que, na condição de presidente do Congresso, vai reagir diante de qualquer tentativa de ruptura democrática e que vai garantir a posse do ganhador das eleições de outubro.

Pacheco tem desatado da presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), aliado de Bolsonaro e ativo apoiador da reeleição do presidente. Lira foi alvo de críticas de Lula na roda em que falou da necessidade de sua vitória sem necessidade de uma segunda etapa. O petista teria dito que nunca viu um presidente da Câmara com tanto poder nem mesmo na época de Ulysses Guimarães, que comandou o Congresso Constituinte após a ditadura militar.

Para Lula, Lira teria o objetivo de “acabar” como oposição. Lira tem grande influência no Congresso e no governo por meio do controle da distribuição entre os parlamentares das bilhõesárias emendas orçamentárias da rubrica RP-9.

Segundo o ex-ministro Aloizio Mercadante, que esteve no almoço, Lula afirmou que Bolsonaro e os filhos dele foram eleitos pelas urnas eletrônicas e é importante que o Senado se posicione diante dos ataques ao sistema eleitoral e dialogue com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para fortalecer a corte.

Lula, segundo Mercadante, disse que o presidente busca repetir no Brasil o roteiro do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump — que está sendo investigado por insular a invasão do congresso americano, o Capitólio, após a derrota para Joe Biden.

Continua na pág. A5

Campanha de Bolsonaro busca tirar foco de violência política

Após desgaste com crime, governistas querem usar PEC como agenda positiva



Matheus Teixeira, Julia Chaib e Renato Machado

BRÁSIL Aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL) trabalham para afastar o mandatório das repercussões da morte do petista Marcelo de Arruda, assassinado em Foz do Iguaçu (PR), no último sábado (9), pelo policial penal bolsonarista Jorge José da Rocha Guarani.

A avaliação de uma ala de aliados é que o telefonema que Bolsonaro fez a irmãos de Marcelo foi positivo para tentar humanizar a imagem do presidente — que está sendo acusado de incitar a violência em seus discursos —, mas que esse contato deveria representar um ponto final no envolvimento dele na história.

Nesse sentido, o convite feito pelo presidente para que dois irmãos, que se declararam bolsonaristas, do militante do PT assassinado fizessem uma viagem a Brasília para darem uma entrevista à imprensa sobre o caso foi visto com receio por assessores que vêm conduzindo a campanha do chefe do Executivo.

Eles argumentam que a ida dos parentes de Marcelo à capital federal poderia reforçar junto ao público a imagem de que Bolsonaro está tentando politizar o crime cometido por seu apoiador.

Jorge Guarani invadiu a festa de aniversário de Marcelo, que tinha como tema o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e o matou com tiros — o bolsonarista também foi baleado e ficou internado em estado grave.

Foi justamente essa a linha adotada por Lula em discurso feito durante um ato político na terça-feira (12). Na ocasião, ele insistiu que o contato de Bolsonaro com familiares do petista havia sido motivado apenas por interesse eleitoral.

Além disso, também é ponderada a possibilidade de o risco de que o mandatório e seus aliados não conseguiriam controlar o teor da entrevista dos parentes de Marcelo.

A ligação por vídeo foi intermediada pelo deputado bolsonarista Ottoni de Paula (MDB-PR), que esteve na casa de um dos irmãos de Marcelo, com o aval de Bolsonaro, para viabilizar a conversa.

Segundo o deputado, o presidente falou com dois irmãos do petista assassinado: José e Luiz de Arruda.

Ambos integram a parte da família de Marcelo mais alinhada ao bolsonarismo.

A viúva do guarda municipal petista assassinado, Pamela Silva, afirmou ter considerado um "absurdo" o telefonema e disse que os dois irmãos que participaram da ligação nem sequer estavam na festa de aniversário onde ele foi assassinado.

A reação de Bolsonaro e seus aliados ao crime expôs as divergências no entorno do presidente sobre como tratar o tema.

Integrantes do centrão e do núcleo da campanha avaliam que Bolsonaro não deveria ter ligado e que deveria ter se limitado a prestar sua solidariedade às famílias e repudiar a violência política.

Além disso, a ala política do governo e os correligionários do centrão chegam a pedir, sob reserva, um posicionamento mais firme por parte do chefe do Executivo, com recados para uma pacificação.

O presidente, todavia, não só evitou endossar essa sugestão, como tentou propagar um discurso atrelado a práticas violentas à esquerda.

Por causa disso, a ideia de aliados a partir de agora é tentar virar à direita do homicí-

dio em Foz do Iguaçu. Existe um temor, porém, de que novos episódios de violência ligados à polarização política do país voltem a acontecer e arrastem novamente o mandatório para uma pauta negativa, na qual ele é cobrado por seu discurso radical.

O clima entre os integrantes que compõem o núcleo duro da sua campanha é de pessimismo em relação à radicalização que deve permear o processo eleitoral deste ano.

O desejo da equipe é que o foco de Bolsonaro daqui para frente seja voltado para as ações do governo dedicadas à economia, como a PEC (proposta de emenda à Constituição) que cria benefícios e ampliação do Auxílio Brasil.

Para isso, há três temas que a campanha quer explorar.

O primeiro deles é a diminuição no valor dos combustíveis. Os preços nos postos foram efetivamente uma queda significativa após a imposição de um teto na cobrança do ICMS pelos estados e a ideia, agora, é propagar a mensagem, em tom de ironia, de que a redução "é culpa do Bolsonaro", como o próprio presidente já afirmou a seguidores em suas agendas.

Outra frente prioritária é conseguir fazer chegarem às pessoas mensagens de que o chefe do Executivo é o responsável por aumentar o Auxílio Brasil para R\$ 600 até o fim do ano.

Isso só será possível devido à aprovação da PEC no Congresso Nacional.

A proposta, que também criou um vale para caminhoneiros e dobrou o valor do Auxílio Gás, é o tiro final do presidente para tentar aumentar sua popularidade e reverter o favoritismo de Lula nas eleições, apontado por todas as pesquisas realizadas até agora.

O terceiro feito do Executivo que a campanha pretende explorar diz respeito à taxa de desemprego. Nesse caso, aliados acreditam que tiveram sucesso na estratégia, uma vez que Bolsonaro tem afirmado de maneira recorrente que o país criou milhões de postos de trabalho em 2021.

A estratégia é comparar os índices do governo atual com aqueles do PT. Os dados relacionados à miséria e fome, porém, sendo propagados por petistas, por exemplo, são contestados por aliados de Bolsonaro, que prometem apresentar informações nesse sentido.

Pessoas próximas ao mandatório reconhecem, entretanto, a dificuldade de convencê-lo a falar exclusivamente sobre agendas positivas e deixar de lado polémicas.

A comparação com as gestões petistas foi o centro do argumento de Bolsonaro e sua base, por exemplo, para rechaçar a imagem de que o presidente estimula a violência.

Na terça (12), criticou o que

chamou de violência de "petistas" que chutaram a cabeça de Jorge Guarani.

Os chutes ocorreram após a troca de tiros entre os dois. Marcelo morreu e Jorge ficou ferido. No chão, foi alvo de golpes de convidados que estavam na festa do militante do PT.

O assassinato de Marcelo ainda é investigado pela Polícia Civil do Paraná. De acordo com testemunhas, antes de invadir a festa e atirar no petista, Jorge havia passado de carro diante do local e teria dito "aqui é Bolsonaro".

No domingo (10), em sua primeira manifestação sobre o assassinato, Bolsonaro disse que se dispunha a "apoio de quem pratica violência contra opositores", mas, no mesmo pronunciamento, atacou a esquerda.

A reportagem apurou que, entre familiares, incomoda a narrativa de que o próprio Marcelo foi agressivo. Reclamam, por exemplo, que ele não teria atirado pedras em seu agressor, mas sim terra de um caneteiro, ou seja, nada que pudesse machucá-lo.

Bolsonaro é desde antes de chegar à Presidência um dos principais políticos que insultam o antipetismo e já chegou a usar termos como "lulizar a petralhada" — fato que foi lembrado por eleitores em meio à repercussão do caso em Foz do Iguaçu.

Continuação de pag. 44

Nós não podemos aceitar. Esse foi o diálogo, foi muito importante. O Senado é uma instituição democrática, o presidente Rodrigo Pacheco disse que está totalmente comprometido, que em valor inegociável da democracia resultado dos votos", disse Mercadante. Ramier Bragan, Danielle Brant, João Gabriel, Thaísa Oliveira e Julia Chaib

Aliados de Lula e Tebet pedem que TSE pacifique pleito

José Marques

BRÁSIL O ministro Alexandre de Moraes recebeu nesta quarta (13) partidos aliados dos pré-candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Simone Tebet (MDB) para discutir a escalada da violência política que culminou no assassinato do guarda municipal petista Marcelo de Arruda pelo policial penal bolsonarista Jorge José da Rocha Guarani, em Foz do Iguaçu (PR).

Uma das agendas com Moraes foi solicitada por PT, PC do B, PSB, PV, PSOL, Solidariedade e Rede.

Eles pediram a Moraes que o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) adote "medidas administrativas cabíveis para a garantia da segurança e da paz no processo eleitoral do ano de 2022", para "resguardar a integridade de eleitores, eleitores, colaboradores da Justiça Eleitoral, autoridades públicas, candidatas e candidatos".

Em ofício a Moraes com críticas a falas do presidente Jair Bolsonaro (PL) a favor do uso de armas de fogo, afirmam que a violência é "um verdadeiro ativo político do presidente da República".

Dizem ainda que "compete privativamente ao TSE a requisição de força federal para o cumprimento da lei e a garantir a votação e a apuração".

Os partidos acionaram o TSE pedindo uma decisão preliminar (urgente) que determine que o presidente se absteja de ter qualquer tipo de discurso de ódio ou incitação à violência, mesmo que seja de forma velada, sob pena de multa de R\$ 1 milhão por ato.

Também pedem que Bolsonaro condene, de forma clara e inequívoca, em redes sociais e em canais públicos de rádio e TV "todos os atos de discriminação e violência política, a começar pelo homicídio de Marcelo Alcizio de Arruda".

Essas afirmações teriam que ser feitas até 24 horas após o eventual decisão, caso o tribunal entenda que o presi-

dente deva cumprir a medida. Segundo o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), Moraes afirmou que os pedidos serão despachados imediatamente.

Além de Randolfe, compunham o grupo Gleisi Hoffmann, presidente do PT, e Paulinho da Força, que preside o Solidariedade, outros parlamentares de oposição e, ainda, o ex-vice-presidente da Câmara dos Deputados Marcelo Ramos (PSD-AM). O PSD não está entre os partidos que declararam apoio a Lula.

Deputados apresentaram uma consulta ao TSE para que seja proibida, nos dois turnos de eleição, circulação de pessoas portando armas, exceção de policiais e seguranças.

Moraes é vice-presidente do TSE e assumirá a presidência em agosto. Até o próximo dia 17, é presidente interino do tribunal devido ao receso da Justiça do mês de julho.

Também estiveram com Moraes Simone Tebet, o presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo, e o do Cidadania, Roberto Freire.

Eles sugeriram um "pacto de não agressão" entre militantes e candidatos e apresentaram um "pacto pela paz", mas disseram em ofício que "quem busca impedir o exercício, inutilizar, atar ou perturbar uma propaganda da lei deve responder penalmente".

Após a reunião, Tebet afirmou que manifestou ao ministro "confiança na Justiça Eleitoral e no processo eleitoral". "E viemos dizer que vamos reconhecer e respeitar os resultados das urnas".

Tebet disse que Moraes afirmou que "a Justiça Eleitoral está atenta [para coibir irregularidades] e cumprindo o código eleitoral".

Sobre o pacto proposto por Tebet, Gleisi Hoffmann, presidente do PT, manifestou dúvidas a respeito de uma sinalização nesse sentido por parte da campanha de Bolsonaro.

"Você acha que Jair Bolsonaro vai fazer um pacto de não agressão? Ele agrediu até agora, ele incentivou a violência. Ele que vem aqui e assina um pacto de não agressão, perante o Tribunal Superior Eleitoral", disse Gleisi.

No domingo (12), Moraes já havia se manifestado de forma crítica sobre o episódio em Foz do Iguaçu.

"Antolerância, a violência e o ódio são inimigos da democracia e do desenvolvimento do Brasil. O respeito à liberdade de cada um dos mais de 150 milhões de eleitores é sagrado e deve ser defendido por todas as autoridades no âmbito dos 3 Poderes", disse Moraes nas redes sociais.

BR

esfera

HÁ 1 ANO PENSANDO NO PRESENTE E FUTURO DO PAÍS

UM THINK TANK

apartidário

E

independente

esferabrasil.com.br

Primeiro bate e depois quer consolar, diz irmã de petista sobre Bolsonaro

Familiar de Marcelo de Arruda também critica uso político do vídeo com irmãos com o presidente

Artur Rodrigues

SÃO PAULO Uma das irmãs de Marcelo de Arruda, petista assassinado em Foz do Iguaçu, criticou nesta quarta-feira (13) o uso político do vídeo de seus irmãos conversando com Jair Bolsonaro (PL) e disse que o presidente só se compadeceu da vítima após ter dado declarações nas quais minimizava o caso.

Luiziana de Arruda reprovoou declarações do presidente e do vice, Hamilton Mourão, e disse que eles resolveram consolar a família devido às proporções que o caso tomou.

"[O vídeo da conversa com os irmãos] foi usado para cunho político, quando as declarações do senhor presidente da República e do seu vice não foram as declarações legais", disse.

Marcelo foi assassinado a tiros pelo policial penal bolsonarista Jorge José da Rocha Guaranhão após ele invadir sua festa de aniversário com temática do PT. Jorge também foi baleado e está internado em estado grave.

Bolsonaro criticou a violência de "petistas" que chutaram a cabeça de Jorge, após a troca de tiros com Marcelo.

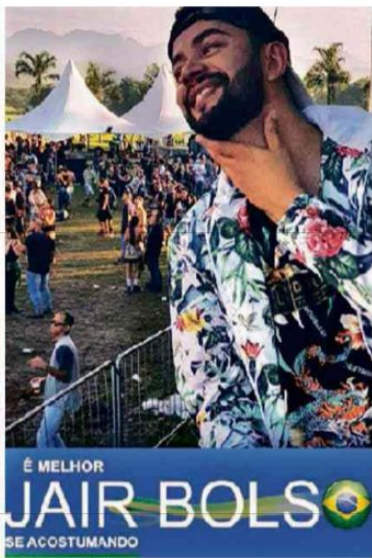
Ferido, no chão, o atirador foi alvo de chutes de convidados que estavam na festa do militante do PT.

O presidente disse ainda esperar a conclusão da investigação "para a gente ver que tem problema lá fora, onde o cara que morreu, que estava na festa, jogou pedras no vidro daquele cara que estava com o carro do lado de fora". Depois, ele voltou e começou o tiroteio lá e morreu o aniversariante.

Mourão minimizou o caso ao falar que ocorre "todo final de semana", com "gente



A esquerda, o guarda municipal Marcelo de Arruda, morto por Jorge Guaranhão (dir.). Reprodução



Acho que ele [Bolsonaro] viu que a coisa tomou proporção penaltesca e resolveu voltar atrás das palavras

Luiziana de Arruda
irmã do militante petista assassinado

que provavelmente bebe e aí extravasava as coisas".

A respeito dessas declarações, a irmã de Marcelo disse: "De repente eles resolvem se compadecer da nossa família, resolvem querer nos ouvir. Acho que ele [Bolsonaro] viu que a coisa tomou proporção gigantesca e resolveu voltar atrás das palavras".

"Depois que bate ele resolveu consolar. A mesma mão que pune é a mesma mão que afaga".

Luiziana também criticou o modo como o vídeo do telefo-

nema foi divulgado. "Para nós foi um choque o que aconteceu e ver daquele jeito a divulgação do vídeo", disse.

Luiziana, 44, é a caçula dos sete irmãos e era bastante próxima a Marcelo. Ela disse que ainda não conversou com os outros irmãos sobre o episódio.

Aligação por vídeo foi feita pelo deputado bolsonarista Ottoni de Paula (MDB-RJ), que esteve na casa de um dos irmãos de Marcelo, com o aval de Bolsonaro, para intermediar a conversa. Segundo ele,

o presidente conversou com dois irmãos do petista assassinado: José e Luiz de Arruda.

Luiz disse à Folha nesta quarta que a família ainda não tomou nenhuma decisão sobre o convite de Bolsonaro para visitar o Palácio do Planalto na quinta (14) e participar de uma entrevista coletiva.

A reportagem apurou que entre parte dos familiares esse pedido sofre muita resistência. Segundo relatos ouvidos pela Folha, a viúva de Marcelo, Pamela Suelen Silva, também

tem resistência e disse que só participaria se fosse em uma coletiva aberta, onde ela pudesse falar livremente.

Ela disse ter ficado surpresa com o telefonema do presidente aos irmãos de Marcelo, que não estavam na festa. "Absurdo, eu não sabia", afirmou ao UOL.

Alto Globo a Folha disse que Bolsonaro está usando a situação politicamente. "Acredito que Bolsonaro está preocupado com a repercussão política, porque, tanto no vídeo que fez no cercadinho como no que conversa com os irmãos de Marcelo, Bolsonaro diz que estão tentando colocar a culpa nele".

A Folha tentou contato diversas vezes com Pamela, sem resultado.

O filho mais velho de Marcelo afirmou à Folha que o vídeo da conversa de seus pais com o presidente Bolsonaro está sendo usado sem autorização para uma possível campanha.

Leonardo de Arruda, 26, criticou o uso político do material. "Gravaram, publicaram sem autorização da minha família, estão usando a imagem da nossa família para uma possível campanha. Não basta o que fizeram com meu pai e estão usando o nome da minha família", disse.

Para ele, a culpabilização de seu pai tem incomodado bastante. "O ódio não está em mim, na nossa família. A gente estava comemorando, não foi a gente que procurou isso. Não foi a gente que matou. A gente não odeia ninguém".

Leonardo afirma que um dos seus tios, inclusive, cobrou que parte da imprensa se retratasse por essa postura. "Meu tio pediu retratação pública, pedindo para a imprensa que está colocando meu pai como causador de tudo, para dizer que ele foi a vítima de um assassinato extremista".

O rapaz não citou Bolsonaro diretamente, mas o presidente criticou a violência de "petistas" que chutaram a cabeça de Jorge, após a troca de tiros com Marcelo. Ferido, no chão, o atirador foi alvo de chutes de convidados que estavam na festa do militante do PT. Jorge permanece internado.

Família de bolsonarista afirma que o crime não foi ato político e que vive um pesadelo

FOZ DO IGUAÇU (PR) Familiares do policial penal Jorge Guaranhão negam que o caso em que ele matou o militante petista Marcelo de Arruda tenha sido político e dizem viver um pesadelo.

O bolsonarista invadiu a festa de 50 anos de Marcelo, que tinha o PT como tema, e o matou, no último sábado (9), em Foz do Iguaçu (PR). Ele também acabou baleado e segue internado.

Irmão de Jorge, John Lenon Araújo diz que o policial foi até o clube social da Aresf (Associação Recreativa e Esportiva da Segurança Física), onde acontecia a festa, para fazer uma ronda. Ele era associado ao clube e, de acordo com o irmão, essa era uma rotina entre membros da associação.

"Várias outras pessoas que eram associadas também faziam essa ronda. Não foi nada de anormal como foi noticiado, é uma rotina delas fazerem isso", disse.

Mas a polícia investiga se ele não foi lá após ter tido acesso a imagens das câmeras do local onde acontecia a festa com temática petista.

Sobre o ato que acabou em morte, com base em relatos que ele afirma ter ouvido da esposa que estava com o irmão na hora, diz que o episódio não se justifica por quaisquer questões políticas.

Segundo pessoas que estavam na festa, no dia do crime, Jorge passou de carro em frente ao salão dizendo "agui é Bolsonaro" e "Lula ladrão",

além de proferir xingamentos. Ele saiu após uma rápida discussão com o chefe de retomaria.

De acordo com as testemunhas, Marcelo foi até seu carro e pegou uma arma para se defender. Jorge voltou, invadiu o salão e entrou. O petista, já ferido no chão, também baleou o bolsonarista. Uma câmera de segurança registrou o crime.

O irmão contesta a versão das pessoas que estavam na festa. "Tenho certeza de que ele estava ali defendendo a família dele, foi somente isso. Não teve nada a mais do que isso. Meu irmão não estava nem aí com o cara era Lula, aniversariante era do Lula, tema do Lula".

"Pra gente isso é indiferente, tenho certeza que para o meu irmão também. O cara é que, quando ouviu uma música do Bolsonaro, infelizmente,

perdeu a linha", disse Araújo.

Ele afirmou que o irmão era apoiador de Bolsonaro, mas não fanático. Araújo disse que Jorge jamais foi a alguma passeata ou participou de partido e que só fez algumas postagens a favor do presidente.

"Ele não estava nem aí se o cara era PT ou não. Tem vários amigos nossos que são da esquerda, que frequentam a minha casa, frequentam a casa dele, nunca tivemos problemas com isso", disse.

"A gente sempre teve esse relacionamento de diversidade. Eu sou flamenguista, meu irmão é vascaíno. Eu sou evangélico, meu irmão é católico, a gente conversava sobre esses assuntos, nunca discutimos por causa disso", afirmou.

Dalvalice Rosa, mãe de Jorge Guaranhão, diz que toda a situação tem dois lados. "Nós estamos vivendo um pesadelo desesabado", em curta conversa por telefone.

A Folha entrou em contato com ela posteriormente. Mas Rosa disse que estava muito mal e que a filha estava caindo agora, por isso, não conseguiria falar mais no momento.

A reportagem foi até a casa de Jorge, em um bairro de classe média de Foz do Iguaçu. A mulher dele preferiu não falar, disse apenas que estava indo até o hospital.

Identificando-se como parente, uma mulher que estava na casa também negou que o policial teria agido por questões políticas e lembrou que ele tem uma criança pequena.

A Secretaria da Segurança Pública e a Polícia Civil do Paraná informaram nesta quarta (13) que Jorge segue em estado grave, "sedado em assistência ventilatória mecânica, hemodinamicamente estável". Não há previsão de alta da UTI (Unidade de Terapia Intensiva).

Guaranhão parece ter uma vida discreta na vizinhança do Jardim das Laranjeiras, onde vive com a família em Foz do Iguaçu. Em comércios próximos de sua casa, as pessoas se mostraram surpresas com o fato de que ele morava ali e não se lembravam de tê-lo visto.

Nas redes sociais, se define como conservador e cristão, defende Bolsonaro, se diz contra o aborto e as drogas e considera uma sinônimo de defesa.

Em junho de 2021, apareceu ao lado do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP). "Vamos fortalecer a direita", escreveu em 30 de abril numa corrente da "#Direita Forte" para impulsionar perfis de conservadores com poucos seguidores.

Antes do crime, ele reutilizou publicação do ex-presidente da Fundação Cultural Palmares Sérgio Camargo, dizendo: "Não podemos permitir que bandidos travestidos de políticos retornem ao poder no Brasil. A responsabilidade é de cada um de nós". E semanas atrás publicou mensagem de cunho LGBTfóbica a respeito do anúncio do jogador de futebol Richarlison, que se disse bissexual. AR

Lira citou Adélio em debate sobre morte em Foz, dizem opositores

Danielle Brant e Raquel Lopes

BRASÍLIA O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), citou o caso de Adélio Bispo, autor da facada em Jair Bolsonaro (PL) na campanha de 2018, durante reunião sobre o posicionamento adotado pela Casa sobre a morte de um militante petista por um bolsonarista no fim de semana.

O relato foi feito à Folha reservadamente por seis deputados que participaram de uma reunião em que opositores cobraram mais posicionamento mais contundente sobre a morte do petista Marcelo de Arruda pelo policial penal bolsonarista Jorge José da Rocha Guaranhão.

Diferentes partidos da oposição, todos desvirtuados a mesma cena: que Lira citou Adélio ao ser cobrado sobre o assunto, num discurso que se assemelha ao adotado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) e por seus filhos.

Procurada, a assessoria de imprensa da Câmara disse que ele nega. Segundo Lira, se há deputados comentando isso, eles estão mentindo. Lira foi uma das últimas autoridades a se manifestar sobre a morte de Marcelo. Em nota da segunda-feira (11), ele não mencionou diretamente o ataque que resultou na morte do petista.

"A Câmara dos Deputados repudia qualquer ato de violência, ainda mais decorrente de manifestações políticas", disse a nota divulgada

por Lira. "A democracia pressupõe o amplo debate de ideias e a garantia da defesa de posições partidárias, com tolerância e respeito à liberdade de expressão".

"A campanha eleitoral está apenas começando. Conclamo a todos pela paz para fazer nossas escolhas políticas e votar nos projetos que acreditamos. Esta é a premissa de uma democracia plena e sólida, como a nossa", concluiu.

Às folhas parlamentares disseram que, na reunião com Lira na terça, eles defenderam que a Câmara tivesse um posicionamento firme diante do que consideram uma escalada grave da violência política no país.

Eles lembraram que, no domingo, várias instituições e autoridades se posicionaram, mas que a Câmara não tinha feito um pronunciamento contundente. Na avaliação deles, a Casa não poderia se furtar a condenar o crime de forma mais incisiva.

De acordo com relatos de deputados, Lira reclamou dos telefonemas de jornalistas pedindo um posicionamento dele como presidente da Câmara.

Lira afirmou ainda que a situação era complicada e que havia violência de um lado e do outro. Segundo os deputados presentes, ele exemplificou com a campanha presidencial de 2018 e, então, disse que Adélio havia sido filiado ao PSOL e tinha frequentado o gabinete do partido.

Em negociação de sentença, Pros cita Flávio Bolsonaro

Chefe do partido menciona encontro quando presidente buscava legenda; senador não quis comentar o áudio

Ranier Bragion

BRASÍLIA Os áudios e mensagens que apontam uma negociação para compra de sentença favorável pelo grupo que comanda o Pros (Partido Republicano da Ordem Social) fazem menção aos nomes de Flávio Bolsonaro (PL), filho do presidente, e Karina Kufa, advogada da família Bolsonaro.

A Folha revelou nesta terça (12) mensagens que indicam tentativa da cúpula do partido de compra de sentença no Tribunal de Justiça do Distrito Federal, na segunda instância.

O material obtido pela reportagem, porém, sugere que a tentativa de vitória judicial fora das previsões legais teve início ainda quando o litígio entre as duas alas da sigla estava na primeira instância, em 2021.

É nesse contexto anterior em que os nomes do filho do presidente e da advogada são citados. Nem Flávio nem Kufa figuram como interlocutores desses diálogos.

Em áudio de WhatsApp do segundo semestre de 2021, o hoje presidente do Pros, Marcus Holanda, fala a um correio eletrônico sobre as chances de eles tomarem o comando do partido, à época ainda namorado do fundador, Eurípedes Jr.

Holanda liderava uma dissidência e tentava fazer valer a justiça convenção extraordinária que havia aprovado o afastamento de Eurípedes.

"A Karina Kufa me levou na reunião e sentou eu, ela e o Flávio Bolsonaro, então eles têm interesse. (...) Além disso, tem um contrato que assinou lá, absurdo lá, com ela. Então vão ganhar dinheiro e vão

ganhar força política e espaço político. Então eles têm interesse, total. Por isso, eles estão com a gente, senão não estariam. E ainda tem a desembargadora federal [não cita o nome], muita gente", diz Marcus.

A época, Jair Bolsonaro estava à procura de um partido após ver fracassada sua tentativa de montar a Aliança pelo Brasil. Depois de tratativas com várias siglas, ele acabou fechando com o PL em novembro.

Ainda no áudio, Marcus faz menção também à advogada Renata Gersa, filha da juíza federal do TRF-1 Maria do Carmo Cardoso, amiga de Flávio Bolsonaro. Gersa chegou a atuar formalmente no litígio representando o hoje presidente do Pros e seus aliados.

"Tem chances reais porque eles têm interesses, né? O marido da d[ra. Renata Gersa] é o deputado lá, o Kassyo [Kassyo Ramos], que tem interesse lá no Amapá", afirma.

Procurado pela reportagem, Flávio Bolsonaro não se manifestou.

Karina Kufa confirmou a reunião, mas disse que os entendimentos sobre a filiação de Bolsonaro não prosperaram, que não houve assinatura de contrato ou pagamento, e que não houve conversa acerca de influência indevida sobre magistrados.

"Desconheço qualquer negociação. Não tenho qualquer vínculo com Pros, aliás, nunca tive. Em 2020 e 2021 falei com diversos partidos, mas todas as conversas foram dentro da normalidade", disse Kufa.

De acordo com a advogada, Holanda relatou a ela e Flávio



O senador Flávio Bolsonaro, no Palácio da Alvorada, em Brasília

Ueslei Marinho - 8 mar 22/Reuters

que "ele iria ser dono do partido" e queria que Bolsonaro se filiasse à legenda.

Renata Gersa disse que Kufa foi quem a indicou para atuar no caso e que não recebeu solicitações para trabalho fora dos limites republicanos.

"Apenas nos foi solicitado uma brevidade na solução da demanda, assim como a maioria dos clientes. Creio que talvez tenha sido esse o motivo da revogação dos meus poderes. O processo tem trâmite próprio e, apesar de nosso trabalho atuante, não depende de nós, advogados".

A advogada foi desconstituída às vésperas dos julgamentos das apelações no TJ-DF, ocasião em que Holanda

conseguiu a primeira decisão favorável e assumiu o comando da legenda.

Como a Folha mostrou, mensagens e áudios sugerem ter havido negociação para compra de um voto do desembargador Djalmas Costa Ribeiro. O desembargador, que não figura como interlocutor das mensagens, nega que tenha chegado a ele qualquer proposta criminosas.

Em outros áudios de 2021, o hoje secretário-geral do Pros, Edmilson Boa Morte, também faz menções a Kufa, Flávio e os Bolsonaro.

"A turma do Bolsonaro estava trabalhando na segunda instância, você lembra? Com o desembargador Mario Zam

[Belmiro, do TJ-DF, ex-relator dos casos relativo ao litígio do Pros], que teve reunião na casa da desembargadora [não cita o nome]", diz em um deles.

Em outro, relata a um ex-correligionário que, naquele momento, Marcus Holanda estava em reunião "com a turma do Bolsonaro e os advogados e os desembargadores".

Em um terceiro, diz que só Renata Gersa irá atuar formalmente no caso para "não dar na cara". Segundo ele, Gersa "representa a Karina Kufa, todo mundo".

"Nesse processo apenas eu e os advogados do meu escritório atuamos", disse Gersa à Folha.

Também à reportagem, Boa Morte disse que não conhece Kufa nem Flávio, e classificou os áudios que eles mesmos mandou de "falácia".

"Só falácia, pois o Roberto [Parillo, ex-dirigente do Pros-SP, hoje rompido com o ex-aliado] todo dia enchia minha paciência com as mesmas perguntas. Acredito que, nesse contexto, ele falou algo e eu só falei para agradar um amigo", disse.

"Não me lembro de tudo porque ele me ligava uma hora da manhã todos os dias e eu atendia com muito sono."

Em outro áudio da época, Marcus Holanda fala em ter amizade com a sogra do juiz, em possível referência a Hilmar Castelo Branco, titular do caso na primeira instância. O magistrado decidiu de forma contrária aos interesses da ala que hoje comanda o partido.

"A situação tá excelente. A gente nunca esteve tão perto. (...) Estamos com amizade com a sogra do juiz. Nós temos lá o dr. Tulio [Tulio Arantes, advogado], que já conversou com uns três desembargadores. (...) O dr. Wellington [Wellington Medeiros, advogado, ex-desembargador] está super empenhado".

Tulio Arantes nega que tenha conversado com desembargadores sobre esse tema, dizendo que a conversa inicial para que ele assumisse o caso, em parceria com outro escritório, não prosperou.

Em mensagem de texto que foi encaminhada pelo telefone de Boa Morte, há menção a perguntas que teriam sido enviadas ao Pros por meio da sogra do magistrado.

Boa Morte diz que desconhece essas mensagens. Wellington Medeiros nega ter recebido pagamento ou intermediado contato com a família do juiz.

"Jamais! Não recebi nada. Nenhum centavo. E não me foi feito nenhum pedido. As tratativas não vingaram. Não chegamos a formalizar nada", disse, se referindo a encontro para que seu escritório assumisse a causa.

O desembargador Mario Zam Belmiro e o juiz Hilmar Castelo Branco, cujas decisões foram contrárias a Marcus Holanda, não se manifestaram.

O presidente do Pros, que nega ter havido negociação para compra de sentença, não se pronunciou sobre os áudios e a mensagem de texto.

O juiz Hilmar Castelo Branco, cujas decisões foram contrárias a Marcus Holanda, disse que "nunca recebeu a exigência do advogado e magistrado aposentado Wellington Medeiros para tratar do processo em que julgou improcedente a pretensão das pessoas supostamente representadas pelo referido advogado".

O desembargador Mario Zam Belmiro, cujas decisões também foram contrárias à atual cúpula do Pros, não se manifestou.

Eleitora procura presidente, não casamento, diz Bolsonaro

Renato Machado

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) minimizou a alta rejeição de eleitorais do sexo feminino, tendência que aparece nas pesquisas de intenção de voto. Disse que as mulheres procuram "um presidente", não um casamento.

Ele falou nesta quarta (13) a apoiadores no Palácio da Alvorada, onde permaneceu cerca de 45 minutos.

Bolsonaro tem acumulado frases preconceituosas contra diferentes alvos. Sobre as mulheres, já disse, por exemplo: "Eutenho cinco filhos. Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada e a veio uma mulher".

Nesta quarta, Bolsonaro comentou o caso do médico anestesista que foi preso ao ser flagrado cometendo crime de estupro contra uma mulher inconsciente, em cirurgia de cesárea.

O chefe do Executivo sinalizou que defende as mulheres e lembrou que buscou transformar em crime hediondo o estupro, quando cometido por adolescentes, e que a esquerda barrou a proposta.

Em seguida, deixou o tom grave de lado e afirmou, dando risada: "Pessoal fala que eu não defendo, que eu tenho uma rejeição de mulher. Não sei se é verdade ou não. Acho que a eleitora não está procurando um casamento, está procurando um presidente".

"Eu sei que nós não vivemos sem elas e nem sobrevivemos", completou, aumentando o clima de descontração ouvindo depois de uma apoiadora que era mais bonito pessoalmente.

Pesquisa Datafolha divulgada em junho mostrou que 55% dos eleitores não votariam em Jair Bolsonaro de jeito

nenhum. Entre as mulheres, a rejeição é de 61%.

Como uma forma de diminuir a sua rejeição entre as mulheres, a campanha à reeleição do presidente tem apostado em uma maior participação da primeira dama, Michelle Bolsonaro, considerada carismática e com potencial para

tentar humanizar a imagem do chefe do Executivo.

Em outro momento de sua conversa com apoiadores, o presidente sugeriu que algumas de suas escolhas agradam mais aos homens e que essa poderia ser uma explicação para a rejeição ser maior entre as mulheres. afirmou,

por exemplo, que mulheres tendem a gostar menos das motocicletas que ele participa ou mesmo de armas.

"Por exemplo, a gente faz o movimento de motociclista. As mulheres gostam ou não gostam?", questionou ele aos seus apoiadores.

"Se for fazer uma pesquisa,



PRESIDENTE PROMETE 'UMA DAS GASOLINAS MAIS BARATAS DO MUNDO' EM IMPERATRIZ

Ao final de mais uma motocicleta, o presidente Jair Bolsonaro (PL) prometeu, em Imperatriz (MA), "em poucas semanas, uma das gasolinas mais baratas do mundo" e pedágio zero para motociclistas e IPI zero para mototaxistas

@jair.bolsonaro no Facebook

política

TSE tem estrutura para garantir segurança das urnas, afirma o TCU

Auditoria conclui que segurança, procedimentos e sistemas seguem boas práticas internacionais

Constança Rezende

BRASÍLIA Em decisão unânime, ministros do TCU (Tribunal de Contas da União) aprovaram uma auditoria de técnicos da corte que não identificaram até o momento riscos relevantes à realização das eleições de 2022.

Segundo a análise dos auditores, a estrutura de segurança da informação, de procedimentos e de sistemas do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) "está muito aderente às boas práticas internacionais". O ministro Bruno Dantas, relator do processo, afirmou que o TSE tem se empenhado em aperfeiçoar a segurança interna do processo eleitoral, "ainda que o sucesso do pleito também demande articulação com outras instituições e com a sociedade, especialmente para que sua execução e conclusão sejam pacíficas".

A auditoria vem à tona no momento em que o presidente Jair Bolsonaro (PL) intensifica, sem nenhuma evidência ou provas, uma série de mentiras e teorias conspiratórias sobre as urnas. No Brasil, nunca houve regis-

tro de fraude nas urnas eletrônicas, em uso desde 1996. O Tribunal de Contas da União avaliou se o TSE estabeleceu um mecanismo de gestão de riscos adequado para garantir proteção aos processos críticos das eleições de 2022, de forma a evitar a interrupção da normalidade do pleito em caso de incidentes graves, falhas ou desastres, ou assegurar a sua retomada em tempo hábil a não prejudicar o resultado eleitoral.

A fiscalização é uma terceira rodada de auditorias do TCU destinadas a avaliar a sistemática brasileira de votação eletrônica, com referência à sua auditabilidade, à segurança e à confiabilidade.

Nesta, o TCU verificou que a Justiça Eleitoral adota modelo descentralizado de ações de contingência e continuidade, em que cada órgão eleitoral é responsável por seu próprio planejamento com relação à continuidade de negócios.

Assim, os tribunais regionais eleitorais, de forma autônoma, elaboram normativos internos para estrutura a gestão de riscos e o planejamento de continuidade de negócios.

"O TSE possui planos de contingências para situações específicas, previstos em manuais ou normativos internos, que garantem proteção aos processos críticos na eleição. Como exemplo destacamos os planos de contingências de votação e apuração motivados por problemas na urna eletrônica", diz o relatório. Para essa situação, o TSE reserva cerca de 3% e os TREs aproximadamente 1% do total das urnas para contingências. Para o TCU, esses números atenderam satisfatoriamente às necessidades nas últimas eleições.

"O TSE dispõe de planos para prevenir, detectar, obstruir e neutralizar ações adversas que constituem ameaça à salvaguarda das áreas e instalações, pessoas, patrimônio e informações, bem como plano de contingência orçamentária, segundo o qual 20% do orçamento total autorizado para eleições fica reservado para atividades não previstas", afirma a auditoria.

A equipe de fiscalização também relatou a existência de procedimentos de contingências para os subprocessos

diretamente ligados às urnas eletrônicas, como: geração de mídia; carga das urnas; votação; apuração e auditoria.

Ainda segundo os técnicos, as situações que possam prejudicar o intertempor regular processo eleitoral que não estejam previstas na legislação, nos manuais, nos atos regulamentares ou nos planos de contingências são dirimidas pelo juiz eleitoral da respectiva zona eleitoral, a quem cabe acompanhar e garantir localmente, a lisura da votação.

"Ao total, foram identificados 15 diferentes tipos de planos de contingência de alcance nacional envolvendo todas as fases do processo eleitoral. Apesar da abrangência nacional, a maioria é executada de forma descentralizada pelos tribunais regionais eleitorais, zonas ou cartórios eleitorais", diz o documento.

Nesta rodada da fiscalização, servidores da equipe de auditoria participaram como membros da Comissão Avaliadora do último Teste Público de Segurança (TPS), um dos principais mecanismos de aferição da segurança dos sistemas e de uma eletrônica,

realizado em duas fases pelo TSE (novembro de 2021 e maio de 2022).

Verificou-se que o TPS cumpriu o objetivo de testar os sistemas e a urna eletrônica e nenhum dos grupos obteve êxito nas investidas que pudessem comprometer a integridade ou o sigilo dos votos em uma eleição.

A equipe de auditoria promoveu, ainda, acompanhamento in loco dos procedimentos de preparação e operacionalização da eleição suplementar de Agudos do Sul (PR), no período de 30 de março a 3 de abril.

Esse pleito serviu como teste-piloto para as eleições gerais de 2022, com o objetivo de testar procedimentos de conformidade na preparação, realização das eleições e totalização dos votos.

A próxima auditoria avaliará se os procedimentos estabelecidos pelo TSE para as etapas de desenvolvimento, compilação, assinatura digital, lacração, verificação de integridade e autenticidade dos sistemas eleitorais, geração de mídias, preparação e funcionamento das urnas eletrônicas atendem aos requisitos de auditabilidade definidos em normas nacionais e internacionais.

Na ocasião, o TCU acompanhará procedimentos prévios às eleições de primeiro turno, durante a sua realização e após o encerramento, presencialmente em todas as capitais do Brasil, por meio da seleção de uma zona eleitoral para acompanhamento em cada uma dessas cidades.



O TSE dispõe de planos para prevenir, detectar, obstruir e neutralizar ações adversas que constituem ameaça à salvaguarda das áreas e instalações, pessoas, patrimônio e informações, bem como plano de contingência orçamentária

Relatório aprovado pelo TCU após auditoria

Youtubers bolsonaristas punidos pelo TSE passam chapéu via Pix

Paula Soprana

SÃO PAULO Há quase um ano desmonetizados pelo YouTube, canais bolsonaristas passam o chapéu do Pix para manter suas atividades com a proximidade da eleição.

A decisão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), que em agosto de 2021 determinou que o YouTube cortasse a receita de canais amplificadores do discurso sobre fraudes nas urnas eletrônicas, impactou a renda de apoiadores de Jair Bolsonaro (PL), que desde o segundo semestre aumentaram a demanda por financiamento.

Foram alvo da medida na época 14 canais, como Te Atualizei, Vlog do Lisboa, Folha Política, Giro Livre e Jornal Cidade Online. Também incluídos, Terça Livre, de Allan dos Santos, e o canal de Oswaldo Eustáquio foram suspensos do YouTube.

Alguns nomes da lista também são citados em inquéritos do STF (Supremo Tribunal Federal) que investigam a disseminação de fake news e de atos antidemocráticos.

Desde a desmonetização, pedidos de doação via Pix viraram mandatórios em canais de todo porte. Levantamento da consultoria de análise de dados Novelo Data, a pedido da Folha, mostra uma explosão de menções ao Pix em perfis da extrema direita do YouTube no período.

Entre os enquadrados pela Justiça, quem mais pede ajuda é a Folha Política, que incluiu sua chave Pix na descrição de mais de 200 vídeos somente em junho.

Com 2,7 milhão de inscritos, o canal insere em todos os conteúdos a mensagem com a chave Pix, acompanhada de mensagens que diz: "Toda arrecadação pelo nosso jornal desde 1º de julho de 2021 está bloqueada por ordem do TSE. Ajude a Folha Política a continuar o seu trabalho".

Além de doação espontânea, é comum o pedido de vizinhança com objetivos claros, como o de Alberto Silva, dono do Giro de Notícias. Ele pede aos "patriotas" auxílio para obter um aparelho de R\$ 5,000 e diminuir em 50% o valor da internet



A Youtuber Bárbara Destefani, tictada por apoiadores durante manifestação na avenida Paulista

Rogério Pagnon - 7. set. 21 / Folhapress

para continuar suas transmissões ao vivo.

Com mais de 1 milhão de seguidores, Silva já foi alvo de operação da Polícia Federal pela participação em atos antidemocráticos. Em rápida ligação por WhatsApp, um interlocutor do Giro de Notícias que não se identificou disse que a marca respeita a liberdade e que não mistura seu financiamento com governo ou política.

Além de dinheiro para manter suas estruturas, youtubers pedem repasses para outras finalidades, como um eventual pagamento da multa do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ). Também

ventilam a ideia de "Pix como voto impresso", publicada ao menos 300 vezes nos principais grupos de Telegram da militância.

A ideia é que Bolsonaro crie uma conta bancária para cada eleitor fazer um Pix de R\$ 1,00 comprovando a transação serviria como uma réplica de voto impresso "para contestar possível fraude eleitoral".

Mesmo sem a verba do Google, os influenciadores mais populares permanecem como as fontes primárias de informação dos eleitores, que abastecem vários canais de Telegram e grupos de WhatsApp com vídeos publicados por eles no YouTube.



Seguimos e obedecemos às regras de boa gestão. E nosso público percebeu que estávamos sob censura e aumentou sua fidelidade e sua audiência

José Tolentino editor do site Jornal Cidade Online

A decisão do TSE ajudou a estrangular a renda dos investigadores, mas não diminuiu a popularidade deles. Alguns até aumentaram a audiência dos canais durante a pandemia, com o forte discurso de que sofrem censura e são a alternativa à grande imprensa.

O principal exemplo é o canal Te Atualizei, de Bárbara Destefani, ativo há três anos na plataforma. Antes do processo do TSE, seis vídeos dela haviam alcançado 1 milhão de visualizações. No último ano, 11 conteúdos já ultrapassaram essa marca. Ela tem 1,63 milhão de seguidores.

Destefani também criou uma plataforma "à prova de

cancelamento", como diz, por onde tenta reverter a perda que teve com a mediatização.

Ela publica vídeos em um site próprio e cobra R\$ 10 por mês ou R\$ 120 à vista para que os "sócios" tenham acesso a "vídeos exclusivos" e conteúdo diário escrito. Também disponibiliza a opção de doação, que vai de R\$ 25 a R\$ 500.

A época da decisão do TSE, ela disse não ter sido comunicada pela Justiça sobre qual a fake news que produziu. "Me embaso em várias matérias de mídia para poder fazer isso, dá um trabalho monumental, vocês não têm noção. Eu faço tudo sozinha porque eu não tenho gabinete do ódio", afirmou em 16 de agosto no vídeo.

O Jornal Cidade Online, que tem uma audiência inferior no YouTube, mas é uma referência entre eleitores de Bolsonaro, também ganhou relevância no YouTube após a determinação da Justiça.

O editor José Tolentino diz que a medida do TSE afetou "a estrutura empresarial", mas que a audiência cresceu.

"É claro que tem impacto na nossa estrutura empresarial. Porém, seguimos e obedecemos às regras de boa gestão. E nosso público percebeu que estávamos sob censura e aumentou sua fidelidade e sua audiência. As dificuldades aguçaram a criatividade da nossa equipe gerencial. Bem por isso, atualmente, somos um dos maiores portais de notícias do Brasil", afirmou por e-mail, acrescentando que o bloqueio é uma "arbitrariedade que fere o direito de informação e a liberdade de imprensa e de expressão".

Para Guilherme Felitti, da Novelo Data, a "punição do TSE foi reinterpretada por canais como 'perseguição' e 'censura', o que ajudou a aglutinar a base de seguidores em alternativas de financiamento que não dependam da plataforma de vídeos".

Ele aponta que, para alguns, como o Vlog do Lisboa e a Folha Política, o impacto foi relevante para empacar o crescimento da base, e para outros, a punição parece ter acelerado o ganho de seguidores.

Corrupção bolsonarista, capítulo 5

Orçamento secreto aluga centrão, seduz oposição, ainda libera e esconde o ladrão

Conrado Hübner Mendes

Professor de direito constitucional da USP, é doutor em direito e ciência política e membro do observatório Pesquisa, Ciência e Liberdade - SBPC

Gilmar Mendes foi entusiasta da Lava Jato. Dizia na Fiesp que a operação teria desoberto "modelo de governança corrupta" e "felizmente para o Brasil, 'estragou tudo'. Os missionários de Curitiba teriam desvendado a "cleptocracia". Após impeachment, Gilmar trocou de lado e inverteu o alvo de xingamentos e linfames. A virada lhe rendeu título de trincheira do Estado de Direito, honraria graciosa dada pela advocacia também a Augusto Aras, outro ícone da "descriminalização da política".

Artur Lira e Rodrigo Pacheco, presidentes da Câmara e do Senado, construíram um magistral "modelo de governança corrupta". Dessa vez, secreto.

O segredo abre múltiplos túneis escuros de corrupção, além de reconfigurar, de modo inconstitucional, antirrepublicano e antidemocrático, a separação de Poderes, o jogo federativo e a competição eleitoral. Os adjetivos são hiperbólicos. Mais hiperbólico é esse tufão.

Remodelou a relação entre Executivo e Legislativo, entre presidente da República e presidentes das Casas do Congresso, e também entre parlamentares e governos locais. É a possibilidade de lucrar com isso sem prestar contas e curtir a anonimidade.

Orçamento secreto é capítulo central da corrupção bolsonarista. Criou laço de reci-

procidade e mútua dependência entre a parcela mais venal e parasitária da política brasileira e Jair Bolsonaro.

Estrutura uma permuta: para evitar impeachment, delinquir sem consequência e disputar reeleição ameaçando ignorar as urnas, parlamentares do centrão recebem poderes como nunca para negociar recursos pelas prefeituras do país, garantir sua reeleição e com liberdade de colocar recurso no próprio bolso.

Reportagens impressionantes de Breno Pires, no Estadão e na Piauí, a partir de 2021, radiografaram o mecanismo: Lira e Pacheco, empedrados, negociam apoio com cada parlamentar e premiam os disciplina-

dos com quantias não sabidas.

Com esses recursos, o parlamentar pode bater à porta, por exemplo, de prefeituras e oferecer recursos em troca de contrapartidas. Entre as contrapartidas, às vezes, está a chamada "volta", ou seja, o retorno de parte do dinheiro para o bolso do parlamentar.

O último texto de Breno Pires descreveu remessas recordes de dinheiro para municípios minúsculos do Maranhão, onde se falsificam consultas e exames no setor de saúde. Depois do escândalo dos trutores, das máquinas agrícolas e dos fundos de educação, é urgente aprofundar investigação do que se passa no SUS.

O STF foi chamado a inter-

vir nessa turbina nuclear do clientelismo. Cobrou transparência. Suas ordens continuam ignoradas. O Congresso simula obediência pela publicação de planilhas obscuras que não revelam valores destinados a "usuários externos". Esses usuários desconhecidos levam parte significativa dos recursos secretos.

Ao lado de sua postura no tema do meio ambiente e do ar, o manto, a passividade diante de mais essa desobediência a suas decisões completa uma trilha de omissões retumbantes do STF. Talvez prefiram deixar para depois das eleições. Depois das eleições, o orçamento secreto já teria reeleito a nata da elite venal do Congresso. E poderá ter feito por Bolsonaro, nas eleições de 2022, ainda não sabemos o quê.

Pode-se comparar, do ponto de vista financeiro, o volume de recursos movimentados nos últimos grandes escândalos de corrupção. No mensalão, R\$ 140 milhões. No petrolão, R\$ 2,1 bilhões desviados da Petrobras. O secretário, en-

tre 2020 e 2022, teve R\$ 53 bilhões de dotação orçamentária, R\$ 44 bilhões empenhados e R\$ 28 bilhões já pagos.

Mas a comparação financeira radica pouco. Importante analisar a função de cada um na arquitetura da corrupção. No mensalão, parlamentares vendiam seu voto e embolsavam dinheiro. No petrolão, desvios e propinas nos contratos da empresa geravam dinheiro para partidos da coalizão governamental. Um "quid pro quo" rudimentar.

O secretário é plurifuncional: não apenas facilita que dinheiro incerto enriqueça o parlamentar com o que concede por crédito de influência a microgestão do gasto em política pública. Multiplica não só a irracionalidade mas o potencial do roubo. O dinheiro não vai para o lugar que mais precisa, mas para onde o parlamentar quis.

E diante de pedidos por transparência do recurso público secreto, gritos contra a "criminalização da política" voltaram a ecoar no Planalto.

DOM, Elío Gaspari, Janio de Freitas | SEG, Celso R. de Barros | TER, Joel P. da Fonseca | QUA, Elío Gaspari | QUI, Conrado H. Mendes | SEX, Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB, Demétrio Magnoli



Policiais militares mostram as câmeras instaladas nos uniformes em São Paulo. Rubens Cavallari - 20.abr.21/Folhapress

Candidatos PMs são recorde em SP por voto bolsonarista

Ao menos 135 agentes de forças de segurança se afastaram para concorrer

Rogério Pagnan e Artur Rodrigues

SÃO PAULO. A corrida eleitoral deste ano em São Paulo terá o número recorde de 80 policiais militares da ativa, entre praças e oficiais, que tentarão vaga na Assembleia Legislativa ou na Câmara dos Deputados.

Esses PMs representam mais da metade dos ao menos 135 integrantes das forças de segurança que disputarão o pleito em 2022.

Em 2018, quando o país passava por uma guinada conservadora e que levou, por exemplo, o major Olimpio Gomes (na época, pelo PSB) ao Senado com 9 milhões de votos, foram 73 praças oficiais que pediram afastamento da corporação para concorrer.

Dez anos atrás, em 2002, fo-

ram 34, contra 49 em 2006, 33 em 2010 e 40 em 2014, segundo dados da PM paulista.

A simpatia das forças policiais é disputada pelos candidatos ao governo paulista, uma vez que, além dos mais de 100 mil policiais, há familiares, conhecidos e diversos setores da população influenciados pela categoria.

No caso de candidatos policiais, há ainda vantagem de que necessariamente farão campanha colada a algum candidato ao governo do estado.

Em São Paulo, há aversão desse grupo pelo PSDB, apontado como culpado pelos salários considerados insatisfatórios. Por outro lado, existe simpatia à figura de Jair Bolsonaro (PL) e também a Tar-

císio de Freitas (Republicanos), pré-candidato do presidente ao governo paulista. Inclusive, há relatos de policiais fazendo campanha para o candidato ao Governo de SP de Bolsonaro até dentro dos quartéis.

Visando esse grupo, Tarcísio tem prometido reavaliar o uso das câmeras dos uniformes dos policiais que, segundo ele, não podem ser vistos como suspeitos.

Já a administração estadual e de Rodrigo Garcia (PSDB) têm feito diversos acenos a esse grupo, que vão do aumento de salário à compra de equipamentos.

Esse pleito ganha are de uma competição particular porque, diante de um cenário menos favorável do que quatro anos atrás, os novos candidatos precisarão disputar votos entre si e, também, com outros policiais eleitos,

Nenhuma polícia do mundo tem tantos candidatos. A lei no Brasil é muito fraca e favorece a politização partidária das polícias. Hoje, o policial sai para ser candidato e pode voltar à instituição gerando grande politização das fileiras

Rafael Alcázar
professor da área de segurança da FGV (Fundação Getúlio Vargas)

com equipes de campanha já estruturadas há tempos.

Entre os neófitos está o capitão Rafael Telhada que tem no currículo ser filho do deputado estadual Coronel Telhada. O pai, ex-comandante da Rota (tropa de elite da PM), deve concorrer à Câmara de Deputados e, Telhadinha, como é conhecido, à Assembleia. Ambos são filiados ao Progressistas.

"Agora é hora de saber se realmente se as pessoas reconhecem o trabalho da gente ou não. [...] Espero que as pessoas transiram esse carinho, esse apoio ao meu trabalho para a pessoa do meu filho também", disse o deputado.

Ele afirma esperar por uma eleição mais difícil por conta do grande número de candidatos e, também, pelos ataques dos concorrentes.

"É aquela situação. Cada um corre atrás do seu prejuízo. Por muita gente não tem história e, em vez de apresentar uma proposta, apresentar o que fez, fica apontando o dedo para os outros e criticando. Acho que isso não tem resultado, porque as pessoas estão de saco cheio disso", afirmou ele.

De acordo com levantamento feito pela Folha no Diário Oficial do estado, ao menos 16 mulheres policiais vão concorrer a uma vaga no parlamento — ou cerca de 26% do contingente de candidatas da ativa. Entre elas está Fátima Aparecida dos Santos de Souza, conhecida como Pérola Negra. Mulher negra mãe de cinco filhos, ela concorreu em 2018 ao governo paulista como vice do major Costa e Silva (Democracia Cristã).

Outro candidato pela PM é o tenente Flávio Gonçalves da Costa, o tenente Bahia. Em 2019, o oficial viveu uma tragédia particular ao perder a mulher, a enfermeira Jéssica Victor Guedes, no dia do casamento.

Ela estava grávida de seis meses, passou mal na porta da igreja e foi submetida a um parto de emergência. A criança (Sophia) foi salva, mas a mãe morreu após o procedimento.

O policial se tornou, depois disso, militante na defesa dos direitos da mulher, das mães e de crianças, em especial as prematuras.

"Sou militar, mas eu não sou da política da boca. Navegando, eu trago coisas de cunho social. Projetos que efetivamente vão valer a pena na vida de uma pessoa", afirma o oficial, que se diz bolsonarista e que tem atualmente mais 500 mil seguidores só no Instagram.

Para Rafael Alcázar, pro-

fessor da área de segurança da FGV (Fundação Getúlio Vargas), as candidaturas têm impacto negativo para a corporação.

"Eu considero que nenhuma polícia do mundo tem tantos candidatos. Aqui no Brasil é muito fraca e favorece a politização partidária das polícias. Hoje, o policial sai para ser candidato e pode voltar à instituição gerando grande politização das fileiras", diz ele, que defende a aprovação de uma lei de quarentena para que o policial pudesse ser candidato.

Alcázar disse, ainda, que "as instituições, que deveriam ser de Estado, estão sendo instrumentalizadas pela política partidária".

A Polícia Civil terá, segundo dados da Secretaria da Segurança, 24 policiais na disputa ao Parlamento estadual e federal.

Um dos destaques é o delegado Carlos Alberto da Cunha, conhecido como delegado Da Cunha, um fenômeno nas redes sociais com mais de 3,7 milhões de inscritos, só no YouTube.

Ele ganhou fama com a divulgação nas redes sociais de operações policiais. Depois de manifestar intenção de candidatar-se ao Governo de SP, tentará uma vaga como deputado federal.

Entre os delegados também há uma disputa particular entre representantes de classe. O delegado Gustavo Galvão Bueno, presidente da Associação dos Delegados, disputa uma vaga como deputado estadual, assim como o presidente do Sindicato dos Delegados, Raquel Gallinatti.

As eleições deste ano terão ainda oito policiais penais — nova denominação para os agentes penitenciários. Esse é um candidato a menos do que em 2018. Um dos concorrentes é o sindicalista conhecido como Fábio Jabá (PSB), um dos raros agentes ligados à esquerda.

Jabá diz que, embora não negue o perfil ideológico diferente do resto da própria categoria, sua ideia como pré-candidato é focar nas questões relativas aos agentes, que não são representados pelos policiais hoje eleitos. Ele acredita que os colegas irão reconhecer o trabalho dele como sindicalista.

"A grande maioria é de direita, mas nossa categoria viu que o sindicato funcionou".

De acordo com a Prefeitura de São Paulo, até a última sexta-feira (8), três guardas municipais haviam solicitado afastamento para concorrer às eleições. Em 2018, foram 12 e, em 2014, foram 8.

mund o

Crise em aliança leva governo à beira do colapso na Itália

Partido dá ultimato e anuncia boicote a votação-chave para Mario Draghi

Michele Oliveira

MILÃO A gestão do primeiro-ministro italiano, Mario Draghi, pode estar com as horas contadas. A tradicional instabilidade política do país voltou à tona depois de o ex-premiê Giuseppe Conte, líder do Movimento 5 Estrelas (M5S), anunciar que o partido não votará, nesta quinta-feira (14), um decreto no Senado que tem a validade de um voto de confiança ao governo. Como o partido faz parte da ampla coalizão parlamentar que sustenta Draghi, um desfalecimento possível é o fim do governo, depois de só 17 meses, o que pode levar à convocação antecipada de novas eleições. A decisão se dá depois de semanas de tensão nos bastidores, ameaças e rompimentos. O decreto em votação é chamado de Ajuda, um pacote de €17 bilhões (cerca de

R\$ 92 bilhões) com medidas para aliviar o impacto do aumento dos preços de matérias-primas e da energia sobre os custos de famílias e empresas. O texto, de iniciativa do governo, foi aprovado na Câmara na segunda passada (11), sem a participação dos deputados do M5S, que se retiraram do plenário — ação que deve ser repetida no Senado. “O país está à beira do abismo, a situação mudou. Somos o único partido que pressiona o governo. Precisamos de uma fase diferente, e as declarações de Draghi não são suficientes”, afirmou Conte após um dia intenso de reuniões partidárias e também um telefonema com o premiê. Ele diz não concordar com alguns pontos do decreto, mas as desavenças já vêm aumentando por outras razões. No fim de junho, o envio de armas à Ucrânia e a participa-

ção do Parlamento nesse tipo de decisão ampliaram a divisão e culminaram na saída do ministro Luigi Di Maio (das Relações Exteriores), que montou um grupo parlamentar com cerca de 66 ex-M5S. Na semana passada, em um encontro com Draghi, Conte entregou uma lista de nove pontos que o partido considera fundamentais para continuar com o apoio da coalizão de governo, incluindo a criação de um salário mínimo para os trabalhadores. Em resposta, o premiê afirmou que muitos dos tópicos já fazem parte das prioridades do seu governo e disse não trabalhar com ultimatos. “Se eles continuam, não se pode trabalhar, e o governo perde o sentido”, afirmou ele, nesta terça (12). Apesar de ser número suficiente para aprovar o Ajuda, a ausência do voto de confian-

+
Itália teve 10 trocas de governo em 23 anos

Mario Draghi	2021-atual
Giuseppe Conte	2018-2021
Paolo Gentiloni	2016-2018
Matteo Renzi	2014-2016
Enrico Letta	2013-2014
Mario Monti	2011-2013
Silvio Berlusconi	2001-2006 e 2008-2011
Romano Prodi	2006-2008
Giuliano Amato	2000-2001
Massimo D'Alema	1998-2000

ça de um partido da coalizão é considerada sinal de perda da parte do apoio parlamentar. A uma iminente queda de Draghi podem se seguir três cenários. No primeiro, Draghi aceita formar um novo Executivo, com uma maioria menor e sem o M5S — algo que diz não estar disposto a fazer. “Outra possibilidade é a definição de um novo primeiro-ministro, em um governo-ponte”, segundo Alfonso Celotto, professor de direito constitucional da Universidade de Roma Tre. O pleito parlamentar italiano está previsto para o primeiro semestre de 2023, possivelmente em maio. Por fim, caso não haja acordo, o presidente da República, Sergio Mattarella, pode decidir por dissolver o Parlamento e convocar novas eleições — a Itália, porém, nunca realizou eleições em meses de verão. Um dos defensores do voto antecipado é a única força de oposição. O partido de ultradireita Irmãos da Itália é hoje o mais bem colocado nas pesquisas, com 22,5% das intenções de voto. “Guerra, pandemia, inflação, pobreza crescente, contas altas, riscos de energia, crise alimentar. E o governo ‘dos melhores’ está imóvel, às voltas com os jogos palacianos”, escreveu o líder Giorgia Meloni no Twitter.

A linha também tem apoio de Matteo Salvini, da Liga, também de ultradireita. “Se o M5S não votar o decreto, acabou. Vamos às urnas”, disse. Em segundo na preferência dos eleitores, o Partido Democrático, de centro-esquerda, era favorável à continuidade do governo, mas, antes do anúncio de Conte, seu líder, Enrico Letta, havia dito que, em caso de queda, a eleição antecipada é o caminho. Eleito em 2018 como o maior partido, o M5S participou de todas as formações do Executivo desde o início da atual legislatura. Sob o primeiro governo Conte, dividiu a coalizão com a Liga. Quando Salvini provocou a queda do governo, em setembro de 2019, o premiê refez a maioria com o PD. Em fevereiro de 2021, após outra crise em plena pandemia, Draghi assumiu o chamado governo de união nacional, com todas as forças políticas exceto os Irmãos da Itália. Em crise de identidade e com disputas de poder interna, o M5S tem 10% das intenções de voto, em quarto lugar. “O objetivo dos partidos é a eleição de 2023. É preciso decidir se o governo ou a oposição, para ter um discurso para os eleitores. E aí se pega um pretexto qualquer para sair do governo”, diz Celotto.

DOIS NOMES DEIXAM DISPUTA PARA SUCEDER BORIS JOHNSON NO REINO UNIDO



Jessica Taylor/Parlamento britânico/AF

A primeira votação no Partido Conservador para a escolha do novo premiê do Reino Unido eliminou nesta quarta-feira (13) Jeremy Hunt, ex-secretário de Relações Exteriores, e Nadhim Zahawi, ex-secretário de Educação. A disputa segue agora com seis nomes. Novas votações serão realizadas nos

próximos dias e eliminarão os menos votados até restarem apenas dois candidatos. A campanha, então, continua entre os 200 mil filiados à legenda, que escolhem o vencedor. O atual premiê britânico, Boris Johnson (na foto), disse nesta quarta no Parlamento que deixará o cargo “de cabeça

erguida”. Johnson citou o brexit, a vacinação contra a Covid e a atuação na Guerra da Ucrânia e se declarou “orgulhoso do formidável trabalho de equipe” realizado sob sua gestão. Ele renunciou há uma semana, após debandada de membros do seu governo, em meio a uma série de escândalos. **com AFP**

Presidente em fuga nomeia interino em vez de renunciar, e crise no Sri Lanka se agrava

COLOMBO | AFP E REUTERS A fuga do presidente do Sri Lanka, Gotabaya Rajapaksa, não aplacou a crise na ilha nem arrefeceu os protestos contra o governo. Nesta quarta (13), data em que o chefe do Parlamento havia dito que o mandatário iria renunciar, o que se deu foi a nomeação, a pedido do líder que partiu para as Maldivas, do primeiro-ministro Ranil Wickremesinghe como presidente interino, insuflando a insatisfação popular. Em uma de suas primeiras ações, o novo líder decretou toque de recolher até a manhã desta quinta-feira (14).

Antes, pediu em discurso televisivo que o Exército faça o necessário para restaurar a ordem no país. “Não podemos permitir que os fascistas tomem o controle”, afirmou. Manifestantes com a bandeira nacional invadiram o gabinete do premiê e entraram em confronto com a polícia — ao menos uma pessoa teria morrido, asfixiada pelo gás usado pelos agentes. Mais cedo, Wickremesinghe havia dito que trabalharia para decretar um estado de emergência no país, o que ampliaria o poder de atuação das forças de segurança — a medi-

da ainda não foi formalizada. “[Os manifestantes] que rem interromper o processo parlamentar. Mas devemos respeitar a Constituição. Então as forças de segurança me aconselharam a impor estado de emergência e um toque de recolher. Estou trabalhando para isso”, afirmou o líder. A população nas ruas pediu que o novo líder renuncie — o que, aliás, ele havia dito que faria, ainda no posto de premiê, no sábado passado (9), quando milhares incendiaram sua casa e invadiram a residência oficial de Rajapaksa. Cingaleses relatam a per-

cepção de que o interino representa uma continuidade da família Rajapaksa que há décadas tem grande influência política. O agora presidente interino assumiu como primeiro-ministro após o irmão mais velho de Gotabaya, Mahinda, ser forçado a renunciar em maio deste ano. Wickremesinghe pediu nesta quarta que o Parlamento nomeie um novo premiê para o secular e apelo que o nome seja escolhido em comum acordo pela base governista e a oposição. O presidente do Parlamento cingalês, Mahinda Yapa Abeywardena, disse ter sido infor-

mado por Rajapaksa por telefone de que uma carta sua formalizando a renúncia seria enviada nesta quarta-feira, o que não se concretizou até a meia-noite local. Ele manteve a data das eleições indiretas marcadas para o dia 20. O mandatário, sua esposa e dois seguranças deixaram o aeroporto internacional de Colombo, capital econômica do Sri Lanka, em um avião militar com destino a Maldivas. Pessoas próximas disseram a Reuters que ele estaria em Malé, capital do arquipélago, e que de lá iria a Singapura. Além de invadir o gabinete do premiê, manifestantes entraram na sede da emissora estatal do país. Durante uma transmissão ao vivo, um dos participantes exigiu que o canal exibisse apenas imagens

dos atos até que as demandas das ruas sejam atendidas. O canal, então, foi retirado do ar. A espiral do caos doméstico na ilha de 22 milhões de habitantes foi impulsionada pela pior crise econômica em pelo menos 70 anos. As políticas da família Rajapaksa foram apontadas como cruciais para que, em abril, o país suspendesse o pagamento da dívida internacional e sofresse com a falta de combustível. O governo inicialmente promulgou grandes cortes de impostos no final de 2019, enquanto cumpriria uma promessa de campanha e estimular a economia local. Somada à pandemia, que fez secar as receitas do turismo, a medida acabou por reduzir a arrecadação do Estado e a capacidade de compra de combustível.

Trumpanaros e o custo da servidão

Não há como promover reconciliação sem expor os facilitadores do golpismo

Lúcia Guimarães

É jornalista e vive em NY desde 1985. Foi correspondente de TV Globo, TV Cultura e canal GNT, além de colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo.

Não é um grupo homogêneo. Há os lambe-botas convictos, os oportunistas espertos e os mediocres terminais. Podem ser generais mercenários, educados em escolas de elite, que juraram respeitar a Constituição mas preferiram enxovalhar a reputação das Forças Armadas. Ou mercadores lucrando com a criminalidade sem precedentes, implementada tanto pelo empresário nova-iorquino como por seus grotescos clone carioca. Os americanos assistem, afinal, a um inventário coerente

da Presidência mais corrupta da república. Na terça (12), sétima audiência pública do comitê que investiga o 6 de Janeiro teve depoimentos de trumpistas arrependidos. É impossível negar a importância das audiências, num país onde 72% dos que votam no Partido Republicano continuam certos de que Donald Trump venceu a eleição realizada em 2020.

Todas as testemunhas interrogadas pelo comitê são republicanas e várias foram leais ao ex-presidente até a invasão do Capitólio, o que torna mais di-

fícil vender a história de que a investigação na Câmara é só propaganda dos democratas. Na última audiência, Jason Van Tatenhove, ex-porta-voz dos Oath Keepers — uma das milícias de nacionalistas brancos que organizaram o ataque ao Capitólio, depois de Trump convocar apoiadores em dezembro num tuíte — disse: “Vamos parar de falar em rodeios. O 6 de Janeiro foi planejado como uma revolução armada”.

Ao seu lado, Stephen Ayres, que já foi declarado culpa-

do por participar da invasão e pode pegar um ano de cadeia, afirmou que estava seguindo a convocação do então presidente derrotado. Ao final da audiência, Ayres se dirigiu até um grupo de policiais que foram espantados e feridos no 6 de Janeiro e pediu perdão.

Ninguém espera arrependimento dos dois monstros, o da Flórida e o de Brasília. Mas não há como promover reconciliação sem expor as hordas de facilitadores do golpismo violento. Dois novos livros servem de bússola para o balan-

ço que ainda deve ser feito no Brasil. Ambos são radiografias, em prosa excelente, dos que tornaram possível a eleição e a Presidência de Trump.

Tim Miller publicou “Why We Did It: A Travelogue from the Republican Road to Hell” (por que fizemos o que fizemos: um diário de viagem da estrada republicana para o inferno). Ele era um jagunço de aluguel, procurando sujeira sobre adversários do ex-governador da Flórida e pré-candidato republicano Jeb Bush, em 2016. É também um homem gay, casado e com uma filha adotada, que justificava a plataforma homofóbica do partido.

Testemunhos como o de Miller têm valor especial por mapear a hipocrisia conservadora. Ele criou uma classificação para diferentes graus de apoio ao trumpismo e entrevistou os

espécimes que foram protagonistas dos anos Trump, expondo argumentos repulsivos. Seu livro demole a falcácia sobre a importância de ficar no palácio para ser a voz da razão soprando conselhos no ouvido do autocrata. Os extremistas, ele conclui, se tornaram o rabo que hoje abana o cachorro do establishment republicano.

No outro livro sobre o tema, “Thank You for Your Servitude: Donald Trump’s Washington and the Price of Submission” (obrigado pela servidão: a Washington de Donald Trump e o preço da submissão), o veterano repórter político Mark Leibovich faz a contabilidade espantosa da transformação de republicanos conservadores em soldados de um culto mafioso. A prisão espera alguns habitantes da trumposfera. Eles não calcularam o risco da servidão.

| SEG. Mathias Alencastro | JUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcozky



Observado por líderes israelenses, Joe Biden alimenta a Chama Eterna do memorial às vítimas do Holocausto, em Jerusalém. Mandel Ngan/APF

‘Velho amigo’ de Israel, Biden defende Estado palestino e cita Irã

Viagem de presidente americano envolve controvérsias sobre acordo nuclear e encontros na Arábia Saudita

TELAVIV | REUTERS O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, foi recebido como um “velho amigo” em Israel nesta quarta (13), na primeira etapa de uma viagem pelo Oriente Médio, em meio a esforços para aproximar o país da Arábia Saudita e persuadir aliados a produzir mais petróleo.

No aeroporto Ben Gurion, Biden cumprimentou o primeiro-ministro Yair Lapid e o presidente Isaac Herzog e descreveu a relação entre Israel e Estados Unidos como “profunda até os ossos”. “Você não precisa ser judeu para ser sionista”, afirmou o americano, referindo-se à ideolo-

gia que defende que a região onde atualmente fica Israel é de direito dos judeus, o que é contestado pelos palestinos e também alguns povos árabes. A primeira visita de Biden ao país como presidente dos Estados Unidos é a décima de uma longa carreira política do democrata. Em Tel Aviv ele re-

Bolton admite ter planejado golpes em outros países

John Bolton, conselheiro de segurança nacional dos EUA durante parte do governo Donald Trump, admitiu em entrevista à CNN nesta terça (12) que já planejou golpes de Estado em outras nações. Ao comentar acusações de que Trump teria incitado o ataque ao Capitólio em 2021, Bolton sugeriu que o republicano não seria competente o suficiente para “um golpe de Estado cuidadosamente planejado” e disse: “Como alguém que já ajudou a planejar golpes de Estado, não aqui, mas, você sabe, em outros lugares, [sei que] isso é algo que dá muito trabalho”. Questionado sobre a quais golpes se referia, ele respondeu: “Eu não vou entrar nas especificidades”.

afirmou que deseja retomar as negociações por um Estado palestino. Ele classificou a proposta de “a melhor esperança” para ambos os povos.

Nesta sexta (15), a agenda prevê um encontro com o presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, na Cisjordânia — a primeira conversa de um presidente americano e um líder palestino desde o governo de Barack Obama. Depois, voltará para Jidá, na Arábia Saudita.

Washington espera ajudar a melhorar as relações entre dois de seus mais fortes aliados na região — que se reaproximaram com os chamados Acordos de Abraão — e combater a influência do vizinho Irã, mas também de Rússia e China, sobre o Oriente Médio.

Em entrevista gravada na Casa Branca e transmitida na emissora de TV local após sua chegada a Israel, Biden disse que, se preciso, Washington usará a força para barrar Teerã de desenvolver uma bomba nuclear. Segundo o democrata, Israel ficou mais vulnerável há quatro anos, quando o então presidente americano, Donald Trump, impôs o acordo assinado em 2015 com os iranianos. “Eles estão agora mais perto de uma arma do que antes”, avaliou Biden.

O presidente americano almeja retomar o pacto, mas poucos avanços foram conquistados — e Israel se opõe a uma negociação nessa linha. Autoridades israelenses disseram que o americano pretende anunciar o que o governo chama de Declaração de Jerusalém sobre a Parceria Estratégica EUA-Israel, que trará uma posição forte contra o programa do Irã e afirmará que os países estão comprometidos a “usar todos os elementos de seu poder nacional contra a ameaça nuclear”.

Outro nó a desatar envolve a promessa, reforçada por Biden nessa viagem, de reabrir um consulado em Jerusalém, fechado pelo republi-

cano Trump, que servia aos palestinos. “Obviamente, isso requer envolvimento do governo israelense”, disse o conselheiro de segurança nacional americano, Jake Sullivan.

As tensões na região estão altas depois de uma série de confrontos na época do Ramadã e devido ao assassinato da jornalista palestino-americana Shireen Abu Akleh em maio passado, na Cisjordânia.

Os palestinos dizem que Abu Akleh foi morta de forma deliberada por tropas israelenses, o que o governo nega. Washington concluiu que estavam os soldados, mas que não há evidências de que a ação tenha sido intencional.

O secretário de Estado americano, Anthony Blinken, conversou com a família de Abu Akleh, que acusa o governo de Joe Biden de garantir impunidade a Israel pelo crime — a sobrinha da jornalista, Lina, se disse frustrada com a viagem do americano ao país.

Nesta quarta, o presidente americano também prestou homenagem ao Yad Vashem, o memorial às vítimas do Holocausto na Segunda Guerra Mundial. Nesta quinta (14), se encontrará com Benjamin Netanyahu, hoje líder da oposição, que, quando premiê, foi aliado próximo de Trump e crítico da gestão de Obama, de quem Joe Biden foi vice.

Depois de visita a Israel, Biden quer usar a ida à Arábia Saudita para discutir a produção de petróleo — ele está sob pressão por causa do preço dos combustíveis, que tem impactado sua aprovação.

O presidente, porém, recebeu críticas pela possibilidade de se encontrar com o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, acusado pela inteligência americana de estar por trás do assassinato do jornalista do Washington Post Jamal Khashoggi. O próprio presidente chamou os sauditas de párias na campanha.

China diz ter expulsado destróier e acusa EUA de destruir paz

PEQUIM | REUTERS Pequim acusou os Estados Unidos de atarem para destruir a paz e a estabilidade regional após o destróier americano USS Benford navegar perto das disputadas Ilhas Parcel, no mar do Sul da China, nesta quarta (13). O regime asiático disse que teria afastado o navio depois que ele entrou ilegalmente em águas chinesas e o Exército de Libertação Popular acusou Washington de violar a soberania e a segurança de Pequim. “Os fatos mais uma vez mostram que os EUA são um criador de risco no mar da China Meridional”, disse um comunicado da ditadura. A Marinha americana, em

resposta, alegou que apenas afirmou direitos e liberdades de navegação na região, seguindo o direito internacional.

O arquipélago de Parcel — que na China é chamado de Xisha e, no Vietnã, de Hoang Sa — é composto por mais de 30 ilhas localizadas entre as costas dos dois países asiáticos. A região hoje está sob controle do regime chinês, mas é reivindicada por Hanói e por Taiwan, e foi palco de uma batalha naval entre China e Vietnã em janeiro de 1974.

A data para a contenda envolvendo o destróier americano também é simbólica: esta segunda-feira (11) marcou o sexto aniversário de uma

decisão do Tribunal Permanente de Arbitragem, sediada em Haia, na Holanda, segundo a qual os chineses não têm base legal para reclamar “direitos históricos” sobre a maior parte das ilhas no mar do Sul da China disputadas com as Filipinas. A China nunca aceitou a decisão da corte.

O USS Benford também navegou numa região próxima no ano passado, quando completaram-se cinco anos da decisão rechaçada por Pequim.

Em nota, a Sétima Frota dos Estados Unidos, a divisão da Marinha que opera nos oceanos Índico e Pacífico, negou as acusações feitas pelo regime chinês e disse que a opera-



ção na região demonstra apenas o “compromisso de manter a liberdade de navegação”.

Segundo a corporação, a declaração chinesa é a mais recente de “uma série de ações para afirmar suas reivindicações marítimas excessivas e ilegítimas às custas de seus vizinhos do Sudeste Asiático”. O texto alega que a China tem exigido permissão ou notificação prévia antes que um navio militar passe pela região. “Reivindicações marítimas ilegais e abrangentes representam uma séria ameaça à liberdade dos mares, incluindo as liberdades de navegação e sobrevoo, livre comércio e oportunidades econômi-

cas”, finaliza a nota dos EUA. Nesta terça-feira (12), em mais um discurso que visava a reforçar a presença americana na Ásia, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, instou Pequim a cessar o que chamou de “comportamento provocativo” no mar do Sul da China.

O texto alega que a China tem exigido permissão ou notificação prévia antes que um navio militar passe pela região. “Reivindicações marítimas ilegais e abrangentes representam uma séria ameaça à liberdade dos mares, incluindo as liberdades de navegação e sobrevoo, livre comércio e oportunidades econômi-

mercado

Classe média sentirá medidas do governo antes dos pobres

Auxílio maior concorre com inflação, e corte na gasolina pesa pouco na baixa renda

Douglas Gavras

SÃO PAULO Os mais pobres, cujo voto o presidente Jair Bolsonaro (PL) tenta conquistar na busca pelo segundo mandato, podem demorar mais tempo para sentir uma melhora de vida com os pacotes de benefícios lançados pelo governo às vésperas da eleição. A PEC (proposta de emenda à Constituição) que cria e amplia uma série de benefícios sociais ou programas a menos de três meses do pleito foi aprovada nesta quarta-feira (13) pelo Congresso e vai para promulgação.

Entre as principais medidas, está a ampliação do Auxílio Brasil, de R\$ 420 para R\$ 600, até o fim do ano e zera a fila de espera do programa. Ampliar o Auxílio Gás para R\$ 120 e criar outro, de R\$ 1.000, para caminhoneiros, também fazem parte do texto.

O governo também se mobilizou para cortar os impostos sobre combustíveis e tentar segurar a inflação. Em junho, a Câmara concluiu a votação do projeto que limita as alíquotas do ICMS (imposto estadual) incidente sobre combustíveis, energia, transportes e comunicações.

Na avaliação de economistas ouvidos pela **Folha**, porém, é preciso relativizar os efeitos do pacote pré-eleitoral de Bolsonaro, e a garantia de que ele aumente o bem-estar, sobretudo dos mais pobres, até outubro.

A curto prazo, a inflação vai cair, com o corte que já havia ocorrido nas bandeiras de energia e agora, na gasolina, diz o especialista da FGV André Braz. "Isso vai fazer com que a inflação de julho tenha uma queda e também nos obriga a revisar a previsão para o ano — saindo da casa dos 9% para a dos 8%", afirma.

"Energia e gasolina chegam a pesar 10% no IPCA [a inflação oficial]. Se o governo corta fortemente os impostos, a inflação cai." Ele lembra, no entanto, que a gasolina é um bem de luxo, cuja redução será sentida, sobretudo, pelas classes média e alta.

Segundo o Ipea, os dados desagregados revelam que, para as famílias de renda mais baixa (ganhando até R\$ 1.726 mensais, em valores de 2022), as maiores pressões inflacionárias nos últimos 12 meses até maio residiam nos grupos alimentação e bebidas.

Pesaram sobre as famílias altas em itens de grande consumo — como cenoura (116,4%), batata (54,3%), frango (22,7%), ovos (18,4%), leite (29,3%), macarrão (19,3%), pão francês (15,61%) e óleo de soja (31,3%).

Já para as de renda mais alta, os pontos de pressão estão, sobretudo, no grupo transportes, refletindo os aumentos dos combustíveis (29,1%), além da alta no transporte por aplicativo (64,3%), no táxi (12,3%) e nas passagens aéreas (88,7%), diz o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

"Quem é mais humilde sente a inflação da comida, mas não há garantia de que os preços dos alimentos fiquem mais baixos, já que eles dependem de uma série de fatores, como preços internacionais e cotações de insumos agrícolas."

Ainda assim, mesmo com o alívio dos cenários — com a inflação do ano batendo em 7,5% ou 8%, ela ficará mais que o dobro acima da meta para 2022, de 3,5%, afirma Braz.

Ele também ressalta que a conta irá chegar, e a queda na arrecadação prevista com o corte de ICMS significa que os serviços públicos que a população demanda e que já são avaliados como ruins — como saúde, educação e segurança pública — ainda podem piorar. O governo precisaria, portanto, torcer para que a conta chegue só depois de outubro.

O economista-chefe da MB Associações, Sérgio Vale, também tem dúvidas sobre o impacto das benesses no cenário eleitoral.

Para Vale, os mais pobres devem ter algum benefício com o aumento de R\$ 420 para R\$ 600 e com uma possível queda dos preços dos alimentos, ajudados pela próxima safra.

Ele diz acreditar, porém, que a população tende a ver o Auxílio Brasil como uma continuidade do Bolsa Família, e o ganho dado agora provavelmente não será tirado no caso de vitória da ex-presidente Lula, que lidera as pesquisas.

"Se Lula conseguir encaixar esse discurso, de que vai manter esses gastos e não encerrá-los no fim do ano, não vejo o Bolsonaro conseguindo angariar votos com isso. Pode-se até um tiro no pé. Mas ainda, ao piorar o lado fiscal, piora o câmbio e a inflação e acaba mantendo a corrosão da renda."

Também em sua avaliação, a inflação pode ficar na casa dos 8% no final do ano, e a população estará sofrendo as consequências da alta de preços durante a eleição.

"Tudo que está sendo feito não dá tempo de reverter o efeito já feito. E o ponto é que o efeito contrário, que bate no câmbio e pressiona a inflação, e o timing muito curto talvez não consigam ajudar a campanha de Bolsonaro."

Claudio Considera, do Ibre (Instituto Brasileiro de Economia, da FGV), acrescenta que os aumentos para R\$ 600 do Auxílio têm o efeito imediato de colocar mais recursos nas mãos das famílias, mas o grau de endividamento está tão elevado, e o poder de compra, tão deprimido, que a medida não deve ter efeito tão grande na atividade econômica.

Na segunda (11), dados do Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor apontaram que o Brasil bateu o recorde com 66,6 milhões de inadimplentes em maio — maior patamar desde o início da série histórica, em 2016.

"Outras medidas, como o Auxílio Gás, reduzem as neces-

O que pesou sobre as famílias nos últimos 12 meses até maio

116,4%
cenoura

54,3%
batata

22,7%
frango

18,4%
ovos

29,3%
leite

19,3%
macarrão

15,61%
pão francês

31,3%
óleo de soja

Fonte: Ipea

O mercado de trabalho costuma reagir com um pouco de defasagem à atividade econômica. Então, mesmo que a PEC tenha efeitos sobre o PIB, ainda levaria alguns meses para afetar o emprego

Bruno Ottoni
IDados

Medidas como o Auxílio Gás reduzem as necessidades das famílias, mas não devem gerar demanda nova. Os caminhoneiros também perderam muito com a queda da atividade e o aumento de custos, mas o governo deve conseguir repor só um pouco das perdas deles

Claudio Considera
Ibre (Instituto Brasileiro de Economia, da FGV)

sidades das famílias, mas não devem gerar demanda nova. Os caminhoneiros também perderam muito com a queda da atividade e o aumento de custos, mas o governo deve conseguir repor só um pouco das perdas deles, diz.

Constar a recada que mesmo medidas de estímulo recentes, do primeiro semestre, como o saque do FGTS e a antecipação do 13º para aposentados e pensionistas, podem representar um cobertor curto.

Pensados pelo governo como pilulas para estimular a economia, ambos devem ter destinos mais conservadores. A FGV ouviu 1,55 milhões de pessoas em sua sondagem sobre o destino que devem dar aos recursos e concluiu que dois terços, pretendem usar o dinheiro para pagar dívidas e poupar.

A expectativa do governo era que os saques extraordinários movimentassem em torno de R\$ 867 bilhões, sendo R\$ 30 bilhões do FGTS e R\$ 66,7 bilhões da antecipação de 13º de aposentados e pensionistas.

No caso da geração de empregos, na avaliação do economista Bruno Ottoni, da IDados, é difícil que a PEC tenha efeito antes da eleição, ainda que o trabalho tenha reagido com mais rapidez nos últimos trimestres do que se antecipava.

"O mercado de trabalho costuma reagir com um pouco de defasagem à atividade econômica. Então, mesmo que a PEC tenha efeitos sobre o PIB, ainda levaria alguns meses para afetar o emprego."

Ele também lembra que, se a PEC gerar uma expectativa de fiscal pior, isso pode incentivar o aumento de juros. "Juros mais elevados tenderiam a diminuir a atividade econômica e emprego, a médio prazo."

O economista-chefe do Itaú Unibanco, Mario Mesquita, lembra que o ambiente externo mais pressionado impede a apreciação do real e a estabilização do dólar abaixo de R\$ 5.

"O risco também subiu desde o início da pandemia. Sim, é preciso fazer estímulos quando se tem um choque, como na crise sanitária, mas o país já entrou na pandemia com a dívida elevada e o risco ficou mais alto."

Segundo estimativas do Itaú Unibanco para 2023, caso redução de tributos sobre combustíveis e as medidas da PEC se tornem permanentes, é estimado um déficit primário de -1,5% e dívida em 83,5% do PIB (ante -0,1% e 81,8%, respectivamente, caso as medidas sejam temporárias).

O banco revisou suas previsões de crescimento para o Brasil em 2022, de 1,6% para 2%, e para o ano que vem, manteve em 0,2%. Quanto à taxa de desemprego, a expectativa é de encerrar 2022 em 10,5% e em 11,2% em 2023.

Leia mais sobre a aprovação da PEC na pág. A14



Inflação por faixa de renda do domicílio

Contribuição por grupos, em p.p., e inflação em 12 meses até maio, em %*

	Alimentos e bebidas	Habituação	Artigos de residência	Vestido	Transportes	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais	Educação	Comunicação	Inflação total
Menos de R\$ 1.726,01	3,87	2,60	0,79	0,69	2,19	1,04	0,44	0,24	0,15	12,00
Entre R\$ 1.726,01 e R\$ 2.589,02	3,40	2,31	0,63	0,68	2,96	0,97	0,49	0,22	0,15	11,81
Entre R\$ 2.589,02 e R\$ 4.315,04	3,08	1,97	0,59	0,69	3,79	0,84	0,56	0,26	0,16	11,94
Entre R\$ 4.315,04 e R\$ 8.630,07	2,49	1,53	0,47	0,62	4,85	0,59	0,67	0,38	0,14	11,75
Entre R\$ 8.630,07 e R\$ 17.260,14	2,12	1,36	0,39	0,54	5,04	0,38	0,76	0,41	0,15	11,16
Acima de R\$ 17.260,14	1,54	1,02	0,34	0,50	5,78	0,23	1,07	0,67	0,11	11,27
IPCA	2,81	1,51	0,56	0,68	4,26	0,67	0,69	0,38	0,17	11,73

*Valores de jan. 22 | Fonte: Dimac (Ipea)

Supermercados vendem resto de frios, carcaça e pele de frango

Consumo de produtos comumente descartados vira alternativa nas periferias de SP diante da inflação

GUARULHOS, BARUERI, SÃO PAULO E CURITIBA | AGÊNCIA MURAL Além do soró do leite, vendido como alternativa ao longa vida diante da disparada de preços, supermercados nas periferias de São Paulo têm comercializado itens como feijão fora do tipo, pontas de frios — bandejas com restos de queijo e presunto —, carcaça e pele de frango.

No Capão Redondo, na zona sul, a reportagem encontrou ao lado do feijão comum o chamado 'feijão fora do tipo', composto por 70% de grãos inteiros e 30% feijão bandinha (partido), segundo o site da marca Solito Alimentos. A venda dele é autorizada desde que esteja identificado, 'cumprindo as exigências de marcação e rotulagem'.

No mercado, esse tipo de feijão saía a R\$ 8,48, e o carioca tradicional da mesma marca custava R\$ 9,98. Na mesma loja, pontas de frios eram vendidas como promocionais, com pedaços de restos de queijo.

No Grajaú, também na zona sul da capital, mercados e açougues estavam vendendo carcaça e pele de frango em sacos plásticos e bandejas. No mercado Fonte Nova, em Guarulhos, na Grande São Paulo, uma caixa de leite varia de R\$ 8 a R\$ 10. Por ali, subprodutos como soró de leite e misturas condensadas se tornaram alternativa mais barata.

'Troco os produtos senão não dá para comprar. Diariamente os valores aumentam nos supermercados. É impossível manter a mesma qualidade de vida com a situação atual', diz a assistente administrativa Patrícia Ribeiro, 38, moradora do bairro Maranhã, na zona leste de SP. O leite condensado, por exemplo, custava o dobro da versão 'genérica', a mistura láctea, no mercado onde ela fazia compras.

A crise e a inflação também impulsionaram mercados que vendem produtos perto da data de validade, os chamados 'vencidinhos'.

O supermercado Fonte Nova afirma que não houve nenhum comunicado por parte da empresa distribuidora para orientar os consumidores. Samuel Vieira, gerente de qualidade da Solito Alimentos, afirma que o bandinha é o mesmo feijão-carioca 'que abriu no meio', mas que precisa ser classificado como 'defeito' justamente por não ser um grão inteiro: 'ele é totalmente sadio e pode ser consumido normalmente'.

'Comer pe, carcaça, aqui em casa tá sendo luxo quando tem. Nem ovo agente pode comprar mais, porque tá caro', relata Ionara Jesus, moradora de São Paulo (SP).

A desempregada busca sustento para quatro filhos. 'Nestes dias aqui em casa, para falar a verdade, nem carcaça tô podendo comprar, porque não tá sobrando nem para isso'. Com dois filhos, Elizabeth Almeida Leite, de Nova Iguaçu (RJ), recebe doações de uma vizinha. 'Eu ganho pele de galinha, carcaça, gordura de porco e de boi. É uma senhora aqui onde eu moro que cada reciclagem, então ela pede mercado as coisas, e ela me ajuda muito', relata.

Elisabete, que está desempregada e depende do Auxílio Brasil, recebe doações de uma conhecida que trabalha

em um restaurante.

'Jogavam as peles de frango fora, mas agora mandam para mim, que faço frita com a comida, com o tomate'.

Josefa da Silva mora em Osasco (Grande SP) com três filhos, quatro netos, uma sobrinha e dois de seus filhos. Todos estão desempregados, vivendo com o Auxílio e bicos.

'Na minha casa não tem arroz para comer hoje. Estamos tentando ver se alguém acha pelo menos um arroz, alguma coisa. Não tem mistura. Hoje as crianças não tomaram café. Tá péssimo, condição de tristeza mesmo', relata Josefa.

Ela diz que sobras de feira e doações permitem que coloque comida na mesa e cita como exemplo os açougues da região: 'Aqui perto de casa que já conheci a gente, pegamos restos de carcaça, de frango, de gordura, quando dão, mas tá muito difícil de dar também, porque agora tudo eles colocam para vender'.

Jorge Tioquetti, diretor-geral da ONG Banco de Alimentos, diz que a ONG aproveita alimentos que iam para descarte por terem perdido características comerciais, como frutas deixadas de lado em supermercados.

'Passamos recolhendo estes alimentos, fazemos nova triagem dos bons para consumo, e os demais vamos para cerca de 60 instituições, que atendem por volta de 25 mil pessoas cotidianamente'.

A ONG também trabalha com a conscientização de que partes de alimentos comumente vistas como sobras, como cascas, talos e sementes, podem ser mais bem aproveitadas, com benefícios à saúde. 'Muitas vezes essas partes dos alimentos são as mais ricas em proteínas e vitaminas'.

Já a carcaça e pele de frango não entram na distribuição. 'Não distribuímos, não consideramos isso como aproveitável para a alimentação'.

Rodrigo Afonso, diretor-executivo da ONG de combate à fome Ação da Cidadania, diz que o consumo de produtos comumente descartados, como carcaça e pele de frango, já faz parte da rotina de dezenas de milhões de brasileiros, que recorrem a esse tipo de alimentação para colocar alguma proteína na mesa.

Segundo relatório da ONU, 61,3 milhões (cerca de 3 em cada 10 habitantes do Brasil) convivem com algum tipo de insegurança alimentar. Destes, 15,4 milhões estão em insegurança alimentar grave, ou seja, passam fome.

Afonso explica que na insegurança alimentar grave predomina a alimentação de restos ou alimentos muito baratos. Com proteínas, frutas, legumes e verduras cada vez mais caros, a falta, aumenta o consumo de produtos ultraprocessados, frequentemente mais baratos e prejudiciais à saúde, como salicha e lingoça.

'É uma espécie de fome. Apesar de você ter alimento na mesa, a pessoa está com fome de nutrientes, ela está adoecendo aos poucos à medida que ela não está consumindo uma alimentação saudável'. Mateus Fernandes, Tatiane Araújo, Ira Romão, Sane Almeida, Cleberson Santos, Gabriel Carvalho e Natália Vaz Bettini

PAINEL S.A.

Frentista

O Ministério de Minas e Energia pediu ao Cade que abra investigação para apurar indício de infração no mercado de crédito de carbono negociado na B3. O valor dos títulos, chamados de Cbíos, disparou nos últimos meses. A alta joga pressão nos preços da gasolina e do diesel no momento em que o governo tenta poupar o consumidor às vésperas da eleição. O Cbío foi o modelo criado pelo Renovar para incentivar combustíveis menos poluentes que os derivados do petróleo.

VERDE O título é emitido por produtores e importadores de biocombustíveis, enquanto as distribuidoras de combustíveis fósseis têm metas anuais de descarbonização e, portanto, são obrigadas a adquirir os Cbíos para atingir tais metas.

BOMBA A preocupação agora, a ser analisada no Cade, é se a distribuidora de combustíveis compraria certificados acima de sua meta em acordo com produtores de etanol e de biodiesel. Assim, tais distribuidoras elevariam o preço dos certificados para forçar suas concorrentes a pagar mais por óleo.

PRESSIONE No início do ano, distribuidoras de combustíveis de médio porte pediram intervenção do governo no mercado de Cbíos, mas não foram atendidas. Elas já reclamavam da escalada das cotizações, já que a compra obrigatória dos títulos impacta os custos do segmento.

FAÍSCA Os efeitos do grande incêndio na região da rua 25 de Março já provocam risco de demissões em lojas que tiveram de fechar as portas nos últimos dias. Ricardo Patah, presidente do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo e da central UGT, afirma que 3.000 trabalhadores correm risco de perder o emprego.

FUMAÇA Ele afirma que a ideia é negociar com empregadores acordos para evitar cortes, como antecipação de férias, feriados e banco de horas. 'Estamos com duas bancas na região, com diretores e advogados do sindicato para atender os trabalhadores. Também queremos abordar a questão da segurança. É imaginável acontecer isso em uma cidade como São Paulo', afirma Ricardo Patah.

CINZAS As perdas provocadas pelo incêndio, que levou ao fechamento de, pelo menos, 2.500 lojas são incalculáveis, segundo a ACPSP (associação do comércio de SP). A entidade diz que a paralisação das atividades chega em um momento muito ruim porque os negócios começaram a colher frutos de um fôlego na retomada das atividades atingidas pela pandemia.

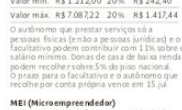
com Paulo Ricardo Martins e Gilmar Santos

INDICADORES

JUROS



CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência junho



O autônomo que presta serviços só a pessoas físicas (não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 1% sobre o salário mínimo. Donos de casa e de sua renda podem receber sobre 5% de sua renda. O prazo para recolhimento das contribuições é até o dia 15 de cada mês. O prazo para recolhimento das contribuições é até o dia 15 de cada mês. O prazo para recolhimento das contribuições é até o dia 15 de cada mês.

Joana Cunha

joana.cunha@grupofolha.com.br

REFRIGERANTE A Abrasel SP (Associação de Bares e Restaurantes de São Paulo) pediu mais prazo à prefeitura para se adaptar à nova proibição dos canudinhos de plástico nos estabelecimentos da capital. A entidade pede 90 dias e sugere a criação de uma campanha de orientação.

DRINQUE O decreto publicado no sábado (9) prevê multa de até R\$ 8.000 ou o fechamento do local em caso de descumprimento sistemático da determinação. Percival Maricato, diretor da Abrasel SP, afirma que a entidade é favorável à medida. Diz também que vai estimular os fornecedores a substituírem os canudos de plástico e recomendar aos clientes que evitem o uso.

PRATO O levantamento mensal do Procon-SP com o Diêse mostrou um aumento de 2,07% na cesta básica em junho na comparação com o mês anterior, chegando a R\$ 1.251,44. Conforme a pesquisa, que foi divulgada nesta quarta (13), todos os grupos estudados sofriram, com destaque para os produtos de higiene pessoal (5,30%), seguidos por limpeza (2,28%) e alimentação (1,78%).

BOLSO No ano, o preço desta cesta de produtos cresceu 15,02%. Dos 39 itens pesquisados, mais de 28 apresentaram alta, dez diminuíram e um permaneceu estável. O levantamento confirma a pressão da margarina (10,95%), produto que mais subiu em junho, impulsionado pela demanda mundial por soja.

CONTROLE REMOTO A Netflix anunciou nesta quarta (13) um capítulo que o mercado esperava na novela sobre o futuro do negócio. Val fazer uma parceria com a Microsoft para elaborar um plano de assinatura de streaming mais barato e com propagandas.

TELA A medida chega após o susto com a perda de 200 mil assinantes no início do ano, no primeiro recuo do indicador. A Netflix já avaliava um novo modelo de plano, dando espaço para publicidade, o que poderia compensar a perda de receita. A Netflix mostrou flexibilidade para inovar tanto em vendas quanto em tecnologia.

Josefa da Silva, que mora em Osasco (SP) com três filhos, quatro netos, uma sobrinha e dois de seus filhos

Karime Xavier / Folhapress

“

Na minha casa não tem arroz para comer hoje. Estamos tentando ver se alguém acha pelo menos um arroz, alguma coisa. Não tem mistura. Hoje as crianças não tomaram café. Tá péssimo, condição de tristeza mesmo

Josefa da Silva
moradora de Osasco (SP)

mercado

Após a desaceleração, voltaremos ao mundo de juros e inflação baixos?

Há riscos de o mundo se tornar mais inflacionário do que antes da pandemia

Solange Srouf

Economista-chefe de Brasil do banco Credit Suisse. É mestre em economia pela PUC-Rio

O tema predominante nas últimas semanas tem sido a magnitude da desaceleração da atividade necessária para trazer a inflação de volta para níveis próximos aos de antes da pandemia. No entanto, há duas outras questões relevantes: estaremos diante de juros estruturalmente mais altos? A inflação global retornará para patamares próximos aos níveis pré-pandemia?

Depois da recessão de 2008/2009, o mundo passou por um longo período de baixo crescimento e quase nenhuma pressão inflacionária, o que permitiu que as taxas de juros atingissem níveis baixíssimos —em alguns casos, negativos. O termo “estagnação secular”,

cunhado por Alvin Hansen na década de 1930, foi revivido na época por Lawrence Summers para se referir a um ambiente de economia estagnada por um longo período.

As explicações para a queda estrutural dos juros, sem que houvesse pressões inflacionárias, eram: a) de um lado, uma demanda menor por investimentos (devido à diminuição da população em idade ativa que mandava menos equipamentos e a revolução tecnológica que exigia cada vez menos investimentos em capital físico para determinada produção, resultando também em bens mais eficientes e baratos); e b) do outro, um aumento da oferta de poupança (causado pelo envelheci-

mento da população —idosos tendem a utilizar as poupanças acumuladas— e pela desigualdade social, já que pessoas mais ricas têm maior propensão a poupar e disponibilizá-las em busca de altos retornos).

Os simpatizantes da teoria advogavam o uso do investimento público como fator chave para dinamizar as economias e colocavam em segundo plano preocupações com a sustentabilidade da dívida pública em um ambiente de juros estruturalmente baixos. Até a pandemia, tal teoria ganhou muitos adeptos, tornando-se um dos fatores responsáveis pelo extraordinário expansionismo fiscal e monetário que a seguiu.

Eis que agora grande parte do mundo desenvolvido está vivendo sua maior inflação desde 1970. Depois de apostar por muito tempo na tese de uma aceleração temporária da inflação causada por preços de commodities em alta, vários bancos centrais não só começaram o processo de subordinação dos juros como já anunciaram que provavelmente terão de trazê-los para níveis bem mais restritivos comparados aos níveis pré-pandemia. Estamos diante do risco de uma recessão sincronizada nas mais importantes economias. Será que a taxa de juros de equilíbrio, ou seja, aquela que não traz pressões inflacionárias, também subiu? Se esse for

o caso, o aperto monetário necessário pode ainda ser maior do que o esperado. Alguns argumentos nessa direção são: 1) o aumento da demanda por investimento pós-pandemia com a maior digitalização e automação; 2) o envidamento da necessidade de financiamento do governo nos países elevados (o que aumenta a demanda por poupança); 3) a alta do prêmio de risco para financiar déficits públicos depois de um período de sucessivas surpresas inflacionárias.

A tais fatores podemos adicionar os questionamentos sobre o risco de o mundo ser mais inflacionário do que antes. São eles:

1) os preços da energia podem até cair em virtude da desaceleração global e de uma possível volta da oferta assim que a guerra terminar, mas ficarão por muito tempo pressionados por causa de uma mudança radical na matriz energética do mundo, que certamente não será um fenômeno reversível; 2) possibilidade de o mundo ser menos globalizado. Além dos problemas decorrentes da quebra das cadeias produtivas durante a pandemia, as

tensões geopolíticas agravadas com a invasão da Ucrânia aumentaram a necessidade de o processo produtivo ser menos dependente de fornecedores externos, ou ao menos de países não aliados; 3) apesar da abertura das economias, a participação da força de trabalho ainda se encontra aquém do nível pré-pandemia em várias regiões. O fenômeno da “grande resignação” passou a ser conhecido como aquele em que funcionários rivalham suas carreiras e deixam seus empregos, enquanto as empresas têm um número recorde de vagas abertas, o que coloca pressão sobre salários e preços.

Toda essa discussão não é meramente acadêmica. No mundo de juros e inflação baixos, países emergentes atraíram investimentos e cresceram bastante, mesmo com fundamentos domésticos não tão arrumados —como déficits fiscais e externo altos. Em um mundo diferente, esses países terão de priorizar a correção de seus desequilíbrios. No caso brasileiro, sem dívidas, o maior desequilíbrio é o fiscal, que é bastante sensível aos juros e ao crescimento do PIB.

| DOM, Samuel Pessoa | SEG, Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER, Michael França, Cecilia Machado | QUA, Helio Beltrão | QUINTA, Gida Bental, Solange Srouf | SEX, Nelson Barbosa | SÁB, Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Empresa de bitcoin que deu golpe em Sasha faz mais vítimas

Rental Coins, de aluguel de criptomoedas, responde a centenas de processos

Cristiane Gercina

Como funciona o aluguel de criptomoedas



1. O proprietário de uma criptomoeda pode alugá-la para empresas que oferecem esse tipo de investimento, sem precisar deixá-las paradas, esperando a valorização, tal qual ocorre com um imóvel



2. Um contrato de aluguel é feito, prevendo o período em que o ativo ficará alugado e qual será o ganho mensal do investidor



3. Em geral, a renda paga é variável



4. Ao final do contrato, a criptomoeda volta para o investidor



5. No caso do golpe, a pessoa não precisa ter a criptomoeda; basta investir determinada quantia na empresa, que paga o aluguel pelos criptoativos a serem comprados e, ao final do contrato, há a devolução do investimento

Fonte: CripToFácil

que a empresa promete nível maior a quem investir mais no negócio, ou quando a empresa oferece o aluguel mesmo para quem ainda não tem nenhuma criptomoeda, mas pode investir quantias em dinheiro.

No aluguel de bitcoins, o investidor aluga seu criptoativo para uma empresa especializada e recebe um valor por mês, conforme percentual determinado em contrato, que estabelece um prazo para a locação e a devolução dos ativos no final. No caso que envolve Sasha, os percentuais variavam de 0,5% a 5%.

Em seu site, a Rental Coins usa a analogia do aluguel de imóveis para explicar seu negócio com criptoativos.

“Você tenha (sic) um imóvel no centro da cidade, o qual você adquiriu com o objetivo de ganhar com a valorização do mesmo. Ao invés de deixar o imóvel fechado só valorizando, você resolve utilizá-lo para fazer uma renda extra e o aluga, recebendo uma porcentagem mensal por ele”, afirma texto da empresa.

Também funciona assim quando você aluga seu ativo digital, por um determinado período de tempo, e recebe uma porcentagem variável mensalmente pelo seu criptoativo cedido”, complementa a explicação. A reportagem tentou entrar em contato com a Rental Coins por diversas vezes, sem sucesso. No site, há apenas um e-mail da ouvidoria, que não funciona. A única opção era fazer um cadastro para obter mais informações, o que não foi feito, já que esse cadastro envolve o envio de documentos.

Os principais processos contra Francis Silva estão no Paraná, sede da empresa. É lá que Sasha e Figueiredo processam o Sheik. No Tribunal de Justiça local, há 248 processos envolvendo a Rental Coins como ré. Há ainda uma investigação da Polícia Federal com denúncias de todo o país.

O caso estava sendo apurado pelo Ministério Público do Paraná, mas, com o início da investigação por meio da Polícia Federal, passou a ser criminal também com o

Como identificar golpes de criptoativos

Fique atento e fuja de situações nas quais:



1. O investidor conquista um certo nível de hierarquia dependendo do quanto investe



2. A empresa nunca apresenta nenhum retorno negativo



3. A empresa oferece vantagens financeiras caso o investidor indique mais pessoas



4. Os rendimentos mensais oferecidos são fixos

Fonte: CripToFácil

“Essa questão de falar que aluga criptomoeda comprada na suposta exchange da empresa configura, para mim, a construção de um cenário que visa dar prejuízo às pessoas

Luciano Regis
Luciano Regis Advocacia

segredo. Seus detalhes serão revelados ao final da apuração.

“Recentemente, a competência para processar e julgar o feito foi declinada para a Justiça Federal, ante a constatação de que o caso já está sendo apurado pela Polícia Federal”, afirma nota do Ministério Público.

Há ainda o inquérito civil, que corre em segredo de Justiça para proteger dados financeiros das vítimas.

Em São Paulo, o mais recente levantamento da (rp2), apontado na terça-feira (12), aponta para 16 processos envolvendo a Rental Coins. Um dos casos envolve o ex-juiz Janguié Diniz, famoso nas redes sociais. Ele não havia respondido à Folha até a publicação deste texto.

No Rio de Janeiro, há dois processos, mas há indícios de que atendidos por advogados que monitoram a condição do investimento das vítimas. O advogado Luciano Regis, do Luciano Regis Advocacia, diz que estuda diversos casos para ingressar com processos.

“Não há uma ilegalidade no aluguel de criptomoedas, porque a lei não impede essa realização, entretanto ela carece de uma lógica. Essa questão de falar que aluga criptomoeda comprada na suposta exchange da empresa configura, para mim, a construção de um cenário que visa dar prejuízo às pessoas.”

Paulo Aragão, cofundador da empresa CripToFácil, afirma que essa prática de aluguel é algo que já vem sendo oferecido há algum tempo. A dica para saber se é um golpe ou não é prestar atenção no que está sendo oferecido. Em geral, rendimento fixo por aluguel de bitcoin não existe.

“É um mercado muito volátil, e não tem como você garantir uma espécie de rentabilidade mensal. Se a gente analisar de forma retrospectiva, parte das empresas que ofereciam isso, de aportar dinheiro e você ganhar um rendimento fixo, era, na verdade, pirâmides, onde você só conseguia pagar o próximo com a entrada de novas pessoas”, afirma Aragão.

O pastor Silas Malafaia confirmou sua sociedade com Francis Silva, mas afirma que desfaz a parceria com o empresário em março, quando começou a receber informações de que poderia haver falhas nos negócios de Silva. Ele nega que, em sua igreja, houvesse qualquer incentivo ao investimento em bitcoin.

Procurado, o advogado da Rental Coins não havia respondido à reportagem até a publicação deste texto.

País é cobrado por posição na ‘3ª Guerra mundial’, afirma Guedes

Julio Wiziack

BRASÍLIA. O ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou nesta quarta-feira (13) que o Brasil crescerá mais do que EUA e Europa no momento em que o mundo já enfrenta a Terceira Guerra Mundial —uma referência ao conflito entre Rússia e Ucrânia— e que organismos internacionais de que o Brasil faz parte já cobram posicionamento do país em defesa da democracia.

Guedes fez a declaração na cerimônia de celebração dos 25 anos da Lei Geral das Telecomunicações, ocorrida no Ministério das Comunicações.

“Em Davos [Fórum Econômico de Davos], tem gente dizendo que já começou a Terceira Guerra Mundial”, disse o ministro. “É uma guerra de várias dimensões, segurança energética, bioenergética. Estamos já enfrentando uma guerra biológica.”

Guedes afirmou que “já sente uma disputa geopolítica nos fóruns” de que o Brasil participa.

“Perguntam se estamos com as democracias ou do outro lado do mundo [em referência à Rússia]”, “Chega aos Brics [grupo dos países em desenvolvimento], é a mesma coisa. Não pode usar a expressão guerra, sanções, já está havendo um estreitamento, e o Brasil é tão abençoado que as pessoas disputam o poder sem perceber que lá fora pode ter uma guerra em andamento.”

A pressão em torno do Brasil se deve ao posicionamento do presidente Jair Bolsonaro, que visitou o presidente da Rússia pouco antes da invasão da Ucrânia. Posteriormente, fez elogios ao governo de Vladimir Putin, sem se posicionar contra a guerra.

Guedes reafirmou o papel do Brasil na pós-pandemia e disse que, diferentemente de EUA e Europa, que devem enfrentar uma recessão à frente, o Brasil deverá crescer.

Anvisa libera aplicação da Coronavac contra Covid para crianças de 3 a 5 anos

Pedido de ampliação da faixa etária na bula do imunizante estava em análise desde 11 de março

Nathalia Garcia

BRASÍLIA A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) aprovou por unanimidade nesta quarta-feira (13) o uso emergencial da vacina Coronavac em crianças de 3 a 5 anos, sem restrições.

Mais cedo, a área técnica havia orientado a exclusão das crianças imunocomprometidas. O esquema vacinal aprovado segue o mesmo protocolo utilizado para a população em geral: mesma dosagem e intervalo de 28 dias entre duas aplicações.

A relatora Meiruze Freitas ressaltou em seu voto que, apesar das "incertezas ainda existentes" e mesmo com dados limitados sobre a eficácia da Coronavac, os benefícios conhecidos da vacina indicam superar riscos conhecidos e potenciais.

Ela destacou o uso extensivo da vacina Coronavac em crianças de 3 a 17 anos na China e no Chile, e em crianças e adolescentes de 6 a 17 anos no Brasil e entre outros países, sem que tenham surgido alertas de segurança.

Ela lembrou ainda que não há no Brasil uma alternativa terapêutica voltada para o público pediátrico para prevenir ou tratar a Covid-19.

"Essa vacina atende aos critérios necessários de qualidade e segurança para o uso em crianças. Ainda que a eficácia seja limitada, os dados indicam que o uso da Coronavac pode ajudar na prevenção de agravamento e óbitos por Covid-19", destacou.

O voto de Meiruze Freitas foi acompanhado pelos diretores Rômson Mota, Alex Campos, Cristiane Jourdan e pelo diretor-presidente da agência, Antonio Barra Torres, que afirmou que a "decisão sobre quando, como e se



Menina de 3 anos toma a primeira dose da vacina Pfizer contra a Covid-19 em Seattle, Washington

David Ryder - 21 jun. 22 / AFP

a vacina será adotada se dará pelo gestor de saúde".

"Destaco que o objetivo da referida autorização de uso emergencial é oferecer mais uma opção a ser disponibilizada aos gestores de saúde no enfrentamento à Covid-19 e refiro-me aqui, especificamente, ao Ministério da Saúde", disse Torres.

"É a nossa missão: oferecer opções para que o grande gestor da saúde nacional, o Ministério da Saúde, a quem, desde já, cumprimento na pessoa do ministro Marcelo Queiroga, possa decidir utilizar, decidir não utilizar, decidir pela conveniência, pela tempestividade, por todos os fatores que, certamente, as câmaras

técnicas do ministério poderão partir de lá se debruçar", acrescentou Torres.

Após aprovação pela Anvisa, o Butantan disse esperar agora que o imunizante seja incorporado ao Programa Nacional de Imunizações do Ministério da Saúde, de acordo com a demanda e mediante contratação. A pasta, por sua vez, afirmou que "vai avaliar, junto à Câmara Técnica Assessora em Imunizações, o uso do imunizante nesta faixa etária".

A relatora acatou as sugestões da área técnica de que o

Instituto Butantan deve assumir o compromisso de apresentar os dados complementares de efetividade no Brasil frente às novas variantes do novo coronavírus, e a avaliação da duração da proteção e acompanhamento na população pediátrica, conforme cronograma estabelecido.

Outra exigência foi a inclusão da faixa etária de 3 a 5 anos no estudo de farmacovigilância ativa para monitoramento de eventos adversos para pacientes pediátricos.

O pedido de ampliação da faixa etária na bula do imunizante estava em análise desde 11 de março, quando o Instituto Butantan fez uma nova solicitação à agência re-

guladora. Antes de dar seu aval, a Anvisa pediu ao laboratório a submissão de dados complementares.

Os técnicos continuaram trabalhando no processo, mas a contagem do prazo de sete dias úteis que a agência teria para avaliar foi suspensa.

Desde então, diversas reuniões entre a Anvisa, o Butantan e entidades médicas foram feitas. Também foram consultados os pesquisadores ligados ao projeto Curumim sobre um estudo que observou resultados satisfatórios da vacina, especialmente quanto à segurança para essa faixa etária. A agência considerou ainda outras pesquisas para subsidiar sua decisão, como o Imunita e o Projeto Vigiva.

de vacinas da Pfizer em crianças de 5 a 11 anos foi aprovada em 16 de dezembro do ano passado.

Doses virão da China e levarão 45 dias para chegar após compra

Fábio Pescarini

SÃO PAULO O Instituto Butantan vai importar doses da Coronavac da China para a imunização de crianças de 3 a 5 anos contra a Covid-19. A afirmação foi feita à Folha na noite desta quarta-feira (13) pelo secretário de estado da Saúde de São Paulo, o infectologista Jean Gorinchteyn.

Segundo Gorinchteyn, o estoque de Coronavac é muito pequeno e deve ser usado para quem tomou a primeira dose desta vacina e ainda não apareceu para receber a segunda injeção do imunizante contra Covid.

A partir da encomenda das vacinas pelo Ministério da Saúde ao instituto, diz o secretário, a estimativa é que os imunizantes levem 45 dias para chegar ao Brasil. "Aqui em São Paulo precisamos de dois dias para começar a vacinação em todo o estado", afirmou.

Gorinchteyn disse que em São Paulo há 1,1 milhão de crianças da faixa etária liberada para a Coronavac.

Menores com maior risco de morte após uma infecção por coronavírus continuam sem vacina

Cláudia Colucci

SÃO PAULO Crianças entre seis meses e dois anos, que ainda não têm indicação para a vacinação contra Covid-19 no Brasil, têm mais do que o dobro de risco de morte em relação à faixa etária entre três e cinco anos, para a qual a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) autorizou nesta quarta (13) o uso da vacina Coronavac (Butantan).

Enquanto o primeiro grupo de crianças responde por 36,4% das mortes e 43,9% das internações na faixa etária do zero aos cinco anos, o segundo grupo foi responsável por 14% e 22,4%, respectivamente, entre 2020 e 2021.

Os dados são do Observa Infância, projeto ligado à Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) e que reúne informações do Ministério da Saúde e das secretarias estaduais de Saúde. Em 2020 e 2021, os dois primeiros anos da pandemia, 1.508 crianças de zero a cinco anos morreram e outras 28.461 foram internadas por complicações da Covid.

Metade dos óbitos (50,5%) e 33,7% das internações ocorreram entre bebês até seis meses de idade, para os quais não há indicação da vacina contra a Covid em nenhum lugar do mundo.

Ao menos 13 países já vacinam crianças menores de cinco anos contra a Covid-19. Em locais como Chile e Venezuela, a imunização é oferecida desde o fim de 2021 e, nas úl-

timas semanas, Estados Unidos e Israel aprovaram a aplicação de doses a partir dos seis meses de idade.

No Brasil, até o momento, nenhuma farmacêutica solicitou autorização à Anvisa para uso da vacina a partir dos seis meses. Em nota, a Pfizer disse que "busca fazer a submissão à Anvisa o mais prontamente possível". A Zódiac, representante da Moderna, espera entregar a solicitação para usar seu imunizante em todas as faixas etárias, incluindo crianças de seis meses a cinco anos, no início de agosto.

Especialistas ouvidos pela Folha dizem que é muito importante a liberação da vacina para as crianças entre 3 e 5 anos, mas é preciso que o Brasil avance para a vacinação a partir dos seis meses, que faixa etária que concentra ainda mais mortes e internações.

"É um avanço importante [a liberação do uso para a faixa etária dos três aos cinco anos] para a proteção das nossas crianças, mas ainda é insuficiente. A Argentina, nossa vizinha, já deve começar no final de julho a imunizar crianças a partir de seis meses. Precisamos avançar nessa direção também", diz Cristiano Boccolini, pesquisador do Observa Infância.

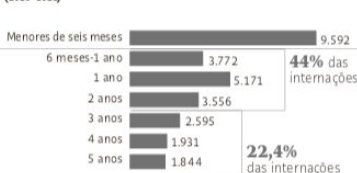
A Argentina já vacina crianças a partir de três anos, segundo o Ministério da Saúde local, em 25 de julho o país receberá 1,4 milhão de doses para iniciar a imunização de crianças entre seis meses e três

Maioria das mortes infantis por Covid ocorre até 1 ano de vida

Mortes por Covid
(2020+2021)



Internações por Covid
(2020+2021)



Fonte: Observa Infância, projeto da Fiocruz

O primeiro ano de vida é quando se concentra a maior gravidade dos casos das crianças

Renato Kfourir
pediatra e infectologista

anos, e oferecer reforço para aquelas entre três e quatro anos. Para quem tem entre 3 e 17 anos, são aplicadas as vacinas Sinopharm e Moderna e os menores de três anos receberão doses da Moderna.

Renato Kfourir, presidente do departamento científico de imunizações da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), também defende a vacinação a partir dos seis meses. "O primeiro ano de vida é quando se concentra a maior gravidade dos casos das crianças. As vacinas da Pfizer e da Moderna têm registro nos Estados Unidos a partir dos seis meses e já começaram a ser utilizadas lá, a gente espera com muita ansiedade que sejam utilizadas aqui também", afirmou.

Embora o número de mortes de crianças até cinco anos represente apenas 0,22% do total de óbitos por Covid até dezembro de 2021 (668.274) no Brasil, a quantidade está muito acima em relação a outros países.

Os Estados Unidos, por exemplo, registraram 442 mortes entre crianças abaixo dos cinco anos por Covid até dezembro de 2021, ou seja, quase um terço do total de óbitos brasileiros. Os EUA têm 3,6 milhões de nascimentos por ano, enquanto o Brasil cerca de 2,6 milhões.

"Estamos com número de mortalidade por complicações da Covid muito maior do que dos americanos e europeus e pior do que o México e a Argentina, países que têm níveis socioeconômicos semelhantes aos nossos", diz o infectologista Francisco Ivanildo de Oliveira Junior, gerente de qualidade do Hospital Infantil Sabará.

Segundo ele, a expectativa é que, com a ampliação da vacinação para abaixo de cinco anos, haja diminuição de mortes e de internações por Covid como ocorreu em outras faixas. "Principalmente entre as crianças abaixo de um ano de idade, mesmo as saudáveis, há maior risco de complicações, elas fazem pneumonias virais mais graves e precisam de internação em UTI".

No Hospital Pequeno Príncipe, de Curitiba (PR), 886 dos 288 casos de internações de crianças e adolescentes por Covid neste ano se concentraram na faixa etária abaixo de cinco anos, a maioria (111) entre os lactentes (de 30 dias a dois anos incompletos).

Oliveria Junior explica que dificilmente haverá vacina contra Covid para as crianças abaixo de seis meses. O mesmo ocorre, por exemplo, com a imunização contra a gripe influenza. "Por essa faixa etária, a melhor estratégia é a vacinação da gestante por que tem passagem dos anticorpos [pela via placentária]".

Para o infectologista, é importante não só avançar na vacinação para as faixas etárias menores como também reforçar a imunização das crianças entre 5 e 11 anos.

Nessa faixa etária, o percentual de vacinados com a primeira dose está em torno de 66%, e a segunda dose está estagnada em menos de 40%. "Precisamos entender o motivo dessa resistência e reforçar a importância do esquema completo para garantir uma proteção mais efetiva contra as formas mais graves. Os dados publicados não mostram mortes ou complicações relacionadas à vacina".



Mulheres protestam contra violência obstétrica e estupro de grávidas em São João de Meriti, no Rio de Janeiro. Foto: Eduardo Anicelli / Faltapress

Delegada diz que médico pode ser um criminoso em série

Polícia apura possível abuso de duas grávidas atendidas horas antes do flagrante

Ana Luiza Albuquerque

SÃO JOÃO DE MERITI (RJ) À frente das investigações do caso do anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante na madrugada de segunda-feira (11) por estuprar uma mulher sedada durante uma cirurgia de parto, utilizava-se menos de três estratagemas para cometer o crime, segundo depoimentos de técnicos e enfermeiros à polícia obtidos pela reportagem.

Bezerra foi filmado pela equipe de enfermagem colocando o pênis na boca da paciente. O médico aplicava sedação excessiva nas vítimas durante o parto, pedia que os maridos se retraiam da sala antes que a cirurgia fosse finalizada e levantava uma espécie de cortina para dificultar que outros profissionais presentes no local vissem a cabeça da paciente.

Bezerra trabalhava há cerca de dois meses no Hospital da Mulher. Há pelo menos um, a equipe de enfermagem começou a desconfiar do seu comportamento. A polícia os profissionais disseram que a sedação aplicada pelo anestesista era incomum e que dificultava a amamentação. Uma das técnicas de enfermagem disse que as pacientes ficavam "completamente fora de si" e que nem sequer conseguiram seguir os recém-nascidos.

Ela disse também que as mulheres não ficavam assim quando eram cuidadas por outro anestesista e que, no plantão anterior ao de domingo, percebeu as mesmas atitudes de Bezerra. Outra profissional afirmou à polícia que, no domingo, o anestesista utilizou propofol na segunda cirurgia. Na terceira, além do medicamento, usou também ketamina. Os frascos foram apreendidos por uma investigação.

Uma funcionária disse que chegou a questionar o médico sobre a sedação e que ele respondeu: "Por quê? Você também quer?". Um dos técnicos disse em depoimento que, no meio da cirurgia, o médico dizia que a paciente estava apresentando quadro de náuseas e fazia a aplicação de novas drogas, para apagá-las.

Os profissionais afirmam que, também no meio da cesárea, Bezerra pedia para que o acompanhante se retirasse. O mesmo foi narrado pelas famílias das pacientes que prestaram depoimento na delegacia. A legislação garante que a grávida tenha um acompanhante durante todo o procedimento. Um dos técnicos disse que, depois que o acompanhante

saía e a paciente estava completamente sedada, o anestesista fazia uma cortina impedindo que a equipe visse a parte superior da paciente. Ele se posicionava em pé, perto da cabeça da mulher. Uma enfermeira disse que Bezerra utilizava dois campos cirúrgicos para cobrir a visão das pacientes, o que não é usual. Outro técnico disse que a sala estava fria e que, em seguida, usava um avental cirúrgico para fazer a barreira.

Essa estratégia pode ser observada na filmagem feita pelos enfermeiros. Uma espécie de cortina apareceu levantada sobre a paciente, entre duas barras de ferro. De um lado, próximo à cabeça da paciente grávida, fica Bezerra. Do outro, os demais profissionais.

É nesse momento que o anestesista abusava da paciente. Na gravação, ele coloca o pênis no seu rosto, enquanto segura a cabeça da mulher e olha seguidas vezes para os lados. Ao fim, utiliza uma gaze para limpar o rosto da paciente e o próprio pênis. O material também foi apreendido pela polícia.

Em entrevista a jornalistas nesta terça-feira (12), a delegada responsável pelas investigações, Barbara Lomba, afirmou que os médicos ouvidos disseram não ter percebido o comportamento criminoso de Bezerra.

Segundo ela, eles afirmaram que a sedação era incomum, mas não disseram que era irregular. Como o anestesista é responsável pela medicação e cada profissional estava concentrado na sua função, não teriam notado a atividade criminosa ou reprimido o colega.

Os técnicos e enfermeiros, porém, perceberam o comportamento atípico do anestesista. Na segunda cesárea do domingo, uma das profissionais viu que ele estava com o pênis ereto, segundo depoimento à polícia. Foi aí que decidiram filmá-lo na terceira cirurgia.

Uma das profissionais afirmou que, depois que assistiram à gravação, as técnicas ficaram desorientadas e "criou-se um clima de horror". Eladise, ainda, que elas precisavam se controlar porque havia pacientes a serem atendidas em seguida, que não podiam perceber o ocorrido.

Nesta terça, o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) anunciou a suspensão provisória do registro médico de Bezerra. **ALA**

SÃO JOÃO DE MERITI (RJ) À frente das investigações do caso do anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante na madrugada de segunda-feira (11) por estuprar uma mulher sedada durante uma cirurgia de parto, utilizava-se menos de três estratagemas para cometer o crime, segundo depoimentos de técnicos e enfermeiros à polícia obtidos pela reportagem.

Bezerra foi filmado pela equipe de enfermagem colocando o pênis na boca da paciente. O médico aplicava sedação excessiva nas vítimas durante o parto, pedia que os maridos se retraiam da sala antes que a cirurgia fosse finalizada e levantava uma espécie de cortina para dificultar que outros profissionais presentes no local vissem a cabeça da paciente.

Bezerra trabalhava há cerca de dois meses no Hospital da Mulher. Há pelo menos um, a equipe de enfermagem começou a desconfiar do seu comportamento. A polícia os profissionais disseram que a sedação aplicada pelo anestesista era incomum e que dificultava a amamentação. Uma das técnicas de enfermagem disse que as pacientes ficavam "completamente fora de si" e que nem sequer conseguiram seguir os recém-nascidos.

Ela disse também que as mulheres não ficavam assim quando eram cuidadas por outro anestesista e que, no plantão anterior ao de domingo, percebeu as mesmas atitudes de Bezerra. Outra profissional afirmou à polícia que, no domingo, o anestesista utilizou propofol na segunda cirurgia. Na terceira, além do medicamento, usou também ketamina. Os frascos foram apreendidos por uma investigação.

Uma funcionária disse que chegou a questionar o médico sobre a sedação e que ele respondeu: "Por quê? Você também quer?". Um dos técnicos disse em depoimento que, no meio da cirurgia, o médico dizia que a paciente estava apresentando quadro de náuseas e fazia a aplicação de novas drogas, para apagá-las.

Os profissionais afirmam que, também no meio da cesárea, Bezerra pedia para que o acompanhante se retirasse. O mesmo foi narrado pelas famílias das pacientes que prestaram depoimento na delegacia. A legislação garante que a grávida tenha um acompanhante durante todo o procedimento. Um dos técnicos disse que, depois que o acompanhante

saía e a paciente estava completamente sedada, o anestesista fazia uma cortina impedindo que a equipe visse a parte superior da paciente. Ele se posicionava em pé, perto da cabeça da mulher. Uma enfermeira disse que Bezerra utilizava dois campos cirúrgicos para cobrir a visão das pacientes, o que não é usual. Outro técnico disse que a sala estava fria e que, em seguida, usava um avental cirúrgico para fazer a barreira.

Essa estratégia pode ser observada na filmagem feita pelos enfermeiros. Uma espécie de cortina apareceu levantada sobre a paciente, entre duas barras de ferro. De um lado, próximo à cabeça da paciente grávida, fica Bezerra. Do outro, os demais profissionais.

É nesse momento que o anestesista abusava da paciente. Na gravação, ele coloca o pênis no seu rosto, enquanto segura a cabeça da mulher e olha seguidas vezes para os lados. Ao fim, utiliza uma gaze para limpar o rosto da paciente e o próprio pênis. O material também foi apreendido pela polícia.

Em entrevista a jornalistas nesta terça-feira (12), a delegada responsável pelas investigações, Barbara Lomba, afirmou que os médicos ouvidos disseram não ter percebido o comportamento criminoso de Bezerra.

Segundo ela, eles afirmaram que a sedação era incomum, mas não disseram que era irregular. Como o anestesista é responsável pela medicação e cada profissional estava concentrado na sua função, não teriam notado a atividade criminosa ou reprimido o colega.

Os técnicos e enfermeiros, porém, perceberam o comportamento atípico do anestesista. Na segunda cesárea do domingo, uma das profissionais viu que ele estava com o pênis ereto, segundo depoimento à polícia. Foi aí que decidiram filmá-lo na terceira cirurgia.

Uma das profissionais afirmou que, depois que assistiram à gravação, as técnicas ficaram desorientadas e "criou-se um clima de horror". Eladise, ainda, que elas precisavam se controlar porque havia pacientes a serem atendidas em seguida, que não podiam perceber o ocorrido.

Nesta terça, o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) anunciou a suspensão provisória do registro médico de Bezerra. **ALA**

SÃO JOÃO DE MERITI (RJ) À frente das investigações do caso do anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante na madrugada de segunda-feira (11) por estuprar uma mulher sedada durante uma cirurgia de parto, utilizava-se menos de três estratagemas para cometer o crime, segundo depoimentos de técnicos e enfermeiros à polícia obtidos pela reportagem.

Bezerra foi filmado pela equipe de enfermagem colocando o pênis na boca da paciente. O médico aplicava sedação excessiva nas vítimas durante o parto, pedia que os maridos se retraiam da sala antes que a cirurgia fosse finalizada e levantava uma espécie de cortina para dificultar que outros profissionais presentes no local vissem a cabeça da paciente.

Bezerra trabalhava há cerca de dois meses no Hospital da Mulher. Há pelo menos um, a equipe de enfermagem começou a desconfiar do seu comportamento. A polícia os profissionais disseram que a sedação aplicada pelo anestesista era incomum e que dificultava a amamentação. Uma das técnicas de enfermagem disse que as pacientes ficavam "completamente fora de si" e que nem sequer conseguiram seguir os recém-nascidos.

Ela disse também que as mulheres não ficavam assim quando eram cuidadas por outro anestesista e que, no plantão anterior ao de domingo, percebeu as mesmas atitudes de Bezerra. Outra profissional afirmou à polícia que, no domingo, o anestesista utilizou propofol na segunda cirurgia. Na terceira, além do medicamento, usou também ketamina. Os frascos foram apreendidos por uma investigação.

Uma funcionária disse que chegou a questionar o médico sobre a sedação e que ele respondeu: "Por quê? Você também quer?". Um dos técnicos disse em depoimento que, no meio da cirurgia, o médico dizia que a paciente estava apresentando quadro de náuseas e fazia a aplicação de novas drogas, para apagá-las.

Os profissionais afirmam que, também no meio da cesárea, Bezerra pedia para que o acompanhante se retirasse. O mesmo foi narrado pelas famílias das pacientes que prestaram depoimento na delegacia. A legislação garante que a grávida tenha um acompanhante durante todo o procedimento. Um dos técnicos disse que, depois que o acompanhante

saía e a paciente estava completamente sedada, o anestesista fazia uma cortina impedindo que a equipe visse a parte superior da paciente. Ele se posicionava em pé, perto da cabeça da mulher. Uma enfermeira disse que Bezerra utilizava dois campos cirúrgicos para cobrir a visão das pacientes, o que não é usual. Outro técnico disse que a sala estava fria e que, em seguida, usava um avental cirúrgico para fazer a barreira.

Essa estratégia pode ser observada na filmagem feita pelos enfermeiros. Uma espécie de cortina apareceu levantada sobre a paciente, entre duas barras de ferro. De um lado, próximo à cabeça da paciente grávida, fica Bezerra. Do outro, os demais profissionais.

É nesse momento que o anestesista abusava da paciente. Na gravação, ele coloca o pênis no seu rosto, enquanto segura a cabeça da mulher e olha seguidas vezes para os lados. Ao fim, utiliza uma gaze para limpar o rosto da paciente e o próprio pênis. O material também foi apreendido pela polícia.

Em entrevista a jornalistas nesta terça-feira (12), a delegada responsável pelas investigações, Barbara Lomba, afirmou que os médicos ouvidos disseram não ter percebido o comportamento criminoso de Bezerra.

Segundo ela, eles afirmaram que a sedação era incomum, mas não disseram que era irregular. Como o anestesista é responsável pela medicação e cada profissional estava concentrado na sua função, não teriam notado a atividade criminosa ou reprimido o colega.

Os técnicos e enfermeiros, porém, perceberam o comportamento atípico do anestesista. Na segunda cesárea do domingo, uma das profissionais viu que ele estava com o pênis ereto, segundo depoimento à polícia. Foi aí que decidiram filmá-lo na terceira cirurgia.

Uma das profissionais afirmou que, depois que assistiram à gravação, as técnicas ficaram desorientadas e "criou-se um clima de horror". Eladise, ainda, que elas precisavam se controlar porque havia pacientes a serem atendidas em seguida, que não podiam perceber o ocorrido.

Nesta terça, o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) anunciou a suspensão provisória do registro médico de Bezerra. **ALA**

SÃO JOÃO DE MERITI (RJ) À frente das investigações do caso do anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante na madrugada de segunda-feira (11) por estuprar uma mulher sedada durante uma cirurgia de parto, utilizava-se menos de três estratagemas para cometer o crime, segundo depoimentos de técnicos e enfermeiros à polícia obtidos pela reportagem.

Bezerra foi filmado pela equipe de enfermagem colocando o pênis na boca da paciente. O médico aplicava sedação excessiva nas vítimas durante o parto, pedia que os maridos se retraiam da sala antes que a cirurgia fosse finalizada e levantava uma espécie de cortina para dificultar que outros profissionais presentes no local vissem a cabeça da paciente.

Bezerra trabalhava há cerca de dois meses no Hospital da Mulher. Há pelo menos um, a equipe de enfermagem começou a desconfiar do seu comportamento. A polícia os profissionais disseram que a sedação aplicada pelo anestesista era incomum e que dificultava a amamentação. Uma das técnicas de enfermagem disse que as pacientes ficavam "completamente fora de si" e que nem sequer conseguiram seguir os recém-nascidos.

Ela disse também que as mulheres não ficavam assim quando eram cuidadas por outro anestesista e que, no plantão anterior ao de domingo, percebeu as mesmas atitudes de Bezerra. Outra profissional afirmou à polícia que, no domingo, o anestesista utilizou propofol na segunda cirurgia. Na terceira, além do medicamento, usou também ketamina. Os frascos foram apreendidos por uma investigação.

Uma funcionária disse que chegou a questionar o médico sobre a sedação e que ele respondeu: "Por quê? Você também quer?". Um dos técnicos disse em depoimento que, no meio da cirurgia, o médico dizia que a paciente estava apresentando quadro de náuseas e fazia a aplicação de novas drogas, para apagá-las.

Os profissionais afirmam que, também no meio da cesárea, Bezerra pedia para que o acompanhante se retirasse. O mesmo foi narrado pelas famílias das pacientes que prestaram depoimento na delegacia. A legislação garante que a grávida tenha um acompanhante durante todo o procedimento. Um dos técnicos disse que, depois que o acompanhante

saía e a paciente estava completamente sedada, o anestesista fazia uma cortina impedindo que a equipe visse a parte superior da paciente. Ele se posicionava em pé, perto da cabeça da mulher. Uma enfermeira disse que Bezerra utilizava dois campos cirúrgicos para cobrir a visão das pacientes, o que não é usual. Outro técnico disse que a sala estava fria e que, em seguida, usava um avental cirúrgico para fazer a barreira.

Essa estratégia pode ser observada na filmagem feita pelos enfermeiros. Uma espécie de cortina apareceu levantada sobre a paciente, entre duas barras de ferro. De um lado, próximo à cabeça da paciente grávida, fica Bezerra. Do outro, os demais profissionais.

É nesse momento que o anestesista abusava da paciente. Na gravação, ele coloca o pênis no seu rosto, enquanto segura a cabeça da mulher e olha seguidas vezes para os lados. Ao fim, utiliza uma gaze para limpar o rosto da paciente e o próprio pênis. O material também foi apreendido pela polícia.

Em entrevista a jornalistas nesta terça-feira (12), a delegada responsável pelas investigações, Barbara Lomba, afirmou que os médicos ouvidos disseram não ter percebido o comportamento criminoso de Bezerra.

Segundo ela, eles afirmaram que a sedação era incomum, mas não disseram que era irregular. Como o anestesista é responsável pela medicação e cada profissional estava concentrado na sua função, não teriam notado a atividade criminosa ou reprimido o colega.

Os técnicos e enfermeiros, porém, perceberam o comportamento atípico do anestesista. Na segunda cesárea do domingo, uma das profissionais viu que ele estava com o pênis ereto, segundo depoimento à polícia. Foi aí que decidiram filmá-lo na terceira cirurgia.

Uma das profissionais afirmou que, depois que assistiram à gravação, as técnicas ficaram desorientadas e "criou-se um clima de horror". Eladise, ainda, que elas precisavam se controlar porque havia pacientes a serem atendidas em seguida, que não podiam perceber o ocorrido.

Nesta terça, o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) anunciou a suspensão provisória do registro médico de Bezerra. **ALA**

Anestesiista usava cortina, sedação excessiva e retirava acompanhantes

SÃO JOÃO DE MERITI (RJ) O anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante na madrugada de segunda-feira (11) por estuprar uma mulher sedada durante uma cirurgia de parto, utilizava-se menos de três estratagemas para cometer o crime, segundo depoimentos de técnicos e enfermeiros à polícia obtidos pela reportagem.

Bezerra foi filmado pela equipe de enfermagem colocando o pênis na boca da paciente. O médico aplicava sedação excessiva nas vítimas durante o parto, pedia que os maridos se retraiam da sala antes que a cirurgia fosse finalizada e levantava uma espécie de cortina para dificultar que outros profissionais presentes no local vissem a cabeça da paciente.

Bezerra trabalhava há cerca de dois meses no Hospital da Mulher. Há pelo menos um, a equipe de enfermagem começou a desconfiar do seu comportamento. A polícia os profissionais disseram que a sedação aplicada pelo anestesista era incomum e que dificultava a amamentação. Uma das técnicas de enfermagem disse que as pacientes ficavam "completamente fora de si" e que nem sequer conseguiram seguir os recém-nascidos.

Ela disse também que as mulheres não ficavam assim quando eram cuidadas por outro anestesista e que, no plantão anterior ao de domingo, percebeu as mesmas atitudes de Bezerra. Outra profissional afirmou à polícia que, no domingo, o anestesista utilizou propofol na segunda cirurgia. Na terceira, além do medicamento, usou também ketamina. Os frascos foram apreendidos por uma investigação.

Uma funcionária disse que chegou a questionar o médico sobre a sedação e que ele respondeu: "Por quê? Você também quer?". Um dos técnicos disse em depoimento que, no meio da cirurgia, o médico dizia que a paciente estava apresentando quadro de náuseas e fazia a aplicação de novas drogas, para apagá-las.

Os profissionais afirmam que, também no meio da cesárea, Bezerra pedia para que o acompanhante se retirasse. O mesmo foi narrado pelas famílias das pacientes que prestaram depoimento na delegacia. A legislação garante que a grávida tenha um acompanhante durante todo o procedimento. Um dos técnicos disse que, depois que o acompanhante

saía e a paciente estava completamente sedada, o anestesista fazia uma cortina impedindo que a equipe visse a parte superior da paciente. Ele se posicionava em pé, perto da cabeça da mulher. Uma enfermeira disse que Bezerra utilizava dois campos cirúrgicos para cobrir a visão das pacientes, o que não é usual. Outro técnico disse que a sala estava fria e que, em seguida, usava um avental cirúrgico para fazer a barreira.

Essa estratégia pode ser observada na filmagem feita pelos enfermeiros. Uma espécie de cortina apareceu levantada sobre a paciente, entre duas barras de ferro. De um lado, próximo à cabeça da paciente grávida, fica Bezerra. Do outro, os demais profissionais.

É nesse momento que o anestesista abusava da paciente. Na gravação, ele coloca o pênis no seu rosto, enquanto segura a cabeça da mulher e olha seguidas vezes para os lados. Ao fim, utiliza uma gaze para limpar o rosto da paciente e o próprio pênis. O material também foi apreendido pela polícia.

Em entrevista a jornalistas nesta terça-feira (12), a delegada responsável pelas investigações, Barbara Lomba, afirmou que os médicos ouvidos disseram não ter percebido o comportamento criminoso de Bezerra.

Segundo ela, eles afirmaram que a sedação era incomum, mas não disseram que era irregular. Como o anestesista é responsável pela medicação e cada profissional estava concentrado na sua função, não teriam notado a atividade criminosa ou reprimido o colega.

Os técnicos e enfermeiros, porém, perceberam o comportamento atípico do anestesista. Na segunda cesárea do domingo, uma das profissionais viu que ele estava com o pênis ereto, segundo depoimento à polícia. Foi aí que decidiram filmá-lo na terceira cirurgia.

Uma das profissionais afirmou que, depois que assistiram à gravação, as técnicas ficaram desorientadas e "criou-se um clima de horror". Eladise, ainda, que elas precisavam se controlar porque havia pacientes a serem atendidas em seguida, que não podiam perceber o ocorrido.

Nesta terça, o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) anunciou a suspensão provisória do registro médico de Bezerra. **ALA**

SÃO JOÃO DE MERITI (RJ) O anestesista Giovanni Quintella Bezerra, preso em flagrante na madrugada de segunda-feira (11) por estuprar uma mulher sedada durante uma cirurgia de parto, utilizava-se menos de três estratagemas para cometer o crime, segundo depoimentos de técnicos e enfermeiros à polícia obtidos pela reportagem.

Bezerra foi filmado pela equipe de enfermagem colocando o pênis na boca da paciente. O médico aplicava sedação excessiva nas vítimas durante o parto, pedia que os maridos se retraiam da sala antes que a cirurgia fosse finalizada e levantava uma espécie de cortina para dificultar que outros profissionais presentes no local vissem a cabeça da paciente.

Bezerra trabalhava há cerca de dois meses no Hospital da Mulher. Há pelo menos um, a equipe de enfermagem começou a desconfiar do seu comportamento. A polícia os profissionais disseram que a sedação aplicada pelo anestesista era incomum e que dificultava a amamentação. Uma das técnicas de enfermagem disse que as pacientes ficavam "completamente fora de si" e que nem sequer conseguiram seguir os recém-nascidos.

Ela disse também que as mulheres não ficavam assim quando eram cuidadas por outro anestesista e que, no plantão anterior ao de domingo, percebeu as mesmas atitudes de Bezerra. Outra profissional afirmou à polícia que, no domingo, o anestesista utilizou propofol na segunda cirurgia. Na terceira, além do medicamento, usou também ketamina. Os frascos foram apreendidos por uma investigação.

Uma funcionária disse que chegou a questionar o médico sobre a sedação e que ele respondeu: "Por quê? Você também quer?". Um dos técnicos disse em depoimento que, no meio da cirurgia, o médico dizia que a paciente estava apresentando quadro de náuseas e fazia a aplicação de novas drogas, para apagá-las.

Os profissionais afirmam que, também no meio da cesárea, Bezerra pedia para que o acompanhante se retirasse. O mesmo foi narrado pelas famílias das pacientes que prestaram depoimento na delegacia. A legislação garante que a grávida tenha um acompanhante durante todo o procedimento. Um dos técnicos disse que, depois que o acompanhante

saía e a paciente estava completamente sedada, o anestesista fazia uma cortina impedindo que a equipe visse a parte superior da paciente. Ele se posicionava em pé, perto da cabeça da mulher. Uma enfermeira disse que Bezerra utilizava dois campos cirúrgicos para cobrir a visão das pacientes, o que não é usual. Outro técnico disse que a sala estava fria e que, em seguida, usava um avental cirúrgico para fazer a barreira.

Essa estratégia pode ser observada na filmagem feita pelos enfermeiros. Uma espécie de cortina apareceu levantada sobre a paciente, entre duas barras de ferro. De um lado, próximo à cabeça da paciente grávida, fica Bezerra. Do outro, os demais profissionais.

É nesse momento que o anestesista abusava da paciente. Na gravação, ele coloca o pênis no seu rosto, enquanto segura a cabeça da mulher e olha seguidas vezes para os lados. Ao fim, utiliza uma gaze para limpar o rosto da paciente e o próprio pênis. O material também foi apreendido pela polícia.

Em entrevista a jornalistas nesta terça-feira (12), a delegada responsável pelas investigações, Barbara Lomba, afirmou que os médicos ouvidos disseram não ter percebido o comportamento criminoso de Bezerra.

Segundo ela, eles afirmaram que a sedação era incomum, mas não disseram que era irregular. Como o anestesista é responsável pela medicação e cada profissional estava concentrado na sua função, não teriam notado a atividade criminosa ou reprimido o colega.

Os técnicos e enfermeiros, porém, perceberam o comportamento atípico do anestesista. Na segunda cesárea do domingo, uma das profissionais viu que ele estava com o pênis ereto, segundo depoimento à polícia. Foi aí que decidiram filmá-lo na terceira cirurgia.

Uma das profissionais afirmou que, depois que assistiram à gravação, as técnicas ficaram desorientadas e "criou-se um clima de horror". Eladise, ainda, que elas precisavam se controlar porque havia pacientes a serem atendidas em seguida, que não podiam perceber o ocorrido.

Nesta terça, o Cremerj (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) anunciou a suspensão provisória do registro médico de Bezerra. **ALA**

A revalorização das ciências no Brasil

Escolas devem refletir sobre produção do conhecimento através dos tempos

Sérgio Rodrigues

Escritor e jornalista, autor de "O Dribler" e "Viva a Língua Brasileira"

Esta coluna foi escrita para a campanha #ciênciasseleções, que celebra o Mês da Ciência. Em julho, cientistas cedem seus espaços para refletir sobre papel da ciência na reconstrução do Brasil. Quem escreve é Pedro Paulo Pimenta, professor de filosofia na USP.

O que fazer quando a destruição da ciência se torna política de Estado? A prática científica nunca teve vida fácil no Brasil, se bem que a partir da segunda metade do século 20

ela tenha progredido, ainda que com percalços acidentados. Nos últimos 30 anos, a ciência brasileira se consolidou e ganhou projeção internacional, fazendo-se presente nas políticas de saúde e de educação, na imprensa e nas redes sociais. Durante a pandemia, a despeito da delinquência institucional generalizada, ela ganhou ainda mais projeção.

Para entender o vírus, foi preciso evocar a teoria da seleção natural. Para combater a história das pandemias.

Para vencê-lo, ainda que parcialmente, as virtudes da inoculação. O impacto negativo sobre a economia flexibilizou ortodoxias rígidas.

Só agora começam a vir à tona os efeitos na educação e na saúde mental das crianças e adolescentes. Essas e tantas outras coisas, discutidas mundo afora, foram negligenciadas por nossas "autoridades constituídas", mas não escaparam à atenção das pesquisadoras e profissionais lotadas nas universidades e instituições de pesquisa e ensino.

Apesar dos cortes de verba, que chegam a impedir o funcionamento de laboratórios, salas de aula e bibliotecas, a ciência mostrou seu valor para a compreensão do momento. Embora a pesquisa e o ensino, por si só, não possam mudar a realidade brasileira, a mudança passa por eles.

Quando falamos em ciência, evocamos coisas muito diferentes. Mudam métodos e abordagens, fica a mesma determinação de chegar a conclusões que contribuem para o avanço do conhecimento

to e a melhoria da vida em sociedade.

Vivemos numa época de aquecimento global. Há quem fale em Antropoceno, uma nova era geológica marcada a fundo pela atividade humana. Para lidar com essas questões, é preciso estreitar as redes de pesquisa, formar pessoas qualificadas, tornar-se cada vez mais seguro daquilo que se sabe e do que não se sabe e talvez não se possa saber.

Costumam se distinguir as ciências entre duras e moles, exatas e humanas etc. É um jeito obsoleto de ver as coisas. Na história do conhecimento, essas distinções não existem. As ciências progredem, mudam os paradigmas, consensos são desfeitos e surgem novos em seu lugar. Mas o que fica para trás não perde valor.

Quando publicou a terceira edição de "Origem das Espécies", Darwin acrescentou ao li-

vro um prefácio histórico. De Aristóteles a Lamarck, a ideia da transformação dos seres vivos sempre esteve presente. Coube a Darwin sistematizar e aprimorar algo que permanecia esporádico. Com a adoção do modelo econômico da escassez, ele criou a teoria da seleção natural e, em seu bojo, a ideia de evolução.

Histórias semelhantes aconteceram em quase todas as ciências. Se quisermos ter uma cultura científica, devemos recuperar essas narrativas, a começar pelo ensino nas escolas. E estimular a reflexão sobre a produção do conhecimento através dos tempos.

Para tanto, é preciso renovar a aliança entre "humanas", "exatas" e "biológicas". Nesse movimento, a filosofia tem participação ativa, pronta a esclarecer e a discutir os conceitos que estruturam a experiência.

| DOM, Antonio Prata | SEC, Marcia Castro, Maria Homem | TER, Vera Iaconelli | QUA, Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUA, Sérgio Rodrigues | SEX, Tati Bernardi | SÁB, Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Incêndio em prédios na região da rua 25 de Março é extinto após 63 horas

Mais de cem bombeiros participaram do combate às chamas; Prefeitura de SP pedirá demolição

Matheus Moreira

SÃO PAULO O Corpo de Bombeiros afirmou ter extinto por volta do meio-dia desta quarta-feira (13) o incêndio que atingiu um prédio de dez andares na região da rua 25 de Março, no centro de São Paulo. O fogo começou na noite de domingo (12).

Até todo, foram 63 horas de trabalho de mais de uma centena de bombeiros no combate às chamas.

O prédio ainda corre risco de desabar, situação que impede a continuidade do trabalho dos bombeiros no interior do edifício.

Dentro do prédio existem áreas em que a temperatura se aproxima dos 200°C, segundo o capitão Maycon Cristo, porta-voz dos bombeiros. Parte do edifício está inacessível.

De acordo com o oficial, apesar de no início da noite desta quarta ainda aparecerem alguns focos de fogo no entulho dentro do prédio, que não podem ser apagados diretamente pela interdição do prédio, o incêndio foi declarado extinto no começo da tarde. O trabalho está sendo feito pelos bombeiros que estão do lado de fora.

O capitão explica que o uso de jatos de água vindos de fora do prédio é ineficaz por que a água evaporaria antes de chegar ao fundo do prédio. Por isso, parte do trabalho de rescaldo é resfriar esses pontos para evitar que as chamas recendam.

"O risco de desabamento

está presente o tempo todo", afirmou o porta-voz.

A decisão de deixar o trabalho interno aconteceu na terça (12) após bombeiros ouvirem estalos e observarem o colapso de lajes do prédio. A laje de alguns pavimentos chegou a apresentar uma curvatura. Do lado de fora, é possível ver rachaduras nas paredes do edifício, mas não se sabe se foram causadas pelo

incêndio, segundo os oficiais.

Não há informações sobre danos às colunas de sustentação do prédio. Mas o conjunto de sinais de perigo contribuiu para a avaliação de risco.

"Com o risco de colapso, optamos pelo combate externo. Todo o incêndio é dinâmico. Nesse caso, temos um prédio de dez andares com cerca de 40 anos e cercado por outros prédios. Com a avaliação sen-

do refeita e constatando que alguns pontos sejam possíveis de acessar com segurança, alteramos nossa atuação e entramos", disse o capitão.

O prédio que pegou fogo tinha 78 salas e abrigava lojas, estoques e escritórios comerciais. Havia material inflamável no local, como capinhas de celulares e tecidos. Também havia um refeitório.

O prefeito Ricardo Nunes

(MDB) disse que a prefeitura pretende demolir o prédio. A

Procuradoria-Geral do Município anunciou que pedirá à Justiça autorização para a derubada controlada do imóvel.

"Se, depois de concluído o trabalho de rescaldo, houver necessidade de demolição, o dono da edificação terá que acionar o engenheiro contratado por ele para a realização do trabalho", diz a prefeitura.

Conforme informações da Polícia Civil, o fogo teria começado por volta das 21h de domingo após uma explosão na altura do terceiro andar do prédio comercial, localizado na rua Comendador Abdo Schahin.

Houve desabamento da estrutura da loja Matsumoto, que fica na rua Barão de Duprat, e do teto da Paróquia Ortodoxa Antioquina da Anunciação a Nossa Senhora, na rua Cavalheiro Basílio Jafet.

O risco de que outros três edifícios atingidos pelo fogo desabem não foi descartado. É o caso da loja e da paróquia.

Ao todo, segundo a prefeitura, nove edifícios foram interditados parcial ou totalmente. Como não são résidências, não há pessoas desabrigadas.

De acordo com Roberto Monteiro, delegado da 1ª Delegacia Seccional do Centro, quando os bombeiros tentavam chegar ao interior do prédio com oxigênio, na segunda-feira (11), teria ocorrido uma nova explosão, ferindo dois integrantes da corporação. Um deles teve 36% do corpo queimado. Ambos foram socorridos e levados ao hospital.

Ainda segundo os bombeiros, o prédio não tinha AVCB (Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros). A prefeitura afirmou que a edificação é de 1948. No térreo funcionavam lojas e, nos demais andares, escritórios.

Por causa dos incêndios, lojas da região de comércio popular de São Paulo ficaram com portas fechadas desde segunda-feira (11).

Ao Pinel S.A., Cláudia Urias, diretora executiva da Univinculo (União dos Lojistas da 25 de Março e Adjacências), afirmou que a associação vai fazer treinamentos com o comércio local e quer checar a documentação dos estabelecimentos. O cenário, diz ela, é de desespero, e os lojistas se preocupam em ficar mais um dia de portas fechadas.



Prédios atingidos pelo incêndio na região da rua 25 de Março, no centro de São Paulo

Matheus Moreira/Folhapress

Polícia abre inquérito para apurar abandono de incapaz da mulher da casa abandonada

SÃO PAULO A Polícia Civil de São Paulo instaurou um inquérito para apurar um possível abandono de incapaz de Margarida Bonetti, que tem sua história contada pelo podcast A Mulher da Casa Abandonada, da Folha. O procedimento foi aberto no início deste mês, depois que a série já tinha ido ao ar.

A investigação policial teve início depois que vizinhos do imóvel onde ela mora, em Higienópolis (no centro de São Paulo), ligaram para diversas delegacias afirmando que uma pessoa que apresentava problemas de saúde mental estava no local e precisava de ajuda.

Bonetti é suspeita de ter mantido por quase 20 anos uma empregada em condições análogas à escravidão nos EUA. No final dos anos 1990, quando a polícia americana investigava o caso, ela deixou o país e se fixou na casa

de sua família em Higienópolis, onde moratê hoje.

O episódio mais recente do podcast mostra que ela e outros herdeiros atualmente brigam na Justiça pelo imóvel.

O delegado Roberto Monteiro, da 1ª Delegacia Seccional Centro, afirmou que uma

irmã de Bonetti já foi ouvida pela polícia. No depoimento, ela disse que um tiro foi disparado contra a casa.

O delegado disse que a polícia ainda não conseguiu entrar no imóvel, mas que assim que isso acontecer, irá requisitar uma perícia do Instituto de Criminalística para confirmar se houve realmente um tiro contra a residência.

Segundo o inquérito, policiais já foram até o endereço e constataram que a casa está em "estado de abandono, com vasta vegetação cobrindo a entrada do imóvel, que estava fechado". Ainda segundo relato dos investigadores, foi possível notar que havia uma luz acesa na casa, mas ninguém respondeu os policiais.

Vizinhos e conhecidos da família também já foram ouvidos, mas a própria Bonetti ainda não prestou depoimento no inquérito aberto para apurar o abandono.

Barreiras jurídicas dificultam julgar Margarida Bonetti

Mariana Zylberkhan e Gustavo Fioratti

Uma das principais questões levantadas pelo podcast são as razões de Margarida Bonetti nunca ter sido julgada.

De acordo com especialistas ouvidos pela reportagem, há uma série de barreiras que dificultam que casos como este prossigam, seja na Justiça americana, seja na brasileira.

A respeito do crime, Margarida Bonetti deixou os EUA no fim dos anos 1990 com a investigação em andamento e, por isso, se beneficiou de um princípio legal do código criminal local para ser julgado, o suspeito precisa estar presente ou autorizar que o julgamento ocorra na sua ausência.

No país não existe o julgamento "a revelia", diz Rodrigo Fauze, advogado criminalista habilitado para atuar no Tribunal Penal Internacional.

"Assim, apenas se ela [Bonetti] estivesse presente no início do julgamento e abrisse mão de sua presença é que o julgamento iria continuar sem ela", diz Fauze. "Trata-se de uma garantia do due process, o devido processo legal, acompanhar seu próprio julgamento, possibilitando a participação efetivamente da produção probatória".

Além disso, o inciso 51 do artigo 5º da Constituição Federal brasileira veta a extradição de brasileiros natos. Ou seja, a mulher não poderia ser enviada de volta aos EUA para ser julgada, mesmo se isso fosse requisitado pelo governo americano.

O programa também questionou institutos da Justiça no Brasil e nos EUA mas não localizou nenhum esforço de colaboração entre os dois países na intenção de levar Bonetti a um julgamento.

Como o caso aconteceu há mais de 20 anos, a hipótese de

uma condenação de Bonetti hoje se faz ainda mais remota por uma possível prescrição do crime, como também explicado no episódio recente.

Essas condições se aliam a uma vasta coleção de obstáculos no combate ao trabalho análogo à escravidão pelo mundo, diz a Anti-Slavery International. "A escravidão moderna é um crime complexo e muitas vezes oculto, que pode ser difícil de detectar, o que pode dificultar o acesso à Justiça, com estruturas legais fortes, esforços de fiscalização e vontade política, os agentes [dessa luta] devem ser equipados para levar criminosos à justiça", diz o grupo.

Seis episódios do podcast estão disponíveis nas principais plataformas de áudio, como Spotify, Apple Podcasts e Deezer. Todas as quartas-feiras, às 7h, um novo episódio vai ao ar, até 25 de julho.

O podcast é apresentado e escrito por Chico Felitti, autor do livro "Ricardo e Vânia", que narra a história de vida de um artista de rua conhecido como Fofão da Augusta, e foi finalista do Prêmio Jabuti de 2020.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Churrasqueiro e fã de Chico Buarque, ensinou a esperar

LUIZ DAHER NOGUEIRA AUDI (1959-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Todas as sextas-feiras, Luiz Daher Nogueira Audi cumpria uma tradição: abria as portas de sua casa para um churrasco ao lado da família e dos amigos. Fez isso até os últimos dias de sua vida.

Luiz, anfitrião nato, era conhecido pelo bom humor, pelos comentários espirituosos e também pela generosidade.

No trabalho, segundo os amigos, era chamado de paternal por defender os funcionários.

Luiz nasceu em Marília (a 435 km da cidade de São Paulo) e aos dois anos mudou-se para o Oriente (a 457 km da cidade de São Paulo). Na infância, conheceu Vânia, aquela que seria sua mulher anos depois. Brincaram, aproveitaram a adolescência, namoraram e casaram. A partir do

namoro, foram 42 anos juntos —destes, 37 casados.

Já em Lins (a 431 km de São Paulo), Luiz interrompeu a faculdade de engenharia no terceiro ano. Foi para Marília, onde cursou matemática e direito.

Em 1981, começou a trabalhar na Caixa Econômica Federal e ficou até se aposentar, em 2016. De caixa chegou a gerente.

Luiz era de esquerda e tinha esperança de ver o Lula vencer as eleições deste ano. Bem informado, sabia como discutir política. Também era preocupado com questões sociais. Nas horas vagas, São Paulo

no, fã de Chico Buarque e um companheiro de viagem indispensável, principalmente em trajetos longos.

"Ele gostava de fazer viagens longas de carro, para visitar os filhos. Eu moro em Brasília e meu irmão Victor, em Belo Horizonte", conta a jornalista Amanda Audi, 35, sua filha.

Há pouco mais de um ano, Luiz foi diagnosticado com câncer no pâncreas. Um dia antes de ser internado avisou a esposa que aquela seria a última noite em casa. Despediu-se dela, dos filhos e dos cachorros. Deixou a filha Amanda alguns conselhos para levar a vida.

"Tenha paciência, fique perto da mãe e da família. Não tenha pressa, mas também não perca tempo. Sempre espere o melhor das pessoas. Nunca me arrependi de ter feito isso. Mas é bom ter um pouquinho de malícia. Não me arrependo de nada porque fiz tudo com calma. A gente sempre viveu de modo intuitivo e foi aprendendo. Deu tudo certo".

Luiz morreu dia 9 de julho,

aos 62 anos. Deixa a esposa, três filhos e uma irmã.

ISAÍAS DOURADO Aos 74, casado com Anézia Ferreira Dourado. Quinta (14/7) às 18h30. Cemitério Municipal de Castilho (SP)

EM MEMÓRIA **JOSÉ DE MORAES COELHO** Quinta (14/7) às 17h, Igreja Imaculada Conceição, Bela Vista, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3300 e central 155; prefeitura.sp.gov.br/serviciofuneraria. Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3241-4000. Seg. a sex. 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h. Aviso gratuito na seção: Folha.com/mortes até às 18h para a publicação no dia seguinte (válido sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3241-3305 das 10h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

esporte

ESPORTE
AO VIVO

19h30 Operário-PR x Sport
Série B, SPORT/PRIMEIRE

20h Palmeiras x São Paulo
Copa do Brasil, PRIMEVIDEO

21h Botafogo x América-MG
Copa do Brasil, SPORT/PRIMEIRE

Debate sobre restrição a atletas trans opõe inclusão e igualdade

Elegibilidade está entre as questões mais complicadas dos esportes de elite

Jeré Longman

THE NEW YORK TIMES O objetivo principal dos esportes de elite deve ser a justiça competitiva? Ou manter a integridade significa que a inclusão é tão importante quanto a igualdade de condições?

A questão, que agitou as piscinas de todos os lugares com o sucesso de Lia Thomas, a nadadora transgênero da Universidade da Pensilvânia, veio à tona novamente no mês passado. A Fina, órgão que rege o mundo da natação, basicamente proibiu as mulheres transgênero nos mais altos níveis da competição internacional feminina.

A proposta da Fina é criar a categoria aberta de competição, para "proteger a justiça competitiva". Mas uma categoria separada é "isolante, humilhante e tem o potencial de transformar competidores transgênero e não binários em um espetáculo", disse Anne Lieberman, diretora de políticas e programas da Athlete Ally, que quer acabar com a transfiliação e a homofobia nos esportes.

A tentativa de equilibrar inclusão e justiça, especialmente no que diz respeito à elegibilidade de atletas trans e intersexuais (competidores com o padrão masculino típico de



A nadadora transgênero Lia Thomas venceu campeonato universitário nos Estados Unidos
Joseph Prete/usa - 22.jun.22/APP

cromossomos X e Y) está entre as questões mais complicadas e divisivas do esporte.

Há argumentos fundamentados em ambos os lados. Passar pela puberdade como homem oferece vantagens físicas que persistem mesmo após a supressão dos níveis de testosterona, como ombros mais largos, mãos maiores, torços mais longos, músculos mais densos e maior capacidade cardíaca e pulmonar.

Em janeiro, as federações internacionais e europeias de medicina esportiva emitiram uma declaração conjun-

ta que dizia, em parte, que altas concentrações de testosterona "conferem uma vantagem básica aos atletas em certos esportes" e que, para defender "a integridade e a justiça no esporte", essas vantagens "devem ser reconhecidas e mitigadas".

No entanto, tem havido relativamente pouca pesquisa científica envolvendo atletas de elite transgênero. E os estudos não quantificaram o impacto preciso da testosterona no desempenho esportivo. O órgão regulador do atletismo, que instituiu regu-

lamentos rigorosos sobre os níveis de testosterona permitidos, corrigiu no ano passado sua própria pesquisa. Ele reconheceu que não poderia confirmar uma relação causal entre altos níveis de testosterona e vantagens de desempenho para atletas femininas de elite.

A Fina se fez vulnerável aos críticos, que a acusam de ter agido de forma precipitada e imprudente, retaliando contra Thomas e tentando criar uma solução para um problema que não existe. A Human Rights Campaign, organização de direitos civis LGBTQIA+, culpou o órgão regulador da natação por "ceder à avalanche de ataques preconceituosos e mal informados dirigidos a uma nadadora transgênero em particular".

Apenas uma atleta transgênero conhecida ganhou uma medalha olímpica em uma competição feminina, a jogadora de futebol canadense Quinn, que foi designada mulher ao nascer e se identifica como não binária. E apenas duas atletas abertamente transgênero parecem ter conquistado títulos da NCAA — Thomas e CeCe Telfer, que venceu a corrida de 400 metros com barreiras da Divisão 2 da Universidade Franklin Pierce, em 2019.

Mesmo vencendo, Lia Thomas não teve um desempenho arrasador no campeonato da NCAA em março. Seu tempo vitorioso na prova de 500 metros metros nado livre foi nove segundos acima do recorde universitário, estabelecido por Katie Ledecky para a Universidade Stanford em 2017. Thomas terminou em quinto lugar nos 200 metros livre e em último na final dos 100 metros livre.

"É muito lamentável que a Fina tenha tomado essa decisão", disse Joanna Harper, médica que pesquisou e escreveu sobre atletas transgênero. "As mulheres trans não estão dominando o esporte feminino, nem vão dominar".

Alguma outra federação internacional de esporte seguirá o exemplo da natação? Alguns preveem que a do atletismo possa ser a próxima, atraída pela solução da Fina para a espinhosa questão de quais níveis de testosterona devem ser permitidos. A regra da natação proíbe mulheres transgênero de competir, a menos que iniciem tratamentos médicos para suprimir a produção de testosterona antes de passar por uma das fases iniciais da puberdade, ou aos 12 anos, o que ocorrer mais tarde.

A CAS (Corte Arbitral do Esporte, na sigla em inglês) — espécie de Supremo Tribunal para esportes internacionais — anulou a decisão da Fina, se contestada? A história sugere o contrário.

A campeã sul-africana Caster Semenya perdeu sua tentativa perante o tribunal de derrubar as regras de testosterona do atletismo, encerrando efetivamente sua carreira olímpica. A CAS deci-

diu em 2019 que a política do atletismo era "discriminatória", mas também "necessária, razoável e proporcional" para garantir um jogo justo nos eventos femininos.

Dois árbitros seniores da CAS, incluindo o árbitro principal no caso de Semenya, estavam entre os especialistas jurídicos e de direitos humanos da Fina e estavam convencidos de que a federação atendeu ao padrão "necessário e proporcional", disse Doriane Lambelet Coleman, professora de direito na Universidade Duke especializada em sexo e gênero. Ela ajudou a redigir a política da Fina.

Em novembro, o COI (Comitê Olímpico Internacional) advertiu contra presumir, sem provas, que os atletas tenham uma vantagem competitiva injusta "devido a suas variações de sexo, aparência física e/ou status de transgênero". Mas isso era apenas um princípio orientador. OCOI cedeu a determinação das regras de elegibilidade às federações esportivas internacionais.

Uma situação complexa pode ficar ainda mais confusa. Digamos, por exemplo, que a natação dos EUA ignore a política da Fina quando as Olimpíadas de Paris chegarem, em 2024. Isso poderia deixar Thomas na posição embaraçosa de ganhar uma vaga na equipe olímpica norte-americana, mas ser inelegível para competir em Paris. A política da Fina prevaleceria sobre a política da USA Swimming (federação dos EUA).

Apenas uma coisa parece certa, disse Tommy Lundberg, pesquisador sueco que estudou atletas transgênero: "Será impossível agradar a todo o mundo".



Anderson Lima/fotografica/Agência O Globo

CORINTHIANS E FLAMENGO AVANÇAM NA COPA DO BRASIL

O Santos venceu o Corinthians por 1 a 0, gol de Marcos Leonardo (foto), nesta quarta (13), na Vila Belmiro, em Santos (SP), resultado que confirmou a classificação do Timão para as quartas de final da Copa do Brasil, já que havia vencido na ida por 4 a 0. No Maracanã, o Flamengo bateu o Atlético-MG por 2 a 0 e também carimbou a vaga. Fortaleza, mesmo com a derrota por 1 a 0 para o Ceará, também passou de fase. Assim como o Atlético-GO, que derrotou o Goiás por 3 a 0. São Paulo e Palmeiras decidem, hoje, a última vaga nas quartas, no Allianz Parque, às 20h. O Tricolor venceu o jogo de ida por 1 a 0 e tem a vantagem do empate. A CBF fará o sorteio dos confrontos das quartas na próxima terça-feira (19).

Excluir Reinaldo de lista de centroavantes é crime de lesa-futebol

Escolher os melhores acaba em polêmica. Mas há esquecimentos imperdoáveis

Juca Kfourti

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". E formado em ciências sociais pela USP

Tocada pelas homenagens ao centroavante Fred, esta coluna fez uma lista de camisas cujo 11º lugar, para completar um time de goleadores, foi preenchida pelo ídolo tricolor.

Arthur Friedenreich, Leônidas da Silva, Ademir de Menezes, Vavá, Coutinho, Tostão, "Sô" na Copa de 1970, Roberto Dinamite, Romário, Careca e Ronaldo Fenômeno.

Alguém poderia reclamar, e como houve quem reclamasse, de injustiças, de considerações, por exemplo, Dinamite me-

lhor que o Imperador Adriano. Injustiças, porém, podem ser atribuídas ao gosto de cada um, mas esquecimentos não têm perdão.

É a coluna se ajoelha no milho por ter cometido um imperdoável, que merece enorme KIRRATA, a errata do Kfourti.

Deixar de fora numa lista de 11 centroavantes o nome de Reinaldo, é crime de lesa-futebol, porque o Rei do Gôlo tem lugar, no mínimo, entre os cinco melhores da história do ludopédico nacional.

Ainda bem que, desta vez, a direção do Atlético Mineiro não publicou nenhuma nota do repúdio, porque o colonista teria de engolir a sem acompanhamento do feijão-tropeiro. A seco!

Feita a correção, e Fred cairia para 12º posição. Só que não.

Tricolores da velha guarda se lembraram de Valdo, assim como corinthianos protestaram diante da ausência de Baltazar, o Cabecinha de Ouro, e outros mais novos ficaram fúrios de vi-

da com a falta de Walter Casagrande Júnior.

Não parou por aí, longe disso. Palmeirenses exigem, com razão, a presença de Mazola e de Evair, alguns até a de Cesar Maluco, e santistas recor-

daram o futebol refinado de Pagão, de fato, genial.

Heleno de Freitas e Paulo Valentim, do Botafogo, como desejo de citá-los?

Serginho Chulapa, Luis Fabiano, os tricolores paulistas, quem a presença deles.

José Trujano se lembrou de

Ipojucan, do Vasco e da Portuguesa, e de Luizão, campeão mundial em 2002 e ainda o brasileiro com maior número de gols em Libertadores, 29, dois a mais que Gabigol.

E Carlyle? Dada Maravilha, o Dário Peito de Aço?, perguntam os mineiros.

E Bodinho, Jardel, Baltazar, o Artileiro de Deus?, desçam saber os gaúchos.

Vejam, rara leitora e raro leitor, em que confusão se meteu o pobre colonista: separamos por aqui, a lista já terá nada menos que 31 nomes, incluindo o de Fred.

O que era para homenagear o artileiro que pendurou as chuteiras virou quase um massacre.

O que permite outra discussão, sobre a falta que fazem centroavantes cumpridores ao atual futebol brasileiro, onde argentinos como Gano e Galleri brilham sem ser chamados para a seleção de seu país.

Ou onde Hulk, aos 35 anos, dá as cartas, apesar de ser obrigatório citar os brasileiros que estão fora, como Roberto Firmino, Gabriel Jesus, Matheus Cunha e Richarlison.

Pronto! Chegamos a 36 camisas.

Melhor parar por aqui e dizer a Fred para não se sentir diminuído, ao contrário, porque deve ser motivo de orgulho estar em lista de elite em mais de um século de futebol no Brasil — basta dizer que Friedenreich começou a carreira em 1909, no Germânia, o nome que o Pinheiros adotava e teve de mudar por causa da Segunda Guerra Mundial.

Então, como a criança que faz arte e não tem como voltar atrás para impedir a bronca dos pais, resta ao colonista dizer que tudo foi mera provocação, que centroavante mesmo, desses de carregar o time nas costas e levá-lo aos títulos que disputa, só em Yuri Alberto!

Veja algumas maneiras de tornar a sua caminhada diária mais efetiva e divertida

Emily Pennington

THE NEW YORK TIMES Nos últimos dois anos o mundo modificou muito sua relação com a caminhada. Milhões de pessoas caminharam pelas calçadas de seus bairros ou percorreram trilhas locais, visando melhorar sua aptidão física, ganhar um senso de comunidade e beneficiar sua saúde mental. Estudos já mostraram que caminhar pelo menos 30 minutos por dia é o bastante para obter benefícios físicos e emocionais importantes.

Mas andar milhares de passos pelas mesmas calçadas de sempre todos os dias pode rapidamente converter um prazer diário numa tarefa repetitiva. Há dezenas de maneiras de modificar sua caminhada e deixá-la mais interessante, desde que você se disponha a abrir a cabeça.

A caminhada nórdica, por exemplo, foi desenvolvida originalmente na Finlândia para treinar esquiadores cross-country durante o verão. Seus praticantes utilizam bastões especiais com ponteiros de borracha para dar estabilidade no contato com a calçada. A atividade envolve também os braços e os músculos do core, convertendo uma simples caminhada num treino que ativa o corpo inteiro. Os praticantes terão em média um aumento de 22% nas calorias gastas e consumirão 23% mais oxigênio. Quanto mais oxigênio seu corpo pode consumir, mais eficientemente ele conseguirá gerar energia durante a atividade física.

Divertir-se também é imprescindível, disse Bill Burnett, diretor executivo do Life Design Lab na Stanford University e co-autor do livro "De-

signing Your Life" (Projetando sua vida, em português). Segundo ele, desde a infância nosso cérebro aprende e desenvolve hábitos através da diversão. "Quando você era criança, aprendia a fazer coisas brincando com elas", ele disse.

Depois de dois anos andando pelas mesmas ruas em San Francisco durante a pandemia, Burnett passou a sentir muita vontade de algo novo. Às vezes ele se propõe a procurar escadarias secretas, flores ou canto de pássaros.

Para o diretor executivo, o modo como apresentamos o exercício físico hoje em dia leva as pessoas a se cansarem de praticá-lo depois de algum tempo, porque é fácil criar um hábito maçante de contar passos com um smart watch. Infundir uma caminhada com um espírito de curiosidade pode ser um antídoto pode-

roso ao tédio.

O aventureiro Alastair Humphreys, autor de "Microadventures: Local Discoveries for Great Escapes" (Microaventuras: descobertas locais para boas escapadas), disse que as pessoas podem alimentar seu lado aventureiro no próprio bairro onde vivem.

Alguns caminhantes têm objetivos grandes, de longo prazo. Talvez você queira cobrir distâncias maiores ou tentar um mochilão. A melhor maneira de preparar seus músculos para atividades de intensidade mais alta é aumentar a resistência. Uma ideia, disse fisiologista e treinadora física Robyn Fog-Wiltse, é carregar uma mochila com pesos.

Ela sugeriu começar com não mais que sete quilos numa mochila com cinto de quadril que, quando é fechado na altura do umbigo, transfere o

peso para suas pernas quando você caminha. Isso ajuda o praticante de exercício físico a evitar as dores na nuca e nas costas provocadas quando uma carga pesada comprime a coluna.

Uma das coisas mais complicadas de engajar-se em caminhar diariamente é encaixar a caminhada numa programação já apertada, disse Jennifer Pharr Davis, autora e proprietária da Blue Ridge Hiking Company. Mas, segundo ela, é possível incluir um pouco de caminhada em momentos inesperados.

Por exemplo, quando estiver buscando seus filhos na escola, estacione a seis quadras de distância e caminhe o resto. Para as crianças, ela acrescentou, terem dez ou 15 minutos para descontraí-las enquanto andam até o carro pode ajudá-las a relaxar e soltar um pouco de energia. Além disso, arrematou, "isso me ajuda a ter um pouco de tempo focada apenas sobre meus filhos".

Segundo uma meta-análise

recente, ouvir música durante uma caminhada ou sessão de treinamento físico intenso comprovadamente reduz o esforço sentido e melhora o desempenho físico. Em outras palavras, exercitar-se mais intensamente não é sentido como tão cansativo quando estamos ouvindo nossas playlists favoritas.

Fog-Wiltse acrescentou que vê resultados semelhantes quando seus clientes ouvem qualquer coisa de sua preferência enquanto estão se exercitando. "Se música não for sua preferência, ouvir um podcast pode ter o mesmo efeito".

O fartlek, que significa "jogo de velocidade" em sueco, é uma espécie de treino de intervalo que envolve uma série de momentos de alta intensidade intercalados com períodos de recuperação. Basta apertar o passo, partindo para uma corrida leve ou caminhada rápida por um trecho curto para elevar sua frequência cardíaca, depois diminuir de novo até se recuperar, depois repetir.



MAIOR SUPERLUA DE 2022

Turistas observam uma lua cheia, conhecida como superlua, enquanto um avião comercial voa, em Moscou, Rússia; o fenômeno acontece quando o satélite natural chega à fase completa ao mesmo tempo em que sua órbita elíptica faz sua aproximação máxima da Terra

Shamil Zhuravlov / Reuters

O desmonte perverso da ciência

Desmantelamento das políticas científicas e o sofrimento na pandemia

Mirian Goldenberg

Antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é autora de "A Invenção de uma Bela Velhice"

Esta coluna foi escrita para a campanha #ciênciasaSeleções, que celebra o Mês da Ciência. Em julho, cientistas cedem seus espaços para refletir sobre papel da ciência na reconstrução do Brasil. Quem escreve é Terezinha Feres Carneiro, psicóloga, pesquisadora e professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ela é pesquisadora 1A do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e de muito reconhecimento na sua área de pesquisa sobre família, casamentos e conflitos conjugais.

★

Inicialmente, gostaria de agradecer à minha amiga, a antropóloga Mirian Goldenberg, que

generosamente cedeu o espaço de sua coluna de hoje para que eu participasse da campanha #ciênciasaSeleções.

No dia 8 de julho celebra-se, no Brasil, o Dia Nacional da Ciência e do Pesquisador. Infelizmente, vivemos em nosso país tempos obscuros no que diz respeito à valorização e ao financiamento da ciência e à formação dos pesquisadores.

O Brasil tem enfrentado graves problemas sociais, econômicos e políticos, problemas estes com alto potencial para interferir negativamente na saúde, sobretudo na saúde mental, da população. Além disso, enfrentamos a pandemia da Covid-19 e suas consequências como isolamento social, perda de entes queridos, descrença no futuro, crise econômico-

financeira, fechamento das escolas, provocando sobrecarga de atividades para os pais em trabalho remoto.

Inúmeras famílias vivenciaram a morte de parentes sem ter a possibilidade de realizar rituais de despedida, tão fundamentais para a elaboração de um luto saudável. Tudo isso reduziu os níveis de bem-estar da população, intensificou conflitos familiares e aumentou a ocorrência de transtornos emocionais.

Apesar da ausência em nosso país de um líder que fosse capaz de gerenciar a grave crise imposta pela pandemia e que levou quase 700 mil brasileiros a perderem a vida, graças à tradicional crença da maior parte de nossa população na ciência, a catástrofe não foi

ainda maior.

Nosso reconhecimento aos cientistas de diversos países, incluindo o Brasil, que desenvolveram as vacinas cujas aplicações evitaram a perda de mais de 20 milhões de vidas humanas em todo o mundo, segundo estudo publicado recentemente pela revista The Lancet Infectious Diseases. Cientistas estes que recomendaram o uso de máscaras, o grande responsável pela redução do índice de contaminação entre as pessoas.

Nossa gratidão aos profissionais da área da saúde, não só aos da linha de frente nos hospitais, mas também aqueles que, baseados em sua formação científica e profissional, estão em suas clínicas e consultórios ajudando as pes-

soas a enfrentarem os seus sofrimentos e perdas.

Na área em que atuo, psicologia clínica, mais especificamente psicoterapia de casal e família, temos nos deparado com o enorme sofrimento psíquico daqueles que perderam entes queridos, perderam empregos, e enfrentam graves crises de ansiedade e de depressão, e intensos conflitos conjugais e familiares. Os processos psicoterapêuticos, fundamentados cientificamente, vêm ajudando aqueles que buscam atendimento na compreensão e elaboração do sofrimento, das perdas e dos lutos.

Atravessa a pandemia com a ausência de uma liderança nacional, com cada estado da federação anunciando regras distintas relacionadas ao cuidado coletivo, ameaça a vida dos indivíduos, desestabilizando o contrato social de convivência social.

Foi a ciência, com suas propostas de cuidado individual e coletivo e informando a cada dia os avanços alcançados, que trouxe o sentido de

continuidade e de proteção aos indivíduos, tendo exercido a função de continente para os medos e sofrimentos da população.

A psicoterapia, em suas múltiplas possibilidades teóricas e técnicas, vem ocupando na sociedade seu lugar de ciência aplicada, podendo acolher as demandas oriundas do sofrimento psíquico e promover mais saúde emocional para indivíduos, casais e famílias.

Como psicoterapeuta, pesquisadora e professora universitária, gostaria de enfatizar a urgência da retomada em nosso país de uma política pública de investimento em pesquisa. O meio científico e acadêmico brasileiro tem, em diferentes fóruns, ressaltado o descabido corte que as agências de fomento ao desenvolvimento científico e à formação de pesquisadores vêm sofrendo no país.

Fica aqui a grande esperança de que, a partir de 2023, um novo governo dê à ciência o lugar de destaque que ela teve em nosso país, e urge que continue tendo.

ACERVO FOLHA

Há 50 anos
14.jul.1972

Diminuição no fornecimento de leite provoca preocupação em São Paulo

As consequências da diminuição do fornecimento de leite aos estabelecimentos comerciais em São Paulo podem ser sentidas em toda a cidade.

Em alguns bairros, o problema está assumindo aspectos mais preocupantes. Na região da Casa Verde de Alta, os caminhões que transportam leite praticamente desapareceram das ruas. Há relatos de moradores que estão há 15 dias sem consumir o produto.

Entre os motivos alegados para a queda no fornecimento estão as geadas em São Paulo e no Paraná, a prioridade dada para a indústria de latácinio e até o preço do leite considerado baixo pelos produtores.



LEIA MAIS EM

acervo.folha.com.br

Beleza interior

David Cronenberg mergulha no bizarro com mais vísceras e sexo em 'Crimes do Futuro', em que o pós-humano e a performance se juntam em festival de atrocidades

Detalhe de cartaz do filme 'Crimes do Futuro'

© Imagem

ANÁLISE

Sérgio Alpendre

"Pacientes que sofriam de condições de pele severamente patológicas induzidas por cosméticos contemporâneos" eram tratados na House of Skin, ou casa da pele, que depois passou a fazer experimentos dermatológicos. E isso que nos informa a pri-

meira narração de "Crimes do Futuro" — não este que chega aos cinemas nesta quinta-feira, mas o homônimo segundo longa do canadense David Cronenberg, feito em 1970.

Isso pode nos lembrar a trama do novo filme, com o qual o cineasta volta à boa forma que não demonstrava desde "Marcas da Violência", de 2005. Mas, entre um filme e outro, existem tantas diferenças,

além dos 52 anos que os separam, que a maior ligação entre eles é mesmo a assinatura.

A começar pela óbvia constatação que o cinema de 1970 era muito diferente do de 2022, tanto no imaginário dos cineastas quanto nas possibilidades de diálogo com o público. Mas também pela observação de que cada filme representa em sua carreira.

Num caso, o uso de atores

amadores e narração como substituição dos diálogos, ausentes por falta de orçamento para o som direto. Um típico filme independente de um cineasta talentoso, mas sem os meios para provar isso, limitação que ocorre em seus quatro longas iniciais, de "Stereo", de 1969, a "Enraivecida Na Fúria do Sexo", de 1977, por melhor que sejam. No outro, o acerto de contas com uma



ESTRANHOS PRAZERES

O longa mostra o canadense de volta às mutações que o consagraram em "Filhos do Medo", passando por "Videodrome", "eXistenZ" e "Crash - Estranhos Prazeres"

antiga obsessão — as deformações do corpo — presente em muitos de seus filmes.

Mas qual seria a principal marca desse diretor? Quais as recorrências estéticas ou temáticas que fariam de Cronenberg um verdadeiro autor, nos moldes do que pregava a "política dos autores", difundida nos anos 1950 pelos jovens críticos da Cahiers du Cinéma?

Continua na pág. C2

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

GATO E RATO

Uma decisão judicial foi a causa da derrubada de sites ligados ao bolsonarista Allan dos Santos nesta semana. Os endereços estavam hospedados na plataforma Wix, que a princípio disse não ter visto motivos para a remoção. A existência de uma decisão abre mais um capítulo no embate travado entre a Justiça brasileira e o apoiador de Jair Bolsonaro (PL).

CUMPRIR "O website e conta em questão foram removidos e bloqueados em razão de específica ordem judicial decorrente de processo judicial que tramita em segredo de Justiça e, por esse motivo, estamos impedidos de fornecer mais informações", diz, em nota, o Wix.

COINCIDÊNCIA Investigado no âmbito do inquérito das fake news e de atos antidemocráticos, Allan dos Santos está foragido desde que teve a sua prisão decretada pelo ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes. Procurada pela coluna, a corte diz que o processo é sigiloso e não responde se a decisão de derrubar os sites do influenciador nesta semana partiu do magistrado.

CHATEADO Na quarta (13), o influenciador usou seu perfil na rede social Gettr para sequeixar do banimento. "Perdi tudo: lives, artigos, alunos etc", escreveu ele, que diz ser alvo de comunistas. À revelia de decisões do STF, Allan já se inscreveu em uma outra plataforma e tenta angariar novos assinantes. "Isso poderá me ajudar a pagar o aluguel", afirmou.

ALÔ A decisão que derrubou os sites foi cumprida após o movimento Sleeping Giants Brasil enviar uma notificação extrajudicial ao Wix reclamando de sua manutenção no ar. O caso foi revelado pela coluna.

AUSENTES O presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), os dois pré-candidatos mais bem posicionados nas pesquisas, não devem participar de uma série de entrevistas individuais que será realizada pela Globo News com presidentes de partidos no fim deste mês.

RSPV Eles deveriam confirmar presença no programa Central das Eleições até o dia 6 deste mês, mas não responderam.

JUNTOS Lideranças de seis partidos assinaram um requerimento para que a Câmara analise, em caráter de urgência, um projeto que quer suspender o porte de armas nas eleições. A proposta é do líder do PSB na Casa, Bira do Pindaré (MA), e tem o endosso de PSDB, PT, PC do B, PDT e PSOL. A articulação ocorreu nesta quarta-feira do deputado Marcelo de Arruda no PR.

A CORES O Coletivo Mulheres em Movimento, do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), denunciou a Jovem Pan News ao Ministério Público de SP o grupo quer que a emissora seja investigada por exibir, sem tarjas ou filtros, o vídeo em que o omelesta Giovanni Quintella Bezerra estupra uma mulher durante o parto. Procurada, a Jovem Pan diz que as cenas não revelam a identidade e a imagem da vítima ou mostram de forma explícita o ato violento.

ESTANTE



Felício Ruyter Santos, 'Filhos do Medo'



Paulo Leminski, 'Incenso Fosse Música'



Bob Wolfenson, 'Incenso Fosse Música'

O jornalista e colunista da Folha José Simão II recebeu convites dos

no lançamento do seu livro de memórias "Definitivamente Simão", na segunda-feira (11), no restaurante Spot, em São Paulo. O fotógrafo Bob Wolfenson II prestigiou o evento. A apresentadora Astrid Fontenelle, o marido, o empresário Fausto Franco, e o filho do casal, Gabriel II, também compareceram

DESOSTO A citação de um poema de Paulo Leminski (1944-1980) pelo ex-juiz Sérgio Moro (União Brasil) durante o anúncio de sua pré-candidatura ao Senado causou indignação entre os familiares do artista. Em mensagem à coluna, a poeta e tradutora Alice Ruiz, viúva de Leminski, critica o gesto. "Eu acinte essa pessoa usar as palavras do Paulo para se promover. O Paulo Leminski jamais concordaria com isso", diz.

ESTROFE Na terça (12), ao discursar durante entrevista coletiva e confirmar a sua intenção de concorrer pelo estado do Paraná, Moro citou os versos de "Incenso Fosse Música".

VERSOS "Como disse uma vez o poeta paranaense, o grande Paulo Leminski, 'isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além? Queremos a grandeza do Brasil e do nosso Paraná. Esse é o objetivo dessa jornada. Nada, nada vai nos detêr", afirmou o ex-ministro da Justiça.

TELINHA A série documental "República dos Juizes", dirigida pelo cineasta Eugênio Puppato, vai abordar a crescente participação do poder Judiciário na configuração atual do poder no país.

TELINHA 2 Dividida em cinco episódios, a obra também vai fazer uma análise de pontos centrais da política brasileira, como o julgamento do Mensalão e a Operação Lava Jato. A produção estreia no dia 24 de agosto no canal Cinebras TV e no streaming Claro +TV.

TRIBUTOS A atriz Vanessa Gerbelli, que está na série "Maldivas" (Netflix), prepara um show em homenagem a Clara Nunes. O projeto terá direção de Amir Haddad. A apresentação deverá ocorrer em 2023, ano que marca os 40 anos da morte da cantora.

Beleza interior

Continuação do pág. C1

Dizer que é simplesmente o tema ou subtema das deformações do corpo é pouco. Talvez a obsessão com o progresso científico e as perversões da mente humana sejam temas amplos o suficiente para dar conta das variações que encontramos em obras magistrais como "Filhos do Medo", de 1979, "Scanners - Sua Mente Pode Destruir", de 1981, "Gêmeos - Móbida Semelhança", de 1988, "Crash - Estranhos Prazeres", de 1996, "eXistenZ", de 1999, ou "Marcas da Violência", de 2005. São esses, aliás, os seus maiores filmes.

Do ponto de vista estético, não há muitas recorrências de estilo, como podemos apontar, por exemplo, nos trabalhos de Stanley Kubrick ou Kenji Mizoguchi, na montagem que segue fluxos de memória em Alain Resnais, na influência da fotografia e do documentário em Agnès Varda ou mesmo no modo de filmar as paisagens e as relações humanas de um John Ford ou de um Michael Cimino.

O estilo de Cronenberg é discreto, funcional, quase como o do cinema clássico americano, de montagem e câmera invisíveis — sendo que há um trabalho magnífico, por vezes quase imperceptível para alcançar essa invisibilidade. Muitos podem até considerar o cineasta um acadêmico, já que não há um estilo pessoal para além do campo contínuo e uma maestria incrível no tempo de cada corte e nas suas opções de câmera.

É "Filhos do Medo", seu sexto longa, que promove o salto de uma direção de câmera talentosa, embora tateante, para um classicismo que permite melhor a exploração de deformações, mutações e banhos de sangue. Como brinde, o filme tem em seu desfecho um dos melhores usos da montagem paralela no cinema de horror. Não é pouco.

Em "Marcas da Violência", nasce a parceria com Viggo Mortensen, continuada com os irregulares "Senhores do Crime", de 2006, e "Um Método Perigoso", de 2011, chegando ao novo "Crimes do Futuro", que repõe a parceria nos eixos de um bom cinema. No século 21, filmes menores completam sua filmografia — "Spider", de 2002, "Cosmopolis", de 2012, e "Majm para as Estrelas", de 2014, seu trabalho mais fraco, até constrangedor em alguns momentos.

"Crimes do Futuro" tem o inegável mérito de aparentar dois filmes semelhantes, pelo tom da criação de um mundo bizarro, uma espécie de trilogia informal da nova carne — "Videodrome", de 1983, e o paradigmático "eXistenZ".

O primeiro brinca com a era do videocassete e a transformação cultural que ela acarretou, incluindo o crescimento da pornografia e dos filmes sujos — que mostram assassinatos reais. Mais — ele já antecipa a simbiose entre a carne humana e o material sintético, também passível de transformações. É a encarnação do vídeo.

Já "eXistenZ" era o último roteiro original de Cronenberg antes de "Crimes do Futuro", o que talvez facilite a comparação entre eles, muito mais justificada que entre os dois filmes que dividem o mesmo nome. Nele também temos o clamor pela morte de uma velha ordem e um dos mais inteligentes embaralhamentos narrativos das últimas três décadas.

Vale mencionar ainda três filmes notáveis — "A Mosca", de 1986, seu primeiro e único blockbuster; "A Hora da Zona Morta", de 1983, uma das melhores adaptações de Stephen King; e "M. Butterfly", de 1993, que promove uma ousada e premonitória transformação sexual travestida de inocência. Cronenberg pensa o cinema como um jogo de bizarrices e transformações.



Viggo Mortensen e Léa Seydoux em cena de "Crimes do Futuro" de David Cronenberg

Cronenberg nos deixa perplexos perante uma arte brutal e presente

Protagonista que diseca seu próprio corpo vira vanguarda da evolução do homem em futuro que fede a morte

CINEMA
Filmes do Futuro
★★★★

EUA, 2022. Dir.: David Cronenberg. Com: Viggo Mortensen, Léa Seydoux, Kristen Stewart. 18 anos. Em cartaz

Inácio Araújo

"Crimes do Futuro" é um filme sobre a beleza interior. Mas a beleza interior segundo David Cronenberg pode não ser exatamente o que você está pensando — é a beleza do interior mesmo. Do interior do corpo humano. E, mais exatamente, de um corpo em mutação. Estamos no futuro, mas as coisas mais antigas. Não é fácil. O homem precisa se adaptar ao futuro, e Tenset pretende ser um farol das transformações que estão por vir.

É um futuro curioso. O filme trabalha certa ambiguidade — ao mesmo tempo em que proclama a fama de Tenset (ou em que ele e Caprice a proclamam, em todo caso), é sempre à beira da marginali-

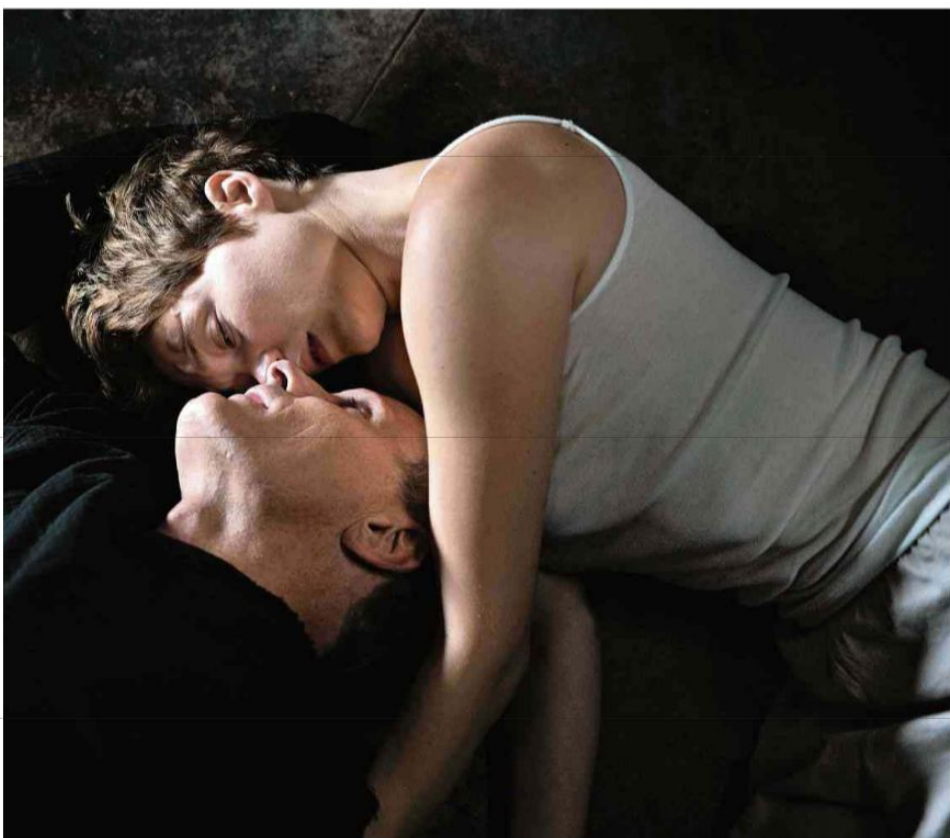
dade que ele se encontra. Nada que lembre um filme político, massivos movimentos são sempre envolvidos em mistério. Parece que a arte que praticamos é propiamente oficial.

O mundo tal como o concebe Cronenberg nos prende antes de tudo a uma cenografia de paredes ora encardidas, ora descascadas, lugares sujos, edifícios envelhecidos. Nada que nos deixe esperar com grande confiança esse futuro em que a transformação do corpo se tornaria. Ou talvez tudo isso seja um encontro estranho entre o antigo e o arquioldemore, como sintomático cheio de coisas mortas.

Arte bruta, pois trata de uma espécie de desordenada evolução, a o mesmo tempo que Saul Tenset busca domar a rebelião que eclode em seu corpo, o que faz dele uma espécie de arauto dos novos tempos, um novo homem. Não é o único, embora seja o que o filme segue de perto. Mas ele pretende concorrer ao concurso de melhor órgão original sem função conhecida. Uma espécie de Oscar desse tempo, em que, como diz um personagem, "o corpo estava dizendo que era tempo de mudar".

É como se Cronenberg tivesse cansado das mutações discretas, interiores — no sentido clássico — de seus personagens nos últimos filmes.

Continua na pág. C3



Continuação da pág. C2

É sentisse necessidade de voltar ao grupo mutante, que vive em estado de agônica euforia — ou seja, bem paradoxalmente — a dor e a alegria de ser uma vanguarda da evolução humana. São eles os protagonistas da grande arte

Cronenberg volta aqui a ser o "bad boy" do cinema. É aquele artista livre de toda lei, disposto a tocar no mais fundo (literalmente) do ser. Como, aliás, lembra um outro personagem, "eles estão evoluindo para longe do caminho humano". É atrevido e de certo modo brutal. Mas não destituído de humor. Não é por acaso que nesse estranho quadro de coisas de repente irrompa uma personagem tão familiar ao presente quanto o doutor Nasatir, cirurgião cosmético. Não é por acaso a cosmética, ramo promissor e lucrativo da medicina, um assombroso pesadelo para os dermatologistas mais estritos?

Pequenas inserções como essas nos levam a pensar se, à parte sua fértil imaginação, Cronenberg já não vê hoje os sinais inquietantes dessas transformações inocentes que talvez estejam nos levando "para longe do caminho humano"?

Difícil afirmar. Como sempre, Cronenberg não deixa o sentido assentar, ganhar alguma estabilidade. Ele também não afirma — questiona, nos devolve à perplexidade.

Que dizer, por exemplo, do menino que, na primeira cena do filme, se põe a comer um balde de plástico? E da mãe que mata a criança, ou melhor, "a coisa", como se refere a ela?

O cinema de David Cronenberg nunca foi, de uma maneira ou de outra, um exercício muito simples. Exige do espectador que dê a ele o mesmo que ele nos dá. É um desafio. Mas a ele não falta gênio.

coleção **FOLHA**
GRANDES
PINTORES

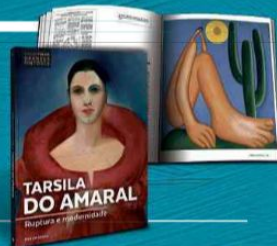


Você por dentro das obras de arte mais impactantes de todos os tempos.

A genialidade e a beleza das pinceladas dos maiores artistas de todos os tempos estão reunidas na **Coleção Folha Grandes Pintores**. São 30 livros que revelam centenas de obras de arte de grandes nomes como Van Gogh, Monet, Leonardo da Vinci, Frida Kahlo e muitos outros em textos leves, de fácil compreensão e gostosos de ler. Não tem como não se apaixonar.

NESTE
DOMINGO
NAS
BANCAS

Tarsila do Amaral
O talento genuinamente brasileiro



FRETE GRÁTIS*

PAGUE EM
12x
até
sem juros
no cartão*

Peça sua coleção completa
ligue 11 3224 3090 (Grande São Paulo)
ou 0800 775 8080 (outras localidades)
DE SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO FÉRIADOS, DAS 8h ÀS 14h

Compre por aqui
ESCANEE O QR CODE



folha.com.br/grandes pintores

FOLHA
DE S. PAULO



*OPORTUNIDADE NAS BANCAS DE SP, RJ, MG, PE, SC E DF. PARA OUTRAS LOCALIDADES, A VENDA SERÁ VIA SITE OU TELEFONE. PREÇO ORÇAMENTAL PARA OS ESTADOS DE SP, RJ, MG E PE. PARA OUTRAS LOCALIDADES, CONSULTAR FOLHA.COM.BR/GRANDES PINTORES. CONFIRAR AS DATAS DE ENTREGA NO SITE. PRECISAMENTO VÁLIDO PARA TODOS OS PREÇOS DE VENDA. COTAÇÃO: 14/07/2022

‘Rua Guaicurus’ vê nas ‘mulheres da vida’ os encontros entre real e ficção

Filme de João Borges retrata prostitutas de Belo Horizonte e embaralha registro e representação

CINEMA

Rua Guaicurus

★★★★★
Brasil, 2019. Dir.: João Borges.
Com: Shirley Santos Dias, Elizabeth Miguel dos Santos, Ariadina Paulino. 18 anos. Em cartaz

Inácio Araújo

Começamos pela localização. O título “Rua Guaicurus” se refere a um local de Belo Horizonte e nada tem a ver com a rua de São Paulo. Pode ser que haja outras pelo Brasil, homenagem do grupo indígena pertencente a essa família linguística. A rua em questão, a de Belo Horizonte, é na zona da cidade. Ali a prostituição é barata, e ali o diretor e roteirista João Borges escolheu como local para sua experiência de tensionamento da dicotomia entre documentário e ficção.

E o espectador pouco prevenido pode até se perder ali. Afinal, quem são essas moças? Prostitutas ou atrizes? E os homens que aparecem com elas? Esse discreto enigma está no centro do filme.

Isso não pode ser um documentário, no sentido clássico da palavra, na medida em que ali existe representação (mas não era assim também num filme como o “Nanook”, de Flaherty, de 1922, em que o esquimó e sua família representavam os próprios papéis?). Mas também não seria exato falar em ficção, já que as questões centrais são trazidas pelas próprias moças.

Talvez a prostituição não seja a profissão mais antiga do mundo, mas é a que mais rendeu sinônimos. O número de palavras que designa uma prostituta é vasto. A maior parte delas exprime despre-

zo, outras são eufemismos, como profissionais do sexo ou mulheres da vida.

No caso, chamar essas pessoas de mulheres da vida talvez não seja eufemismo. As habitantes desse hotel de curta permanência são levadas pela vida, como qualquer pessoa. Algumas precisam do trabalho para criar os filhos; outras porque brigaram com a família. Ou, ainda, como Beth, porque gostam de ganhar dinheiro.

Beth, vale assinalar, é a mais desenvolvida. A melhor atriz, também. Ela se mostra capaz de explicar a natureza do trabalho a uma novata. “Seu corpo é seu patrimônio. Se ficar doente, se não trabalhar, não ganha.” Bela descrição do trabalho autônomo ou, se se preferir, do precariado — ouvi Marilena Chauí usar a expressão — que substitui o proletariado no capitalismo neoliberal.

A força de trabalho é, ali, a força do corpo. A relação com os homens é tão comercial quanto a da vendedora de roupas ou do garçon do bar. Não quer dizer que não exista afeto. Como bem diz Beth a um cliente, ela está ali para dar prazer e receber dinheiro.

Não é o único caso interessante. Vale pensar na moça que, em pleno trabalho, recebe o companheiro, o homem de idade afável que a ajuda a criar o filho e conversa sobre a vida. O que são essas relações? Profissionais ou afetivas? Ou as coisas se confundem, como ficção e documentário?

E esses homens que aparecem, a começar desse simpático idoso? É um ator e recebe para fazer esse papel ou será mesmo o amigo-amante da mulher? E ela própria, até que ponto podemos chamar de prostituta e a partir de

quando a podemos chamar de atriz? A dúvida vale também para os figurantes do filme.

As histórias de vida — e trabalho — que conhecemos têm interesse variado, o que é uma boa escolha. Certos fatos são bizarros — como o ator que quer ser depilado enquanto tem uma ereção —, enquanto outros são monotonamente triviais — as contas a pagar, o almoço, como tem sido o trabalho, os efeitos da crise.

As mulheres da vida se viram para sobreviver. Enfrentam perigos absurdos. Será imaginário ou real a história da que, quando trabalhava em boate, foi ajeitada seis vezes por um cliente? Não sabemos. Mas, em nossas vidas — ou na dela —, qual a relação entre o imaginário e a vida real? Aliás, desde quando o imaginário não faz parte da realidade? Como se vê, as questões lan-

çadas por João Borges não dizem respeito apenas ao cinema. Mas, para ficar apenas no cinema, também não são novidade. O que pretendia o velho Von Stroheim quando fazia seu ator viver numa mina para poder representar o papel de um mineiro em “Ouro e Maldição”? Aproximar o máximo possível a representação e a vida, sem dúvida.

E o que pretendia Jean Renoir quando fez seus atores aprenderem a dirigir uma locomotiva antes de fazerem “A Besta Humana”? Este foi sempre o propósito do naturalismo, antes mesmo de existir cinema, aproximar a representação da realidade. Chegando mais perto de nós, o que queria Abbas Kiarostami, com seus atores amadores, senão, por outras vias, chegar à realidade por meio da representação?

Esses artistas próximos do naturalismo constatam que só se pode captar a vida através da representação. É o mesmo tipo de procedimento que se tem notabilizado a atual escola mineira de cineastas. É a ela que se pode acrescentar agora João Borges, cujo “Rua Guaicurus” é o primeiro, original e notável trabalho em longametrage. Notável, embora não raro desigual. Mas uma coisa não anula a outra.



Cena do filme ‘Rua Guaicurus’, de João Borges, que acompanha rotina de zona de prostituição em Belo Horizonte e está agora em cartaz nos cinemas divulgação

‘Cinemou!’ não inova, mas cativa até quando joga conversa fora

ESCUTA AQUI

Cinemou!

★★★★★

Apresentação: Alexandre Almeida e Ricardo Rente. Disponível no Deezer, Spotify e YouTube

Guilherme Luis

“É inovador e revolucionário? Não, mas, durante aquela meia hora, cria ali para você um lugar tão aconchegante, tão reconfortante.” A fala da crítica de cinema Isabela Boscov virou meme no TikTok porque parece servir para analisar tudo, de refrigerantes a livros — e ainda resume bem o podcast “Cinemou!”. É que, apesar de não ser nenhuma novidade, o programa é um prato cheio para quem gosta de um bom papo sobre cinema.

A definição de Boscov só não é exata porque os episódios

do “Cinemou!” duram muito mais que 30 minutos. Apresentado por Ricardo Rente e Alexandre Almeida, o podcast reserva cerca de duas horas semanais para destrinchar a fundo todo tipo de filme.

O primeiro episódio do projeto foi lançado em outubro de 2019. Desde então, foram produzidos mais de cem capítulos que se debruçam sobre blockbusters, como o novo “Batman”, ou que falam de filmes menos recentes, caso de “O Auto da Compadecida”.

Há também séries temáticas, como a que analisou os oito filmes de “Harry Potter” ou a que dedicou vários episódios aos longas de Christopher Nolan, cineasta conhecido por dirigir uma trilogia de filmes realistas do Batman. O herói, aliás, parece ser um queridinho do “Cinemou!”

que já lançou capítulos sobre quase todos os seus filmes.

Cada episódio começa com um quadro chamado “Papiinho”. Nele, Rente e Almeida repercutem notícias sobre cinema ou séries, comentam alguma produção a que assistiram naquela semana ou discutem algum tema aleatório.

É até interessante ouvir os dois falando sobre amenidades ou dando espaço para títulos que não merecem duas horas de comentários. O problema é que, às vezes, o acerto se estende demais. No caso do recente episódio sobre “O Hobbit: Uma Jornada Inesperada”, os apresentadores falam sobre a série “Pacíficos” durante 32 minutos. Quem não se interessa pela produção, que nada tem a ver com o tema do episódio, precisa esperar bastante para

chegar ao pedaço principal.

Mas a espera vale a pena. Quando Rente e Almeida começam a debater sobre o tema da semana, o tempo do episódio passa com facilidade. Eles analisam cada detalhe do filme — no caso do capítulo sobre “O Hobbit”, por exemplo, eles começam falando do contexto de lançamento do longa, discutem a produção teria dado certo nas mãos de Guillermo Del Toro, falam dos aspectos técnicos do filme e expressam sua visão completa sobre a obra.

Este episódio, aliás, é o primeiro da nova série temática do “Cinemou!”, que vai lançar seis programas mensalmente para esmiuçar cada um dos filmes que rodeiam o universo de “O Senhor dos Anéis”.

Mas pouco importa quão instigante são os temas se

a apresentação não for fluida. Coisa que felizmente não ocorre no “Cinemou!” — o entrosamento entre Rente e Almeida fica evidente na forma habilidosa como eles dividem o microfone e conduzem o ouvinte. A verdade é que parece que eles estão só de conversa fiada.

Rente tem experiência em falar de cinema na internet. Ele é criador de um canal no YouTube, em que grava sobre os filmes que vê e faz análises de trailers. Almeida não é youtuber, mas é um fissurado por cinema que consegue expor suas opiniões com clareza.

O “Cinemou!” também ganha pontos pela sinceridade e intensidade de que os apresentadores têm. Exemplo é o divertido episódio sobre “Venom: Tempo de Carnificina”, em que Rente escucha

o filme. Mas também é bom ouvir a dupla genuinamente empolgada, como no caso do capítulo sobre “Homem-Aranha: Sem Volta para Casa”.

Vale dizer que, além do papo sobre cinema, os dois às vezes falam sobre suas vidas no Canadá, país onde moram. Aliás, essas curiosidades canadenses que fogem ao tema principal do podcast são bastante bem-vindas e deveriam ocorrer com mais frequência para deixar o papo ainda mais dinâmico.

Podcast é um formato que tem feito sucesso entre os moderninhos. No caso do “Cinemou!”, é provável que o programa agrade justamente os cinefílos mais jovens, que têm paciência para ficar duas horas ouvindo dois rapazes jogando conversa fora sobre um filme qualquer.



Abuso de álcool

Um país que vende cachaça a preços ridículos está fadado a ter dependentes

Drauzio Varella

Médico oncologista, autor de 'Estação Carandiru'

É um problema grave de saúde pública. A Organização Mundial da Saúde, OMS, calcula que mais de 40% da população mundial com mais de 15 anos consomem bebidas alcoólicas, contingente de 2 bilhões de pessoas.

Entre elas estão as que fazem uso abusivo, termo técni-

co cuja definição varia entre os países. Segundo o doutor Riad Younes, cirurgião abstêmio: "Uso abusivo é o do paciente que bebe mais do que o seu médico".

O consumo excessivo está associado ao aumento da mortalidade geral e a mais de 200 doenças, das quais ele

é causa necessária em 40. A variedade é grande —vai das crônicas (hepáticas, cardiovasculares, câncer), às transmissíveis (tuberculose, pneumonia, HIV/Aids), aos acidentes e à violência interpessoal. No Brasil, o álcool é o sétimo fator de risco mais importante para mortalidade: 5,5% do

total de mortes.

O Ministério da Saúde criou em 2011 um Plano de Ações Estratégicas, em que uma das metas era a de reduzir em 10% a ingestão abusiva, até o ano de 2022.

De acordo com o plano, ingestão abusiva é "o consumo igual ou maior do que cinco

doses em uma única ocasião para os homens, e igual ou maior do que quatro para as mulheres" (uma dose sendo equivalente a 12 gramas de álcool puro).

Luiza Sá e Silva e colaboradores do Ministério da Saúde acabam de publicar os resultados colhidos em duas avaliações. A primeira realizada em 2013, entre 66.202 participantes de ambos os sexos, com 18 anos ou mais. A segunda em 2019 com 88.513 mulheres e homens da mesma faixa etária.

No ano de 2013, a prevalência do consumo abusivo nos 30 dias anteriores à pesquisa era de 13,7%. No ano de 2019 esse número em vez de cair, aumentou para 17,1%.

Tanto num ano como no outro, a prevalência do abuso foi mais alta no sexo masculino, na faixa etária dos 18 aos 39 anos, nos negros, nos indivíduos com mais escolaridade, residentes em áreas urbanas e nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.

De 2013 a 2019, as prevalências aumentaram em todas as categorias sociodemográficas. Os maiores aumentos ocorreram no sexo masculino (21,6% para 26%), nas mulheres (6,6% para 9,2%) e na faixa dos 25 aos 39 anos (18,9% para 23,7%).

Em relação à escolaridade, a prevalência é mais baixa na população sem instrução ou com curso fundamental incompleto. Apesar de ter aumentado de 11,1% para 12,7%, essa prevalência foi inferior à daqueles com curso superior. Neste grupo mais instruído o consumo excessivo cresceu 30% no período.

Em 2019, a prevalência foi mais alta nas regiões Centro-Oeste (19,6%) e Sudeste (17,4%). A mais baixa foi na região Sul (14,7%).

Na maioria dos estados a prevalência cresceu. Em 2019, os maiores índices foram os de Sergipe (23,7%), Mato Grosso do Sul (21,7%) e Mato Grosso (21,5%).

Em Sergipe, Rio Grande do Norte e Mato Grosso do Sul a prevalência entre os homens ultrapassou 30%.

Conduzida com dezenas de milhares de participantes, o estudo mostra que os brasileiros bebem cada vez mais.

Os números se referem ao consumo excessivo nos 30 dias que antecederam a pesquisa. É evidente que existem diferenças entre um homem que tomou cinco ou mais doses (quatro ou mais se for mulher) uma única vez, nesse período, e outro que o faz todos os dias. No entanto, ultrapassar as quantidades estipuladas na pesquisa, ainda que ocasionalmente, é marcador de risco para alcoolismo.

A principal característica do alcoolismo é a perda de controle. São aquelas pessoas que às vezes nem bebem todos os dias, mas quando começam não conseguem parar. São os que se embriagam mesmo quando juram que nessa noite não beberiam.

Um país que vende um litro de cachaça popular a preços ridículos como o nosso, está fadado a conviver com legiões de dependentes de álcool que sobrecarregam o sistema de saúde, além de causar danos sociais e tragédias na vida familiar.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamil Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Ameaçados de extinção

Documentário discute a crise do jornalismo, mas não vê soluções para os seus problemas

Maurício Stycer

Jornalista e crítico de TV, autor de 'Topa Tudo por Dinheiro'. Entrevistado em sociologia pela USP

Numa versão do PowerPoint do Dallagnol, planejava para virar meme, o jornalista poderia ser posto no centro do diagrama, mas não como responsável por uma rede de malfeitos, e sim como vítima.

Os seus vilões seriam identificados com as seguintes plaquinhas: revolução digital, fake news, redes sociais, governantes autoritários, políticos inescrupulosos, empresários sem visão, assediadores de repórteres.

Apesar da tentativa engraçada de síntese, o gráfico não consegue explicar direito a história. A esta altura dos acontecimentos, aliás, parece cada vez mais difícil fazer entender o que aconteceu com uma profissão que já teve tanta importância e glamour. Deve haver alguma luz no final do túnel, mas está difícil de enxergar.

Ainda bem que tem gente com disposição de, ao menos, apontar claramente os problemas. Como é o caso da dupla Heidi Ewing e Rachel Grady, responsável pelo documentário "Endangered" disponível no HBO Max. O título, que pode ser traduzido como "ameaçados de extinção", é um grande acerto e resume bem o que está em jogo neste momento da história.

Quatro jornalistas, dois repórteres e dois fotógrafos, servem ao filme para descrever quatro diferentes problemas enfrentados pelos profissionais da notícia.

A brasileira Patrícia Campos Mello, que os leitores da Folha têm a sorte de conhecer muito bem, foi escalada para mostrar o que acontece quando o presidente de um país tenta desacreditar um trabalho jornalístico de peso e ofender a honra de quem o realizou. Em outubro de 2018, a repórter mostrou uma prática ilegal de apoiadores do então candidato Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral.

O britânico Oliver Laughland, do britânico The Guardian, documenta os efeitos do fechamento de jornais em pequenas cidades americanas durante a campanha presidencial de 2020, registra a desconfiança que apoiadores de Trump têm da mídia tradicional e mostra como a desinformação se alastra nestes ambientes.

O americano Carl Hulse, profissional veterano do The Miami Herald, fotografa os protestos pela morte de George Floyd na região onde atua. Ao ver o seu jornal adotando medidas de enxugamento e redução de despesas, ele se dá conta de que, talvez, esteja chegando a hora de se aposentar ou dar um novo rumo à carreira.

Por fim, acompanhamos a saga da mexicana Sásheka Gutiérrez, que presta serviços para uma agência de notícias, fotografando diferentes protestos contra a forma como o governo (não) está en-

frentando os violentos crimes contra mulheres no México. A certa altura, Gutiérrez conta que reconheceu um policial que a agrediu numa manifestação, mas não teve coragem de apontá-lo para as autoridades.

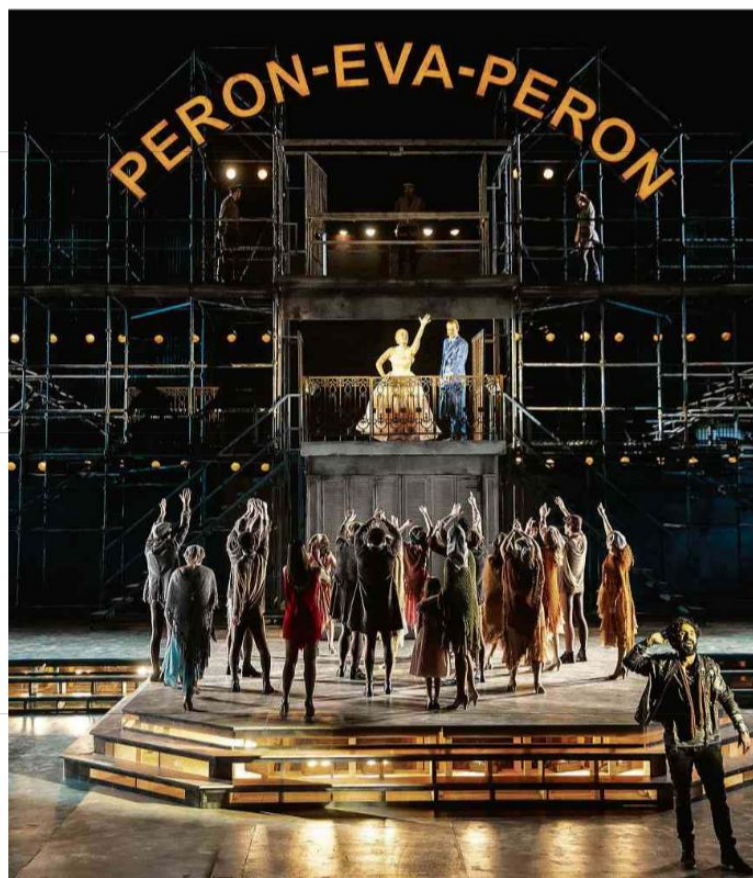
O seu medo se explica. Dados da organização Comitê de Proteção a Jornalistas lembram que mais de cem jornalistas foram assassinados no México desde 2000. O Brasil, como mostrou o documentário "Boca Fechada", de Aquiles Lopes e Marcelo Lordello, fica em segundo lugar nesta triste estatística, na América Latina.

Outro dado oferecido por "Endangered": durante os protestos contra a morte de George Floyd, houve mais de 500 ataques a jornalistas e 140 jornal detidos. Mais um: 25% dos jornais nos Estados Unidos fecharam desde 2004, fazendo com que 65 milhões de americanos vivam em cidades com apenas um ou nenhum jornal.

Resumindo a história, em 90 minutos, o documentário de Heidi Ewing e Rachel Grady pode soar superficial, mas cumpre a função de lançar um grito de alerta, mais um, sobre uma situação desesperadora.

Uma série sobre o tema, desenvolvida melhor cada história, talvez pudesse discutir soluções originais, que ainda não estão à vista, para enfrentar os problemas que ameaçam a profissão de jornalista.

guiafolha



Elenco no palco e na estrutura montados para o espetáculo ao ar livre, na zona oeste da capital paulista

João Caldas/Divulgação

Musical 'Evita Open Air', em SP, transforma política em produto

Clássico ganha nova montagem, desta vez ao ar livre, no parque Villa-Lobos

TEATRO

Evita Open Air

★★★★★
Autores: Tim Rice e Andrew Lloyd Webber. Dir.: John Stefaniuk. Com: Myra Ruiz, Fernando Marriano, Cleto Baccic. No parque Villa-Lobos - av. Quilombo Filho, 1365. Alto de Pinheiros, @evitaopenair. Qui e sex, 20h; sáb e dom, 15h e 19h30. Até 28/8. A partir de R\$ 50. em evita.biint.com/evita. Livre

Paulo Bio Toledo

O musical "Evita", dos ingleses Tim Rice e Andrew Lloyd Webber, foi criado em 1976 e estreou em Londres dois anos depois, com mais de 3.000 apresentações. Assim como na criação anterior da dupla, "Jesus Christ Superstar", de 1970, o

espetáculo lida com a construção de um mito e se interessa pelo fascínio que ele exerce. A personagem histórica, segunda mulher do argentino Juan Domingo Perón, ainda hoje é um ícone no imaginário do país. O poder magnético que exercia em seus discursos, a sensibilidade para com

os mais fracos, a sua beleza e a morte aos 33 anos criaram uma aura mágica e religiosa em torno dela. O refrão "Evita Perón! La santa peronista" ressoa durante o musical, sempre em cor, vinda da massa. Ao mesmo tempo, ao longo da peça, vemos uma mulher ambiciosa, que se apro-

veita de relacionamentos com homens influentes para seguir sua escalada social. Ela também quem incita Perón a avançar na conquista do poder, como uma Lady Macbeth moderna, que apoia a repressão violenta contra críticos.

Tudo indica que Tim Rice usou como um dos materiais de referência uma biografia antiperonista pouco simpática à figura de Eva Duarte: "The Woman With the Whip", escrita em inglês pela autora argentina Mary Main, em 1952.

A ideia é que Evita aparecesse com seu brilho intenso, mas também gerasse desconfiança. Para ressaltar esse jogo pendular, entre o fascínio e a crítica, Rice inventou um narrador para o espetáculo, chamado Che, em referência ao revolucionário argentino, sempre a pontuar sarcasticamente os lances populistas e a retórica demagógica de Eva.

Mas, como se percebe logo na grandiosa montagem atual, Evita acaba por ofuscar tudo a seu redor. Apesar das ressalvas de Che e mesmo que as letras das canções tentem assinalar contradições, como, por exemplo, a proximidade do casal Perón com o fascismo de Franco na Espanha, a efêmera estrutura musical reafirma o fulgor da personagem.

A força daquela mulher é o que parece ter encantado Madonna quando pediu para interpretar Evita em 1996, na versão cinematográfica do musical. Tal conexão entre a figura histórica e a diva pop, contudo, dá a ver também o alto potencial mercantil de um mito contemporâneo.

Aí está um aspecto que brota de todos os lados em "Evita Open Air". Já na entrada do espaço construído ao ar livre no parque Villa-Lobos, passamos por várias tendas vendendo produtos argentinos como souvenirs. O palco, erguido em um parque público, poderia anunciar uma proposta aberta e democrática, levando as artes cênicas para fora dos edifícios intimidadores.

Mas logo as cercas, tapumes, seguranças e bilheterias mostram que o custo é bem alto para viver aquela "experiência" a céu aberto. Assim como muitas vezes acontece na retórica populista, aqui também a praça pública e a multidão são apenas simulacros. Muito já se disse sobre a tendência do populismo em fazer da política um espetáculo — ou, como sugere uma das canções em vez de um governo, há um palco; em vez de ideias, o fervor de um show. A Evita contemporânea intensifica esse processo: o espetáculo faz das paixões políticas um produto. Em vez da reflexão, o brilho da mercadoria.

ESTREIAS DOS CINEMAS

Crimes do Futuro

★★★★★
Quem já viu algum filme de David Cronenberg já sabe o que deve encontrar aqui: mutações, distorções, nojeiras e bizarrices que, como em toda boa ficção científica, falam muito sobre o corpo e a mente humana. Desta vez, prepare o estômago para cirurgias ao vivo que são tratadas como arte num futuro distópico, com direito à autópsia de uma criança, um torneio de órgãos, uma trama policial esquisita e uma reflexão sobre os impactos ambientais a partir de subversivos comedores de plástico. Depois do cinema, o filme entra no Mubi em 29 de julho. EUA, 2022. Dir.: David Cronenberg. Com: Lea Seydoux, Viggo Mortensen e Kristen Stewart. 18 anos

Elvis

★★★★★
O ditado "Elvis não morreu" pode estar velho, mas a nova cinebiografia do astro do rock busca um frescor para encantar todos os públicos. Sob o olhar caleidoscópico de Baz Luhrmann (o mesmo de "O Grande Gatsby" e "Moulin Rouge"), a história do cantor é banhada em cores, efeitos visuais e muitos números musicais. Quem assume o tope é Austin Butler, nome já conhecido da Disney, considerado o galã do momento. EUA, 2022. Direção: Baz Luhrmann. Elenco: Tom Hanks, Austin Butler e Olivia DeLange. 14 anos

Garota Inflamável

Este filme alemão retrata uma jovem "nem-nem", que não estuda nem trabalha, e vive num acompanhamento médico bancado pela herança dos pais. Atrama, inspirada em observações da diretora Elisa Michto, muda com a chegada de uma nova supervisora. Alemanha, 2019. Direção: Elisa Michto. Com: Katharina Schüttler, Martin Wuttke e Giuseppe Battiston. 16 anos

O Rio de Janeiro

Este filme alemão retrata a encenação, o neto de um marinheiro sobrevivente da Revolução da Chibata conta a história de seu avô, que teria apresentado o comunismo a um amigo — ninguém menos do que o Ho Chi Minh, que viria a ser o líder da independência vietnamita. Essa história, que mistura o falso e o verdadeiro, parte do Rio de Janeiro para imaginar uma realidade sociopolítica que atravessa o século 20.

Rua Gualcirus

★★★★★
Ficção e realidade também se confundem neste filme sobre uma das maiores zonas de prostituição do país, no centro de Belo Horizonte. Entre dezenas de hotéis a câmera de João Borges invade — ou encena — a intimidade de prostitutas — ou seriam atrizes, quem sabe as duas coisas? O longa exhibe do cotidiano mais singelo às relações que, entre quatro paredes, o mundo vê de forma reducionista. Brasil, 2019. Direção: João Borges. Com: Shirley Santos Dias, Elizabeth Miguel dos Santos e Ariadna Paulino. 18 anos

A Quêda

Daniel Rocha vive um fotógrafo forense que cuida do avô doente e acaba se envolvendo em uma trama cheia de intrigas ao tentar desvendar um misterioso suicídio. No caminho, ele se relaciona com a antiga médica da vítima. Brasil, 2021. Direção: Diego Rocha. Com: Daniel Rocha, Gracinda Junior e Branca Messina. 16 anos

'Chaves - Uma Aventura no Circo' desperdiça nostalgia da série com malabarismos

TEATRO

Chaves - Uma Aventura no Circo

★★★★★
Direção: Zé Henrique de Paula. Com: Luiz Rodrigues, Renan Souza e Vivi Bertocco. No Mooca Plaza Shopping - Cap. Pacheco e Chaves, 313, Vila Prudente, região leste. Qui e sex, 20h; sáb, 15h, 17h30 e 20h30; dom, 15h e 18h. Até 28/8. A partir de R\$ 50 em ticketson.com.br/circo-do-chaves. Livre

Guilherme Luis

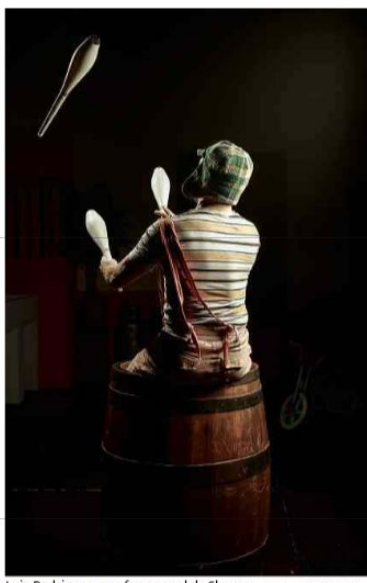
Uma garotinha se alegria ao ver que Chaves, personagem que ela adora, aparece de repente no seu quarto. Depois de um papo, os dois param para observar uma mulher se pendurar num trapeço.

A cena não faz muito sentido nem traz explicações. E quem está na plateia do espetáculo "Chaves - Uma Aventura no Circo" começa a se empolgar de verdade só depois, quando surgem no palco os personagens Quico, Dona Florinda, Seu Madruga e outras figuras do seriado mexicano.

Num cenário que imita a clássica vila, eles se juntam para cantar a música de abertura da série, trazida ao Brasil pelo SBT na década de 1980. Mas essa nostalgia logo dá lugar ao tédio nas quase duas horas de duração da produção, que está em cartaz no Mooca Plaza Shopping, na zona leste de São Paulo. Misturando personagens a atrações circenses, o resultado, como era de se esperar, é a sensação de que uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Na peça, Chaves e a garotinha se juntam aos outros moradores em esquetes curtas e engraçadas. Isso é o que interessa e o que o público quer ver, mas as cenas aparecem recheadas de longas performances de malabarismos, contorcionistas e equilibristas, em sequências desconexas.

Tanto que os artistas circenses precisam pedir por mais aplausos o tempo todo, enquanto a turma do Chaves é facilmente ovacionada.



Luiz Rodrigues, que faz o papel de Chaves

Stephano Solari/Divulgação

turismo



A galeria Adriana Varejão no Instituto Inhotim, em Minas Gerais, um dos museus contemplados nos programas que antes só eram feitos de forma pontual pelo concierge

João de Sá/H/ Instituto Inhotim

Arte dos arredores vira roteiro no Fasano de BH

Programas culturais para hóspedes do hotel de luxo incluem Inhotim e o recém-inaugurado Boulieu, em Ouro Preto

João Pessarolo

BELO HORIZONTE Banheiro em mármore com chuveiro de alta pressão, lençóis de algodão egípcio 300 fios e uma poltrona original Sérgio Rodrigues na decoração de uma suíte de 45 metros quadrados: o combo que parecia exagero em muitos lugares não espanta quando se fala da hotelaria de luxo.

A rede Fasano, um dos maiores nomes do setor no Brasil, levou em outubro de 2018 quartos como este — cuja diária sai por quase R\$ 3.000 — à capital mineira, onde agora lança uma série de pacotes na tentativa de posicionar Belo Horizonte como destino turístico, aproveitando as cidades históricas próximas e seus museus.

Se do lado de fora há, por exemplo, Inhotim, um dos maiores institutos de arte contemporânea a céu aberto do mundo, do lado de dentro o hotel presta um serviço de quarto atento aos detalhes.

O lobby é uma grande sala de estar que mistura o móvel moderno brasileiro, com

poltronas de Percival Lafer e John Graz, a bancos e luminárias vintage garimpados em Tiradentes, cidade histórica mineira.

Ao lado fica um jardim de inverno onde é servido o café da manhã, e que, à noite, se transforma no Gero, o restaurante italiano do Fasano.

Nele, uma "parede" de aço corten divide os ambientes interno e externo. Ametéria prima, típica do estado que mais produz aço no país, era usada pelo artista mineiro Amílcar de Castro para fazer suas esculturas, de modo que a decoração do restaurante é também um aceno para as peculiaridades de Minas Gerais.

O Fasano de Belo Horizonte é o segundo maior da rede em número de quartos, ficando atrás somente da unidade do Rio de Janeiro. São 75 apartamentos, cada um com um leilante próprio, mais duas suítes presidenciais na cobertura — uma delas tem piscina ao ar livre e elevador privativo que dá acesso à garagem. Funcionários informam que é nas suítes que grandes nomes da MPB costumam se hospedar.



Camas no spa do Fasano Belo Horizonte

Flávia Zydl/Divulgação

O público do hotel, aliás, vem mudando neste retorno pós-pandemia, conta Mariana Sobreira, relações públicas da unidade mineira. Diminuiu o número de hóspedes de negócios e aumentou o de famílias. Para contemplar esta mudança, o Fasano agora oferece de forma estruturada uma série de programas culturais e gastronômicos em Belo Horizonte e nas cidades ao redor — passeios que antes eram feitos de forma pontual pelo concierge.

E mesmo que alguns dos ro-

teiros oferecidos sejam batidos, há também novidades a se explorar. Uma delas é o recém-inaugurado museu Boulieu, em Ouro Preto, instituição dedicada a exibir arte barroca das Américas e da Ásia.

São mais de mil peças em exposição, provenientes de um acervo do casal de colecionadores Jacques e Maria Helena Boulieu — ela, uma brasileira católica, e ele, um francês amante da arte.

Os Boulieu coletaram imagens sacras esculpidas em madeira e pratarias em suas via-

gens pelo mundo, antes de doar a coleção para a Arquidiocese de Mariana com o intuito de que, a partir dela, fosse formado um museu.

No Boulieu, vale olhar com calma para a arte sacra do Nordeste entre os séculos 18 e 19, dado que é possível notar as características próprias das peças produzidas em cada estado da região. As santas esculpidas na Bahia, por exemplo, têm bastante douramento nas superfícies, enquanto as de Maceió têm menos — seus bustos são mais largos, por outro lado.

As outras novidades estão em Inhotim, um imenso museu a 60 quilômetros da capital mineira que mistura paisagismo com obras de arte ao ar livre e pavilhões dedicados aos principais artistas da cena contemporânea.

Uma delas é a exposição temporária na galeria Mata, que está agora dedicada a apresentar o acervo do Museu de Arte Negra, um conceito criado há décadas pelo já falecido pintor Abdias Nascimento, mas que nunca chegou a ter uma sede própria,

embora possua obras relevantes para entender a arte do Brasil nos anos 1960 e 1970.

A mostra em cartaz aborda o Teatro Experimental do Negro, que tinha como propósito conquistar espaços para pessoas negras nas artes cênicas — vale prestar atenção em uma parede de só com pinturas de Jesus Cristo negro.

A outra novidade de Inhotim, essa na galeria Praça, é uma exposição de fotos e de um filme de Isaac Julien tematizando o que era ser um homem negro homossexual na Nova York dos anos 1920. O museu tem se voltado às representações da negritude, seguindo uma tendência atual das artes.

Na passagem por Ouro Preto, a reportagem foi ciceroneada por Rodrigo Câmara, cenógrafo e designer dono de uma loja de antiguidades, "O que faz uma experiência?", questiona Câmara. "Se você sai do mesmo jeito, não é uma experiência. Experiência é algo que não seja falso, que te faça voltar diferente do lugar."

O jornalista viajou a convite do Grupo Fasano

Assentos confortáveis no avião?

São possíveis na prancheta, mas não na lógica do lucro que move aeronaves

Josimar Melo

Crítico de gastronomia, autor do "Guia Josimar", sobre restaurantes, bares e serviços em São Paulo.

Me parece uma grande contradição. Nos tempos pós-pandemia (se é que já chegaram), explodem as viagens, hotéis, e aviões lotam. Não que seja um fenômeno unicamente do turismo. Em tudo o que acontece agora com presença de público, há uma presença exponencial de público.

Competições esportivas mundo afora? Bombando de público. Bial do Livro de São Paulo? Recorde (ou quase) de visitantes. Entrega de prêmios de gastronomia da revista Prazeres da Mesa? Nunca vi tão lotada.

Parece uma coisa lógica. Depois de tanto tempo transfiados em casa, e depois da quarentena mais um bom tempo sem grandes eventos presenciais, as pessoas estão sedentas por uma "aglomeração do bem" — ou seja, participar de eventos relevantes e, ao mesmo tempo, poder confraternizar com seus semelhantes.

Onde está, então, a contradição mencionada no primeiro parágrafo? Não numa inexistente oposição entre o desejo das pessoas de se encontrarem e os perigos que ainda residem (literalmente) no ar.

O que me chama a atenção é, sim, a falta de sensibilidade dos responsáveis por espaços públicos diante deste natural desejo pelo desafogo por parte das pessoas. Ainda mais considerando que esta corrida pelos locais de recreação pode dar muito lucro para os responsáveis por eles — que poderiam, como retribuição, oferecer gentis contrapartidas.

O que eu vejo pela frente, porém, é bem diferente. Tomo como exemplo os estudos que vêm sendo feitos sobre como otimizar o espaço das aeronaves, e que, em geral, são voltados pa-

ra empilhar mais gente (e mais dinheiro) em menos espaço.

Talvez você se lembre da brilhante ideia que tiveram tempos atrás, de fazer nos aviões "assentos de pé" — praticamente apoios de bunda em que a vítima aérea apenas se recostava num apoio vertical.

Agora é a vez dos assentos "double decked" — com fileiras sucessivas em dois níveis, sendo que, ao passageiro de baixo, restava visado claustrofóbico das fundas do assento de cima.

Nenhuma surpresa, tudo dentro da lógica capitalista de ganhar o máximo às cus-

tas do sofrimento máximo do máximo de pessoas. Um velhinho normal.

Bom saber também que, ao mesmo tempo, há gente indo no caminho contrário, pensando no bem-estar de seus semelhantes. Não, não me entenda mal, não são os magnatas (ou os que vivem das suas migalhas, especialmente quando são de capital aberto) das companhias aéreas. São apenas os sonhadores de sempre.

É o caso dos designers que criam coisas que, na maioria das vezes, não saíram das pranchetas (quer dizer, das telas). Por exemplo: na recente feira AIX (Aircraft Interiors Expo, exposição de interiores de aeronaves, na cidade francesa de Aix-en-Provence), foram premiados designers criativos focados em saúde, segurança e configurações flexíveis.

O que mais me encantou foi de um time que começou concebendo um avião elétrico num

tamanho que facilitaria o uso de aeroportos menores. E o desenho do interior da aeronave, assinado por Ken Kirtland, do Georgia Institute of Technology, em que estão assentos dispostos em diferentes posições, com vistas através de grandes janelas.

Outros projetos visionários estiveram ali na feira, e por toda parte no mundo. A angústia é ver tantas boas ideias — provando que é possível pensar no cidadão, no consumidor, com uma cabeça generosa e artística — mas dificilmente vê-las em prática, porque implicariam uma margem de lucro menor. E por esta lógica, é preciso maltratar (e não premiar) quem dá a eles este lucro todo. Faz sentido pra você? Para mim parece uma grande contradição. Pensando, é claro, com o parte dos 90% dos componentes do ser humano, não como o restante que se lócupeta com nossas noites insones, no ar ou em terra.

Estúdio**FOLHA** : APRESENTA

FOCO

NOS
BAIRROS
BUTANTÃ

Respiro na cidade

Parque Chácara do Jockey tem 143 mil m² para lazer e descanso

Pág. 3



...
Parque Chácara
do Jockey

refúgios na cidade

Masao Goto Filho/Estúdio Folha

Grandes áreas verdes, somadas à infraestrutura e mobilidade, se tornam cada vez mais aliadas de uma boa qualidade de vida. Entenda os benefícios de morar no Butantã, perto de mais de 143 mil m² de áreas verdes, fácil acesso através de importantes vias, linha 4-amarela do Metrô, além de muitos comércios e serviços

Praia na cidade

Veja modalidades que podem ser praticadas na areia

Pág. 4



Clima quente

Decoração tropical leva frescor para dentro dos apartamentos

Pág. 6



Estúdio**FOLHA** : APRESENTA

● ● ●
Estação
Vila Sônia



Fotos Masao Goto Filho/Estúdio Folha

Região do
Butantã não
para de se
desenvolver
em mobilidade,
comércio e
serviços

em transformação

O Butantã, em São Paulo, é um bairro em constante transformação. Sem perder o ar residencial e o clima de tranquilidade, a região assiste ao surgimento de novos comércios e vê crescer sua oferta de serviços, além de ganhar em infraestrutura urbana e mobilidade.

A estação Vila Sônia (linha 4-amarela) do metrô permite ao morador chegar em poucos minutos a regiões como o eixo de negócios da avenida Faria Lima, às lojas e à noite badalada de Pinheiros e ao comércio e às atrações da rua Oscar Freire e da avenida Paulista.

A linha 4-amarela também faz conexões com as linhas 1-azul, 2-verde e 3-vermelha do metrô, além das linhas 7, 9 e 11 da CPTM, criando ainda mais alternativas de deslocamentos pela cidade.

Para quem se locomove de carro, a região do Butantã também é uma ótima opção, pois é servida por grandes avenidas como a Professor Francisco Morato, a Eliseu

de Almeida e a Pirajussara, que permitem acesso rápido à marginal Pinheiros e a outras regiões de São Paulo.

Com comércio e serviços em desenvolvimento, essa área da cidade apresenta ampla oferta de supermercados (Carrefour, Dia, Makro e Assai, entre outros), hortifrúteis, farmácias e bancos, entre outros serviços.

Outro importante centro de compras da região é o Butantã Shopping, com mais de cem lojas, restaurantes, lanchonetes, cafés e atrações para crianças.

Saindo do Butantã, o morador ainda consegue chegar em poucos minutos a alguns dos principais shoppings da cidade como Morumbi Town e Jardim Sul.

Para o lazer de toda a família e a prática de esportes, a região apresenta uma das mais novas áreas da cidade, o parque Chácara do Jockey, com mais de 143 mil m² de área, o equivalente a 20 campos de futebol.

O local tem quadra polies-



portiva, campos de futebol, pista de caminhada, equipamentos de ginástica e um skate park, além de trilhas, lago, bosques, jardins e gramados.

O bairro está localizado também a poucos minutos do estádio do Morumbi, que recebe shows nacionais e internacionais, de atrações culturais como a Casa de Vidro Lina Bo Bardi e a Fundação Maria Luisa e Oscar Americano.



EstúdioFOLHA: APRESENTA

Fotos Masao Goto Filho/Estúdio Folha

conexão com a natureza

● ● ●
Parque Chácara
do Jockey



Morar perto da natureza ajuda a melhorar a saúde, alegria a vida social e acrescenta bem-estar a toda a família

Estar ao ar livre, sentar na grama, sentir a brisa, respirar ar puro, exercitar-se, brincar e relaxar.

O contato com a natureza gera uma série de benefícios ao corpo e à mente, promove o bem-estar e proporciona a oportunidade de se criar memórias únicas ao lado da família.

Esse é um privilégio que se transforma cada vez mais em necessidade para quem mora

em grandes cidades.

Não à toa, regiões próximas aos parques estão se tornando cada vez mais valorizadas em São Paulo.

Refúgios verdes, como o parque Chácara do Jockey, na zona sul, um dos mais novos da cidade, proporcionam essa experiência única.

O parque tem espaços para prática de esporte, equipamentos de ginástica, vegetação, trilhas, lago, playground. Casa de Cultura, entre outras atrações.

Cenários para transformar a qualidade de vida e criar novas vivências, os parques estimulam o convívio social, a prática de esportes em grupo e a convivência familiar.

Um estudo realizado por cientistas ingleses, por exemplo, revelou que morar perto de áreas verdes ajuda a diminuir a incidência de problemas relacionados à saúde mental, como depressão e ansiedade.

Já uma pesquisa publicada na revista Behavioral Sciences por pesquisadores das universidades estaduais de Indiana e Illinois, nos Estados Unidos, mostrou que a visita a parques aumenta o nível de alegria das pessoas. Quanto mais árvores

mais bem-estar.

A presença de áreas verdes também ajuda a melhorar a qualidade do ar.

As árvores são pulmões naturais necessários para transformar o ar respirado nas grandes cidades. As áreas verdes também proporcionam mais conforto térmico à região onde estão instaladas. Elas tendem a apresentar temperaturas mais amenas. Isso acontece porque as árvores ajudam a regular a temperatura.

Com o ar mais puro, cai também a incidência de problemas respiratórios.

A prática de exercícios ao ar livre, por sua vez, leva a um melhor preparo cardiorrespiratório, ajuda no controle de diabetes e colesterol, entre outros benefícios ao corpo.

A vegetação também reduz os níveis de poluição do ar e sonora. As árvores atuam como uma espécie de bloqueador natural de ruídos, protegendo os ouvidos de quem frequenta os parques e mora em seu entorno.

As áreas verdes são um privilégio para o corpo, um respiro para a mente e para a saúde das pessoas e de toda a cidade.



Estúdio**FOLHA** APRESENTA

Shutterstock



Não é preciso sair da cidade para sentir o clima de praia e cuidar do corpo e da saúde; conheça modalidades praticadas na areia

pé na areia

Colocar o pé na areia, sentir o vento, umir treino físico a diversão. Modalidades esportivas praticadas na praia também podem ser praticadas na cidade.

Conheça alguns esportes que se tornaram febre em São Paulo e proporcionam experiências sociais únicas enquanto trabalham o corpo e a mente. O beach tennis, por exemplo, registrou um salto na proci-

ra. Só no estado de São Paulo, o número de quadras dobrou desde 2020 —são mais de 900, segundo a CBBT (Confederação Brasileira de Beach Tennis).

1. BEACH TENNIS

O esporte da vez entre os paulistanos leva as raquetes e a bola de tênis para a quadra de areia.

A modalidade surgiu há cerca de 30 anos na Itália. Era um esporte de verão, praticado nas

praças. Atualmente invadiu as quadras de areia da cidade.

Ele pode ser praticado em contra um ou em duplas, como o tênis. Além de ser um jogo divertido e dinâmico, o beach tennis promove uma série de benefícios à saúde.

A modalidade queima muitas calorias, cerca de 600 por hora, por conta da intensa movimentação de um lado para o outro e pelo esforço da muscula-

latura das pernas.

Todos os grupos musculares também são exigidos durante uma partida de beach tennis.

Por ser praticado em uma quadra de areia, que absorve mais o impacto, o esporte também ajuda a preservar as articulações dos tornozelos, dos joelhos e dos quadris e evitar lesões.

Os praticantes também ganham em condicionamento físico já que o beach tennis exige

fôlego, explosão e resistência para correr e saltar. Com toda essa movimentação, o beach tennis reduz o estresse diário, fortalece o sistema imunológico, favorece o trabalho em equipe e treina a mente para a tomada de decisões rápidas.

2. VÔLEI DE PRAIA

Na mesma quadra do beach tennis, mas com uma rede mais alta, é possível praticar outra modalidade já tradicional no Brasil, o vôlei de praia.

Em competições oficiais, é jogado em duplas, mas pode ser feito em outros formatos, com trios ou quartetos.

Assim como o beach tennis, o vôlei de praia promove alto gasto calórico, fortalecimento muscular e condicionamento físico.

3. FUTEVÔLEI

O Futevôlei nasceu nas praias do Rio de Janeiro. É uma modalidade que pode ser praticada na mesma quadra do vôlei de praia e disputada em duplas, trios, quartetos ou como os praticantes quiserem.

O objetivo é fazer a bola passar para o outro lado da quadra usando os fundamentos do futebol, sem tocar a bola com as mãos.

4. FUTEBOL DE AREIA

Essa modalidade leva as regras e os fundamentos do futebol para a areia.

Nas disputas oficiais, os times têm cinco jogadores.

Por ser disputado na areia, um terreno irregular em que a bola corre pouco, a maioria das jogadas acontece pelo ar.

É uma modalidade que promove também alto gasto calórico e proporciona uma série de benefícios físicos.

5. SLACKLINE

Muito praticado nas praias atualmente, o slackline pode ser feito também em quadras de areia, parques e gramados.

Uma fita de nylon ou poliéster estreita e flexível é amarrada em dois pontos fixos. Os praticantes sobem na fita para andar e fazer acrobacias.

É uma modalidade que trabalha muito o equilíbrio.

JÁ PENSOU EM MORAR EM UM HOME RESORT COM 10.000M² DE TERRENO,
NO MELHOR DO BUTANTÃ?

MD.com.br



Perspectiva ilustrada da vista aérea do lazer

CONHEÇA TAMBÉM AS PLANTAS DE 35M² E 87M²

No Blue Home Resort, você vai morar e se sentir sempre de férias, com direito a piscinas com prainha, beach tennis, quadra poliesportiva, mini golf, espaços gourmet, espaço pet e muito mais para toda a família.



Perspectiva ilustrada da fachada

VISITE OS 4 DECORADOS NA AV. PIRAJUSSARA, 4123

Intermediação

Lopes
www.lopes.com.br



4710 2238
bluehomeresort.com.br

Incorporação, construção e vendas

exto
INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO

EXTO BEL EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIOS LTDA | AVENIDA ELISEU DE ALMEIDA, Nº 1415 - BUTANTÃ, SÃO PAULO - SP. FUTURA INTERMEDIACÃO. EXTO CONSULTORIA E VENDAS LTDA. CRECI/SP 29644-J e LPS SÃO PAULO CONSULTORIA DE IMÓVEIS LTDA. CRECI/SP 24073-J. O EMPREENDIMENTO SERÁ COMERCIALIZADO APÓS REGISTRO DO MEMORIAL DE INCORPORAÇÃO. AS INFORMAÇÕES CONTIDAS NESTE MATERIAL PUBLICITÁRIO SÃO PRELIMINARES E SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

Estúdio **FOLHA** : APRESENTA

frescor em casa



Shutterstock

Decoração
com inspiração
tropical leva
frescor, alegria
e cores para o
apartamento

I nspirada na exuberância da natureza, a decoração tropical leva frescor, cores, alegria e brasilidade para dentro de casa.

Para criar essa atmosfera é importante investir em materiais como madeira, fibras e tecidos naturais, e em estampas, cores e formas que remetam à natureza.

O material dos móveis, por exemplo, pode ajudar a conseguir um clima tropical, com uma atmosfera mais rústica. A madeira é um dos principais aliados e aparece em racks, mesas, cadeiras, prateleiras, estantes etc.

Para um quarto, por exemplo, uma cama e mesas de canto de madeira rústica já criam

esse clima. Para completar, tecidos naturais coloridos e em tons crus.

A fibra é outro material que transmite essa atmosfera natural e rústica. Ela pode ser usada tanto em áreas externas, como varandas, quanto em áreas internas, como sala de estar, de jantar e quarto. A fibra compõe a decoração em cestos, cadeiras, mesas etc.

As estampas podem estar presente em cortinas, almofadas, tapetes, revestimento de estofados e até no papel de parede, uma das grandes tendências de decoração atualmente.

Uma opção menos impactante é apostar em alguns itens com estampas mais chamati-

vas, como almofadas e mantas, em contraste com uma base neutra em sofás, poltronas, tapetes e cortinas.

O clima tropical também pede cores vibrantes, mas é preciso estar atento para não sobrecarregar demais os ambientes.

As cores em superfícies amplas, como paredes e teto, devem aparecer em cômodos grandes. Para locais menores, elas podem estar em algumas peças e detalhes, criando um ambiente mais harmônico.

Os tons mais usados para esse tipo de decoração são verdes, rosas, azuis, vermelhos e amarelos.

Outra forma de brincar com as cores nessa tendência

é opor tons claros a escuros, como colocar almofadas claras em uma cama com colcha escura ou um tapete em tons claros em contraste a sofá e cadeiras escuras.

O verde também aparece no uso das plantas, essenciais para levar a natureza para dentro de casa.

O tamanho dos vasos e plantas depende do ambiente em que serão colocados.

Salas e varandas amplas acomodam vasos grandes, pequenas árvores e paredes verdes. Em ambientes menores, vasos pequenos em prateleiras, mesas e até suspensos para facilitar a movimentação são mais indicados.

EstúdioFOLHA

exto
INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO

APRESENTAM

Com estrutura de um resort e complexo aquático único, Blue Home Resort Jockey proporciona clima de férias e muita diversão na rotina dos futuros moradores



Fotos Exto/Divulgação

Perspectiva
ilustrada
de uma das
alamedas do
Blue Home
Resort Jockey

oásis particular

Morar na cidade em constante clima de férias. O Blue Home Resort Jockey, novo empreendimento da Exto, chega ao Butantã com uma estrutura de conforto, lazer e diversão que levará o morador a se sentir em um resort na praia, em um cenário solar de relaxamento e diversão.

Um oásis particular com mais de 10 mil m² de terreno, em uma localização privilegiada em São Paulo, onde a família poderá se sentir sempre de férias.

O Blue Home Resort Jockey apresentará um complexo aquático único, com piscina adulto, deck molhado, prainha, piscina infantil e bar. Um espaço para relaxar, se refrescar, curtir a fa-

mília e os amigos até se exercitar em contato com a água.

Para trazer um clima de praia, o empreendimento terá quadra de beach tennis, a nova febre esportiva dos paulistanos, que vai unir diversão aos cuidados com o corpo e com a mente.

O empreendimento também terá quadra poliesportiva segmentada em duas unidades, espaço fitness equipado e fitness outdoor e uma pista de passeios para bicicletas e caminhadas.

As crianças – e toda a família – poderão se divertir na brinquedoteca, no playground, no salão de jogos e no mini-golf, gerando diversas formas de interação.

Os pets terão um espaço pet agility para se divertir e

gastar energia.

O Blue Home Resort Jockey apresentará ainda salão de festas, espaços gourmet e churrasqueira equipados e decorados para receber amigos.

E para atender às demandas atuais de trabalho e para criar facilidades para o dia a dia, o empreendimento terá co-working, espaço beauty, sala de massagem, bicicletário, ponto para recarga de carro elétrico, wi-fi nas áreas comuns, sala para recebimento e armazenagem de entregas, previsão de loja de conveniência automatizada aberta 24h e local de espera para táxi e Uber.

Os apartamentos do Blue Home Resort Jockey terão 45 m²,

62 m² e 70 m², além de opções de 35 m² e 87 m². Opções de uma ou duas suítes e três dormitórios.

As plantas inteligentes e as comodidades, como previsão de infraestrutura para ar-condicionado nas suítes e dormitórios, projeto de maximização do sinal de wi-fi, terraço com ponto de instalação de churrasqueira a gás, piso laminado entregue nos dormitórios e suítes e muitos outros diferenciais, proporcionarão ainda mais conforto para os moradores.

A localização do empreendimento também é muito privilegiada, a 900 m do metrô Vila Sônia e ao lado da futura estação da linha 4-amarela do metrô, que permite deslocamento fácil

e rápido a regiões como Faria Lima, Pinheiros, Oscar Freire e avenida Paulista.

O Blue Home Resort Jockey também proporciona uma experiência única de morar a apenas 300m do parque Chácara do Jockey, uma das mais novas áreas verdes da cidade, com mais de 143 mil m² com equipamentos de esporte, cultura, lazer e educação, além de muito verde.

Um privilégio para quem mora na cidade grande e busca momentos ao ar livre. Com o verde ao redor e uma estrutura de resort com o pé na areia, o Blue Home Resort Jockey inspira um novo estilo de vida com conforto, diversão e bem-estar.

BLUE

HOME RESORT JOCKEY

O LAZER MAIS COMPLETO DO BUTANTÃ,
EM 10.000M² DE TERRENO, ONDE VOCÊ
VAI SE SENTIR SEMPRE DE FÉRIAS.



Perspectiva ilustrada do lazer

45M² | 62M² | 70M²

VIVA EM UM HOME RESORT.
MERGULHE NESSA ONDA AZUL.

A 300m do Parque Chácara do Jockey, a 900m
do Metrô Vila Sônia e ao lado da futura estação
da Linha 4 Amarela do Metrô.

VISITE O STAND DE VENDAS E OS 4 DECORADOS

waze  Av. Pirajussara, 4123

Intermediação

 **Lopes**
www.lopes.com.br



4710 2238
bluehomeresort.com.br

Incorporação, construção e vendas

exto
INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO